



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, CULTURA E
IDENTIDADE

GIOVANNA DINIZ DOS SANTOS

**SUJEITO E AUTORIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO DE *O POPULAR* SOBRE
AS CONGADAS**

CATALÃO (GO)

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Giovanna Diniz dos Santos

Título do trabalho: SUJEITO E AUTORIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO DE O
POPULAR SOBRE AS CONGADAS

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 13 / 03 / 19

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.
Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

GIOVANNA DINIZ DOS SANTOS

**SUJEITO E AUTORIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO DE *O POPULAR* SOBRE
AS CONGADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de Pesquisa: Discurso, Sujeito e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza

CATALÃO (GO)

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Diniz dos Santos, Giovanna
SUJEITO E AUTORIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO DE O
POPULAR SOBRE AS CONGADAS [manuscrito] / Giovanna Diniz
dos Santos. - 2019.
111 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2019.
Bibliografia. Anexos.

1. Círculo de Bakhtin. 2. autoria. 3. sujeito. 4. discurso jornalístico.
5. congadas. I. Bonvino Stafuzza, Grenissa, orient. II. Título.

CDU 82



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO E DOUTORADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 100/2019

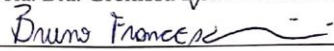
Às quatorze horas do dia dezoito de fevereiro de dois mil e dezenove, no Laboratório de Análise do Discurso, Fonética e Fonologia – LADFFON, Bloco E, Sala 01, Campus I da UFG – Regional Catalão, reuniu-se a Banca Examinadora designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelas docentes: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza [Orientadora], da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Prof. Dr. Bruno Franceschini, da Universidade Federal do Uberlândia – UFU, via *Skype*, para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada “SUJEITO E AUTORIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO DE O POPULAR SOBRE AS CONGADAS”, de autoria da mestranda **Giovanna Diniz dos Santos**, matrícula 2017101051. Iniciando os trabalhos, a Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra à mestranda para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. A duração da apresentação discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou a candidata: APROVADA, estando ATA a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela discente. Regional Catalão, UFG, aos dezoito dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Banca Examinadora:

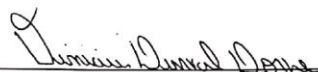

Prof. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG/RC) – Orientadora

Parecer:

Aprovada () Reprovada

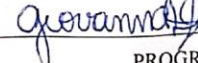

Prof. Dr. Bruno Franceschini (UFG/RC)

Aprovada () Reprovada


Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne (UFU)

Aprovada () Reprovada

Discente:

Giovanna Diniz dos Santos: 

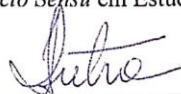
PROGRAMA DE MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO). CEP 75.704 – 020. – Sala 02 – Bloco E. Fone: (64) 3441-5356. E-mail: mestrado.letrascac@gmail.com

Observações (se for o caso):

Visto:

Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos da Linguagem Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão



Prof^a Dr^a Fabíola A. Sartín D. P. Almeida
Coord. Mestrado em Estudos da Linguagem
UFG / RC
Portaria D O U 6171/17

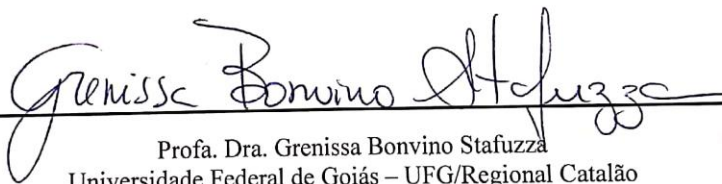
GIOVANNA DINIZ DOS SANTOS

SUJEITO E AUTORIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO DE O
POPULAR SOBRE AS CONGADAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.


Aprovado em 18 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza
Universidade Federal de Goiás – UFG/Regional Catalão



Prof. Dr. Bruno Franceschini
Universidade Federal de Goiás – UFG/Regional Catalão



Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Dedico este trabalho a todos aqueles que lutam e ainda acreditam em uma educação pública e universal de qualidade, que respeite as diferenças e capacidades de todos.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Mônica, que sempre esteve presente na produção deste trabalho, mesmo a quilômetros de distância. Obrigada por sempre me atender nos momentos mais difíceis, por sempre acreditar em mim e na minha capacidade, por ter lutado desde o começo para que eu tivesse uma boa formação. Você é a principal responsável por eu estar aqui hoje!

À minha irmã, Ana Luiza, que também me deu apoio e carinho, tudo mediado por inúmeras conversas de WhatsApp e Skype, mas sempre ao meu lado de alguma forma. Obrigada pela sua forma de me animar e me fazer rir, sua presença foi muito importante para mim. And because we like to talk in English and you helped me with lots of abstracts and with my spoken English in general, I have to say thank you, I love you, sis!

Aos meus avós Maria Rosa e Luiz, por serem meu ponto de apoio em Catalão e estarem sempre dispostos a me receber em sua casa, seja para um sorvete ou para uma conversa.

Ao meu namorado Thomas, por ter me apoiado e me incentivado da sua própria forma, na nossa própria (louca) linguagem. Obrigada por ser meu companheiro de aventuras, obrigada pelas visitas, viagens e conversas por Skype e pessoalmente. Viel danke, meine Indiana! Ich liebe dich!

Às minhas amigas e irmãs de alma: Rubia, Sara, Beatriz, Luiza e Fernanda, que me acompanharam e me deram preciosos conselhos e apoio nesses dois anos de mestrado, além de uma amizade que nem a distância nem o tempo foram (nem serão) capazes de separar.

À minha orientadora, Grenissa, que me ajudou na difícil trajetória pelo território da filosofia da linguagem e esteve firme na missão de orientar este trabalho e me acompanhar até aqui.

Aos professores Antônio Fernandes e Bruno Franceschini, que também auxiliaram na produção desse trabalho com as reuniões do grupo de estudos e apontamentos sobre a arqueogenealogia foucaultiana e como colegas de bar e de cigarro nos corredores da faculdade.

À CAPES, pela bolsa de auxílio à pesquisa concedida, viabilizando a produção deste trabalho.

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
Y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
Se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
Sino estelas em la mar.

(Extracto de Proverbios y Cantares, Antonio Machado)

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar as marcas de autoria e as diversas vozes presentes em enunciados sobre as congadas – festa religiosa de matriz africana celebrada em homenagem a Nossa Senhora do Rosário – realizadas na cidade de Catalão, Goiás. Para isso, a pesquisa tem como *corpus* sete (7) matérias publicadas entre os anos de 2010 e 2014 sobre as congadas pelo jornal *O Popular* e o prefácio “Eu e a congada”, presente no livro *Congada de Catalão*, todos escritos pelo jornalista Robson Macedo. Esta pesquisa tem cunho bibliográfico e analítico, visando comparar matérias jornalísticas com o objetivo de compreender quais discursos constituem o *corpus* e como o sujeito se posiciona e deixa marcas de autoria na materialidade em estudo. Para realizar a análise, foram escolhidos como aporte teórico os estudos sobre a linguagem do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2009, 2011; MEDVIÉDEV, 2012; VOLOCHÍNOV, 2013; VOLÓCHINOV, 2017) e outros teóricos do campo do discurso e do jornalismo. Além disso, a perspectiva dialógica inspirada em Bakhtin (AMORIM, 2001) e a proposta de Rodrigues (2001) de análise do gênero a partir de suas dimensões social e verbo-visual foram utilizadas como metodologia para o estudo da autoria e do sujeito. Dessa forma, foi possível descobrir estilos e gêneros diferentes, regularidades temáticas que evidenciam posicionamentos do sujeito-autor e interações dialógicas com diferentes discursos no *corpus* em estudo. Concluiu-se também que a marca de autoria está presente na forma como o autor dá acabamento ao texto jornalístico e media o posicionamento ideológico dos princípios editoriais do jornal *O Popular*, seu próprio discurso como autoridade apta a falar pela tradição das congadas e também as vozes dos diferentes grupos que integram as festividades, como congadeiros, festeiros, comerciantes e o público frequentador das congadas. Quanto ao sujeito-autor, este também se denuncia ao ter autonomia para transgredir o gênero notícia e se posicionar ideologicamente quanto aos temas da fé e da tradição. A partir disso, este trabalho pode contribuir para a consolidação da perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, além de suscitar outras pesquisas que trabalhem o funcionamento da esfera jornalística e seus processos, linguagens e posicionamentos ideológicos.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; autoria; sujeito; discurso jornalístico; congadas.

ABSTRACT

This piece of work has its purpose on analyzing the authorship marks and the several discursive voices present in utterances about the “congada” – a religious celebration with African roots that happens in honour of “Nossa Senhora do Rosário”, which takes place in Catalão, Goiás. Therefore, the research has as *corpus* seven (7) articles which were published between the years of 2010 and 2014 about the “congadas” by *O Popular* newspaper; and the preface “Eu e a congada”, present in the book “Congada de Catalão”, all written by the journalist Robson Macedo. This research has a bibliographic and analytical nature, and makes use of comparison between journalistic articles to comprehend which discourses constitutes the *corpus* and how the subject positions itself and leaves hints of its authorship in the selected material. To do the analysis, the following theoretical contribution was chosen: studies on Bakhtin Circle’s language (BAKHTIN, 2009, 2011; MEDVIÉDEV, 2012; VOLOCHÍNOV, 2013; VOLÓCHINOV, 2017) and other theorists of the discourse and journalism fields. Furthermore, the dialogical perspective inspired by Bakhtin (AMORIM, 2001) and Rodrigues (2011) proposal of genre analysis based on its verbo-visual and social dimensions were used as methodology for the study of the authorship and the subject. Therefore, it was possible to find different genres and styles, thematic regularities that put in evidence the author’s positionings and dialogical interactions with different discourses. It is also concluded that the authorship mark is presented in the way the author gives an esthetic finishing to the journalistic text and mediates the ideological positioning of the editorial principles of *O Popular* newspaper, its own discourse as an authority able to speak by the tradition of the “congadas” and also the voices of the different groups that integrate the festivities, such as “congadeiros”, festival hosts, salespeople and the public attending the celebration. As for the subject, it’s possible to see hints of its presence shown through their autonomy to transgress the informative genre and position itself ideologically about themes like faith and tradition. Therefore, this work can contribute to the consolidation of the Bakhtin Circle’s dialogical perspective, besides stimulating other researches on the functioning of the journalistic sphere and its processes, languages and ideological positionings.

Keywords: Bakhtin Circle, authorship, subject, journalistic discourse, congadas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - ANÁLISE DO DISCURSO: UM PERCURSO TEÓRICO PARA O ESTUDO DO DISCURSO JORNALÍSTICO	
1.1 O Círculo de Bakhtin e a análise de discursos	15
1.2 Jornalismo como discurso de verdade.....	28
CAPÍTULO 2 - JORNALISMO E A ANÁLISE DO DISCURSO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	
2.1 A esfera jornalística.....	32
2.2 Sujeito e autoria.....	35
CAPÍTULO 3 - O DISCURSO JORNALÍSTICO DE <i>O POPULAR</i> E A TRADIÇÃO DAS CONGADAS: AUTORIA E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO JORNALISTA	
3.1 Jornal <i>O Popular</i>	43
3.2 As congadas de Catalão: entre tradição e modernidade.....	45
3.3 A posição autoral e a constituição do sujeito jornalista nos enunciados sobre as congadas	51
3.3.1 “Eu e a congada”	55
3.3.2 “Tambores para louvar”	62
3.3.3 “Fé em azul e branco”	69
3.3.4 “Inspiração em Minas”	72
3.3.5 “Saúde ao novo rei”	74
3.3.6 “Tradicional terno fica fora de festa”	76
3.3.7 “Catalão celebra a congada”	78
3.3.8 “Soam os tambores”	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

Em tempos de crise do jornalismo, que permeia a multiplicidade de informações em jogo, as redes sociais, as *fake news* e o jogo político atual, torna-se necessário abordar o papel do jornalismo no contexto sócio-histórico em que vivemos. Novas narrativas e novos personagens transformam o modo de se fazer jornalismo e os velhos paradigmas da veracidade e neutralidade são substituídos para dar prioridade a posicionamentos políticos e poder de influência. Uma das mais respeitadas pesquisadoras do jornalismo, Cremilda Medina, em entrevista para a revista *IHU On-Line*, utiliza o termo “jornalista-autor-repórter” em referência ao ideal do profissional em sua opinião, alguém com “presença legitimada para criar a articulação complexa dos sentidos da realidade imediata, com consciência identitária e sensibilidade estética” (MEDINA, 2014, p. 36). A autoria, em sua visão, pode ser um ato ético, possibilitado pelo diálogo com a sociedade e responsabilidade social. Essa visão a respeito do trabalho do jornalista foi a inspiração para escrever este trabalho sobre autoria e sujeito em artigos do jornal *O Popular* que trazem as congadas como tema.

Porém, antes de expor o conteúdo e a metodologia utilizados para esta pesquisa, explico minha trajetória profissional e acadêmica, além da motivação para este trabalho. Como jornalista e pesquisadora em comunicação e estudos da linguagem, as transformações do jornalismo contemporâneo me interessam e me motivam a pesquisar sobre novas narrativas e o papel do jornalista nesse processo. Em 2016, após quatro anos de graduação em Jornalismo, realizei uma série de entrevistas em vídeo que se tornaria parte do meu trabalho de conclusão de curso, o web-documentário *Fluxos do Brasil*, publicado no YouTube¹. O objetivo dessas entrevistas era experimentar um modelo de jornalismo que colocasse em evidência narrativas de pessoas comuns, no caso, migrantes de principais cidades brasileiras. Inspirada no trabalho do documentarista Eduardo Coutinho, a dinâmica de reportagem envolveu a elaboração de um roteiro base de perguntas que instigasse maior envolvimento do entrevistado ao invés de direcionar respostas ou posturas específicas para o desenvolvimento do tema, além de captar, em vídeo, a realidade da filmagem: digressões dos entrevistados, sons ambientes, pausas, entre outros aspectos. Optei ainda por retirar minhas interferências e realizar o mínimo possível de edição, para reafirmar a importância do entrevistado no meu trabalho. Após a publicação do produto final e apresentação da monografia para a banca, foram levantadas questões a respeito da interferência do jornalista e sua relação com a prática profissional, o que suscitou a formulação do projeto de pesquisa para o mestrado.

¹Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCTcLGvsqL05XCDXP66M56zg>>. Acesso em 10 dez. 2018.

Inicialmente, pretendia responder às seguintes questões: O entrevistado detém poder sobre sua narrativa? Qual é o papel do jornalista: mediador ou enunciador? De que forma a mídia hegemônica trata o discurso de outrem? Tendo me fixado na cidade de Catalão, interessei-me por abordar a temática das congadas, pela influência que esta exerce na cidade. Assim, busquei por notícias sobre a congada no site do jornal *O Popular*, pois o formato de busca do site permite encontrar notícias que abordem uma mesma temática, facilitando o trabalho de cotejamento do corpus. As matérias encontradas eram todas assinadas pelo mesmo jornalista e alocadas na editoria Magazine², além disso, ao analisar a matéria “Tradicional terno fica fora de festa” encontrei uma entrevista com o jornalista Robson Macedo, em que este declara ser participante das congadas. Segundo Macedo, seus antepassados também fazem parte da história da Festa de Nossa Senhora do Rosário, evento que a tradição das congadas se funde com elementos católicos. Tive outra surpresa ao procurar por livros sobre as congadas de Catalão: Robson Macedo escreveu um livro sobre o tema, *Congada de Catalão*. Nesta pesquisa, não só utilizo seu livro para abordar o contexto histórico do surgimento das congadas, mas também utilizo o prefácio “Eu e a congada” para análise da autoria. Por isso, a partir destas múltiplas descobertas, interessei-me pelo tema do sujeito no discurso jornalístico, como o jornalista pode trabalhar com determinado assunto que possua ampla familiaridade, como ele garante o efeito de imparcialidade quando sua identidade (como congadeiro) e sua atuação profissional (como jornalista) estão em jogo.

Portanto, com o desenvolvimento da pesquisa e análise do corpus, o trabalho tomou outras formas e encaminhou-se para o estudo da autoria nos textos escolhidos para a análise e do papel do jornalista como sujeito-autor. Isso só se tornaria possível com o aprofundamento das disciplinas do mestrado, em especial às relacionadas com o estudo do discurso e o Círculo de Bakhtin. A participação em eventos e encontros do grupo de estudos GEDIS também trouxeram novos olhares para o *corpus*, ao passo que a pesquisa envolvia mais elementos do estudo da linguagem do que teorias da comunicação. Esse desenvolvimento é resultado de uma relação dialógica própria das Ciências Humanas, em que não só o objeto de pesquisa é transformado pelo pesquisador, mas também o inverso: estudar o profissional jornalista sob o viés dos estudos da linguagem permite sair do lugar de fala como jornalista e também se interrogar como profissional. Nesse sentido, o estranhamento, a diferença e a alteridade são

² Segundo mídia kit do jornal *O Popular*, a editoria Magazine comporta os temas “Saúde, bem-estar, cultura, crônicas, arte, música, literatura, cinema, qualidade de vida, guias, turismo, colonismo social, horóscopo, moda, astrologia, celebridades, televisão, teatro, gastronomia” (Disponível em: <<http://portfoliodemidia.meioemensagem.com.br/portfolio/midia/conteudo-arq/arq236890.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2018).

essenciais para a pesquisa, como propõe Amorim (2001, p. 26), ao dizer que “o pesquisador pretende ser aquele que recebe e acolhe o estranho [...] abandona o seu território, desloca-se em direção ao país do outro, para construir uma determinada escuta da alteridade, e poder traduzi-la e transmiti-la”. Assim, para o estudo da autoria e do sujeito jornalista, foi necessário me colocar no lugar de pesquisadora e estudar o profissional como um outro, aprofundando meu conhecimento a respeito das técnicas, linguagens e posicionamentos ideológicos desse sujeito, apesar de pertencermos à mesma classe profissional.

O trabalho do jornalista e sua rotina profissional, seja nas redações ou na rua como repórter, são rodeados de tradições, regras e uma ética que lhe é própria, instituída pelos manuais de redação e princípios editoriais. O jornal *Extra*, por exemplo, jornal popular filiado às empresas Globo, possui em seu site, para acesso público, o documento “Visão, princípios e valores”³, que descreve os princípios éticos e valores da empresa e de seus profissionais jornalistas. Outras instituições, como sindicatos, também definem o que são valores e a conduta esperada de um jornalista. Além disso, pode-se constatar que a graduação em Comunicação Social ou Jornalismo, hoje em dia não mais necessária para se exercer o cargo, também define, a seu modo, quais disciplinas e práticas o profissional deve conhecer para trabalhar na área, como comenta Traquina (2005, p. 92-93) sobre a evolução do trabalho do jornalista:

A expansão da imprensa tornou possível a constituição de um grupo cada vez maior de pessoas que dedicaram todo o seu tempo a uma atividade que, exigindo divisão de trabalho, viu emergir novas figuras como repórter. O novo grupo criou técnicas específicas e novos formatos, tornando-se “agentes especializados” que reivindicam um “monopólio de saber” – o que é notícia. O grupo esforçou-se, a partir da segunda metade do século XIX, a prosseguir diversos processos de profissionalização como a criação de associações e sindicatos, o desenvolvimento de cursos universitários e a instituição, já na virada do século XX, de códigos deontológicos. A nova figura o repórter, em particular através dos correspondentes de guerra contribui para a afirmação do jornalismo como profissão no fim do século XIX. A intensificação dos contatos internacionais entre jornalistas, no período entre 1894 e 1914, com a realização de congressos levou os jornalistas a reivindicar cursos universitários e a criação de uma carta internacional de identidade (Mathien, 1994:147).” Assim, ainda no século XIX. Um número crescente de jornalistas respondia claramente que o jornalismo é uma profissão.

Assim, esse trabalho parte da compreensão que o profissional jornalista é constituído através de diversos discursos. Neste trabalho busco analisar como esse sujeito é construído pelo discurso ideológico do editorial que destaca seu papel como profissional e lhe confere o

³Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

status de autoridade em sua área de trabalho, bem como sugere práticas de reportagem⁴ que o jornalista deverá seguir para publicar um texto jornalístico: a pauta, o enquadramento, a escolha das fontes, a linguagem e o formato específico, entre outras etapas do processo de redação e publicação do seu trabalho. Além disso, procuro entender como a identidade do sujeito é sócio-historicamente construída, necessitando assim revisitar brevemente o contexto histórico que possibilitou o surgimento de profissionais jornalistas e como esses profissionais, através de mudanças na própria forma de fazer jornalismo, também transformaram suas identidades como sujeitos históricos. Nesse sentido, como discutirei adiante, utilizo a noção de sujeito social, construído no e pelo discurso, que forma sua identidade através da interação social com outros sujeitos. Portanto, construir uma análise que priorize o contexto histórico que tornou possível a emergência dos enunciados e sujeitos discursivos é essencial, pois na Análise do Discurso

não se focaliza o indivíduo falante, compreendido como alguém que tem uma existência individualizada no mundo. Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes (FERNANDES, 2005, p. 7).

Como mencionei anteriormente, possuo formação em jornalismo, por isso, também me situo em um contexto sócio-histórico específico. Assim, minha motivação para escrever esta pesquisa envolve compreender como o sujeito jornalista pode se posicionar no discurso jornalístico, de que forma ele deixa marcas de sua autoria no texto, através do que é dito e como é dito. É por essa razão também que escolhi a temática das congadas, pela sua importância para a cidade de Catalão, Goiás, onde nasci e moro atualmente. A festa chega a reunir quatro mil dançarinos todo ano e atrai religiosos e comerciantes de todo o Brasil e também de outros países, que movimentam a cidade durante o mês de outubro. Dessa forma, busco compreender como as tradições, os rituais e a história das congadas são descritos pelo jornalista no jornal *O Popular* que, segundo Souza (2015, p. 13), é “considerado o maior veículo de comunicação do estado de Goiás e vinculado ao Grupo Jaime Câmara, o maior conglomerado de comunicação de Goiás e que reúne, além do jornal, emissoras de rádio e televisão e portais de conteúdo na internet”. Neste estudo, são utilizadas as matérias na versão eletrônica do jornal *O Popular*, que contém por isso um formato diferente da versão impressa, que se pode folhear e os assuntos são organizados em edições diárias. Uma parte do conteúdo

⁴ “Reportagem” em jornalismo refere-se tanto a apuração dos fatos como a um gênero jornalístico, um “tipo” ou “estilo” de texto. Pode também ser usado para nomear um departamento específico da redação de uma empresa jornalista. Nesse caso, recorre-se à palavra para aludir ao primeiro sentido citado.

dessas matérias no website⁵ do jornal *O Popular* é a reprodução de conteúdos já publicados na versão impressa, complementados com tabelas ou vídeos, o que permite outras formas de recepção e interação com os enunciados contidos nas matérias. Na versão eletrônica, também é permitido selecionar os conteúdos através de busca por data ou tema específico, o que tornou possível a seleção de enunciados sobre a temática das congadas.

Optei por trabalhar com os enunciados sobre as congadas para entender como o profissional jornalista responsável pela cobertura dos eventos, que também é congadeiro, expressa-se no entremeio das relações entre o jornal e os rituais da festa de Nossa Senhora do Rosário, quando acontecem as congadas. Por participar de um evento que reúne tradições de grupos segregados e marginalizados pela sociedade, como é o caso das congadas, originada na época da escravidão, como o profissional jornalista transforma e é transformado por discursos diversos? Como aparecem as vozes coletivas da tradição das congadas e posicionamentos ideológicos do jornal *O Popular* nos enunciados sobre as congadas publicados pelo mesmo? Procurei responder a essas questões que permeiam a constituição do sujeito e sua autoria através da Análise do Discurso, por compreender a importância do discurso na formação dos sujeitos. Como apontado por Machado e Jacks (2001, p. 8), o analista de discurso tem como função responder as questões: “quem fala e a partir de que posição ideológica”?

Para poder analisar a autoria do jornalista e a influência dos discursos do *O Popular* e das congadas na constituição do sujeito jornalista, foram escolhidos como *corpus* de análise sete reportagens publicadas pelo jornal goiano *O Popular* sobre as congadas durante os anos de 2010 a 2014. Os enunciados foram analisados pela ótica do Círculo de Bakhtin pela sua compreensão da linguagem como arena de embates ideológicos dos signos verbais e visuais que constituem dialogicamente o discurso jornalístico midiático de *O Popular* sobre a congada catalana. A metodologia do Círculo também foi empregada neste trabalho por compreender o texto como enunciado, que requer um autor, sujeito que se posiciona e dialoga com outros enunciados que vieram antes e podem vir depois deste. Priorizo nesta pesquisa, portanto, a compreensão dialógica e responsiva da linguagem, que, por sua vez, é o instrumento responsável para a constituição do sujeito. É através da palavra que o ser humano pensa, se expressa, se comunica e se identifica com o grupo social ou classe a que pertence, pois “na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro” (BAKHTIN, 2017, p. 205). A partir do dialogismo do círculo tento, portanto, trabalhar a

⁵ Disponível em: <<https://www.opopular.com.br>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

hipótese de o sujeito jornalista ser uma posição autoral necessária para a padronização das matérias jornalísticas no “efeito de objetividade” exigido pelo jornal.

Sobre isso, considero a importância de descrever o estilo e linguagem utilizados pelo jornalismo, características necessárias para a construção do discurso jornalístico como verdade, mas também como texto de fácil leitura, voltado para o público em geral. Entende-se, portanto, o caráter dialógico do discurso jornalístico, pois, como afirma Volochínov (2013, p. 168), “todo discurso é *dialógico*, dirigido a outra pessoa, à sua *compreensão* e à sua efetiva *resposta* potencial”. O sujeito jornalista tem em mente seu auditório social ao escrever a matéria, ao mesmo ponto que responde (ou dialoga) com o editorial do jornalista e as fontes consultadas para reafirmar a veracidade do seu texto. Essas vozes e discursos moldam tanto o que será dito como a forma que será dito, ou ainda o posicionamento axiológico (conjunto de valores) do jornalista. Nesse aspecto, concordo com Volochínov (2013) quando este destaca a alteridade e responsividade do discurso, ou seja, o papel do outro e sua resposta, sendo possível compreender que a identidade do sujeito para a filosofia da linguagem é formada através da interação social, do contato com o “outro” pela linguagem.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a autoria no discurso jornalístico e a constituição do sujeito jornalista a partir dos enunciados publicados pelo jornal *O Popular* sobre as congadas. Os objetivos específicos são: i) compreender como se dá o funcionamento e circulação do discurso jornalístico; ii) explicitar como a filosofia de linguagem do Círculo de Bakhtin podem ser arcabouços teóricos para a análise da autoria no discurso jornalístico; iii) descrever, interpretar e analisar a autoria e constituição do sujeito jornalista sob a ótica do Círculo de Bakhtin e iv) propor como este trabalho pode contribuir para o estudo do discurso jornalístico e da prática do profissional jornalista.

Escolhi trabalhar com a temática das congadas na cidade de Catalão pela importância dos rituais que celebram a festa do Nossa Senhora do Rosário, principal festividade religiosa da cidade. Entendo que as congadas, por sua origem histórica e união de elementos religiosos católicos e de matriz afro, é um ritual marcado por vários símbolos, histórias, visões e discursos, tornando-se assim material fértil para estudo da Análise do Discurso. A cobertura jornalística do *O Popular*, que possui grande influência na cidade e no estado de Goiás, também ajuda a apreender a importância das congadas e sua relação com a cidade de Catalão, pois este acontecimento marca um período de grande movimentação cultural e econômica na cidade.

A primeira parte do trabalho consistiu em fazer um levantamento das reportagens publicadas pelo jornal *O Popular* durante o período escolhido, depois a leitura da bibliografia

em Análise do Discurso e teorias do jornalismo, para descrever, interpretar e analisar o discurso midiático do jornal, bem como a construção da identidade do profissional jornalista através da análise dos enunciados. Também considero de extrema importância a contextualização dos discursos sobre as congadas pela leitura de textos sobre sua origem histórica na cidade de Catalão, assim como a história do jornal *O Popular*, para compreender sua relevância na região e também a formação de sua linha editorial nos dias atuais. Como um jornal comercial e privado, que garante o seu funcionamento pela assinatura e venda de material impresso e digital, como também com o auxílio de anunciantes e publicidade, é importante destacar o papel do discurso capitalista nos enunciados e constituição do sujeito jornalista. Pretendo, dessa forma, tornar possível uma análise que leve em consideração as transformações dos rituais das congadas por meio da divulgação pelo jornal no período citado e também compreender como a popularidade da festa, que atualmente atrai milhares de devotos, chama a atenção da mídia tradicional.

Este trabalho será dividido em três capítulos, sendo o primeiro relativo à fundamentação teórica utilizada para a análise dos enunciados escolhidos, bem como a aplicação dessa análise para o estudo da autoria e constituição do sujeito jornalista sob a ótica do Círculo de Bakhtin. O segundo capítulo busca estabelecer um diálogo entre as teorias do jornalismo e a Análise do Discurso, contextualizando a formação do jornalismo, seus processos técnicos e gêneros específicos, além de abordar a problemática da autoria e posicionamento ideológico no jornalismo. O último capítulo aborda a análise dos enunciados, levando em consideração o veículo onde eles foram publicados – o jornal *O Popular* – e a temática escolhida – as congadas. Analisa-se também o prefácio “Eu e a congada”, do livro *Congada de Catalão*⁶, escrito por Robson Macedo, jornalista responsável pelas matérias divulgadas pelo jornal, pois é nesse momento que é possível conhecer sua trajetória como congadeiro e sua relação com as festas. Por fim, o último capítulo aborda também, através da análise estilística e de construção dos enunciados, a hipótese deste trabalho, a constituição e do sujeito jornalista e seu posicionamento autoral.

⁶ MACEDO, Robson Antônio. **Congada de Catalão**. Goiânia: Talento Gráfica e Editora Ltda, 2007.

CAPÍTULO 1

ANÁLISE DO DISCURSO: UM PERCURSO TEÓRICO PARA O ESTUDO DO DISCURSO JORNALÍSTICO

O jornalismo como campo de estudos já pertenceu a várias correntes das ciências humanas⁷, que procuram interpretá-lo cada um à sua perspectiva teórica e metodológica. Dentro da área da Análise do Discurso, busca-se compreender os efeitos de sentido que o discurso jornalístico produz e faz circular socialmente e quais são as posições ideológicas assumidas por aqueles que enunciam determinados discursos, ou ainda, quais discursos constituem o discurso jornalístico. Dessa forma, a Análise do Discurso (AD) contribuiu ainda para outras áreas do conhecimento, como a Linguística e a História, e é pelo seu caráter multidisciplinar que a AD⁸ permite estudar e incorporar outros campos de estudo como o Jornalismo, por exemplo. Souza (2015) demonstra a possibilidade de análise de matérias jornalísticas como materialidade discursiva sob o viés da Análise do Discurso em sua pesquisa sobre os jornais *O Popular* e *Jornal UFG*. Como explica o autor, pode-se observar o posicionamento ideológico e os discursos que atravessam o discurso midiático por meio da análise das matérias jornalísticas.

O jornal, muito além de ser uma fonte de informação, um veículo de comunicação ou mesmo uma empresa, é um local que serve de suporte para textos e imagens. Por meio do verbal e do visual, o jornal faz circular uma infinidade de discursos que são apresentados ao público sobre a forma de um produto informativo que pode ser notícia, reportagem, nota, enfim. No produto informativo, por meio dos dizeres do jornalista, das fontes entrevistadas e ainda de outros sujeitos como o anunciante, o público e até mesmo o proprietário do veículo de comunicação, temos o discurso da mídia jornalística. Constituindo e atravessando esse discurso, outros discursos se fazem presentes em sua presença ou ausência. Assim, no discurso da mídia jornalística podemos encontrar o discurso político, econômico, pedagógico, enfim (SOUZA, 2015, p. 21).

Neste capítulo, pretende-se abordar como a Análise do Discurso pode contribuir para o estudo da autoria no discurso jornalístico e da constituição do sujeito jornalista. Em um primeiro momento, revisita-se essas categorias para poder, por fim, dialogar com as teorias

⁷ Um exemplo de teoria que tenta explicar o jornalismo é o funcionalismo. Nascido do positivismo, via o desenvolvimento da imprensa e difusão de notícias como função social, ou seja, como resposta ao crescente interesse por informações que não podiam ser obtidas pelos próprios cidadãos ou leitores e como “uma atividade voltada para a denúncia e correção das patologias sociais, portanto, para a coesão e a reprodução do estado ‘normal’ da sociedade” (GENRO FILHO, 1987, p. 24).

⁸ A partir desse momento será utilizada a sigla AD para referir-se à Análise do Discurso. Como existem várias correntes da Análise do Discurso, como por exemplo a corrente francesa, com Michel Foucault e Michel Pêcheux, enfatiza-se que neste trabalho utiliza-se a perspectiva dialógica da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin para a análise do discurso jornalístico e os postulados teóricos da AD francesa para discutir poder e verdade no jornalismo. Compreende-se, portanto, que a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin não é uma corrente dentro da AD, mas teve algumas de suas noções apropriadas pela AD francesa para análise de discursos: signo ideológico, interação verbal, diálogo, polifonia, por exemplo.

próprias do jornalismo. Em um segundo momento, intenta-se analisar como o discurso jornalístico se tornou um discurso de verdade. A metodologia do Círculo de Bakhtin foi escolhida para trabalhar a análise dos enunciados do jornal *O Popular* considerando as categorias de diálogo, gêneros do discurso, signo ideológico, autoria e sujeito. Pretende-se, com esse aporte teórico, analisar como o sujeito jornalista se posiciona no discurso jornalístico, como ele dialoga com a tradição das congadas e linha editorial do jornal e como é possível perceber seu posicionamento autoral pelas escolhas estilísticas e composicionais do gênero jornalístico. Já na segunda parte, pretende-se trabalhar as categorias do discurso, poder e verdade para compreender como o jornalismo foi legitimado como “discurso verdadeiro” apoiado por um sistema de poder e de exclusão. É por meio do conhecimento das condições que possibilitaram a instituição de um discurso com efeito de verdade que se pode desenvolver uma análise do sujeito que emergiu nesse discurso, que transformou e foi transformado pelas práticas discursivas: o sujeito jornalista.

1.1 O Círculo de Bakhtin⁹ e a análise de discursos

Para poder empregar a metodologia do Círculo de Bakhtin nas análises dos enunciados escolhidos para o *corpus* de pesquisa e entender o processo de constituição do sujeito jornalista, é preciso expor aqui alguns conceitos para compreender as bases sócio-históricas de formação da linguagem, que demonstram que, na visão bakhtiniana da linguagem, a palavra não é neutra e sempre imprime ideologias e valorações sociais. Do mesmo modo, é necessário explicitar a teoria do dialogismo com seu aporte metodológico desenvolvido pelo Círculo, que possibilita a análise dos enunciados em constante interação com outros discursos e enunciados. É assim que a palavra do “outro” sempre orienta a enunciação, processo que também é organizado pelo contexto social e histórico. Assim, os enunciados concretos, base de estudo do Círculo de Bakhtin, são singulares, pois são organizados para a compreensão de um ouvinte, de acordo com a situação social imediata em que ocorre:

Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual –, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de

⁹ É necessário explicitar que o Círculo de Bakhtin foi um grupo multidisciplinar de intelectuais russos que, durante as décadas 20 e 30, se reuniam em torno do pensador Mikhail Bakhtin para estudos científicos e filosóficos. Os nomes mais proeminentes desse grupo e que utilizamos aqui, Bakhtin, Volochínov (ou Volóchinov, segundo grafia da tradução mais recente) e Medvedev dividiram a assinatura de algumas obras, “às vezes construídos a mais de duas mãos e, alguns, por meio de trocas de identidades sob pseudônimos, como forma de resistência à visão totalitária do stalinismo” (DE PAULA, 2013, p. 243). Por isso, ressalta-se que quando é feita menção ao Círculo ou à perspectiva bakhtiniana, está se referindo ao conjunto da obra e todos os três autores inseridos nela.

resposta, ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento de comunicação. [...] O enunciado já não é um corpo nem um processo físico, mas um acontecimento da história, mesmo que seja infinitamente pequeno. Sua peculiaridade é a peculiaridade de uma realização histórica em determinada época e com determinadas condições sociais. É a singularidade de um ato histórico-social, diferente em princípio da singularidade de objeto ou processo físico (MÉDVIÉDEV, 2012, p. 183-184).

Os enunciados só podem ser compreendidos, dessa forma, na singularidade em que foram enunciados e no movimento da interação discursiva. Isso implica pensar também na linguagem como produto de relações dialógicas, que pressupõem um destinatário e um contexto social específico. Portanto, segundo Volochínov (2013), não se deve compreender a linguagem como um sistema abstrato e fechado de formas idênticas, mas sim como uma dinâmica renovada pela interação social entre os falantes dessa língua¹⁰, bem como o papel da história na transformação da mesma. A linguagem, dessa forma, é um fenômeno social, histórico e ideológico. É por isso que Volochínov (2013) irá reafirmar como o nascimento e desenvolvimento da linguagem acompanhou o processo histórico de desenvolvimento do homem na apreensão dos objetos da natureza:

Nascida no processo de luta obstinada do homem contra natureza, luta em que o homem estava armado somente com mãos fortes e instrumentos de perda toscamente trabalhados, a linguagem recorreu ao mesmo processo de desenvolvimento que a cultura material econômica e técnica (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 136).

Isso significa dizer que a origem da linguagem está intimamente ligada com a organização do trabalho e economia nas sociedades primitivas, uma vez que “os primeiros objetos que tiveram uma designação verbal foram, evidentemente, os que estavam mais próximos à atividade econômica do homem” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 138). O desenvolvimento da linguagem também só se tornou possível por meio da vivência em coletividade, pois o ser humano é um ser social. A linguagem sonora, no entanto, foi precedida pela linguagem gestual e mímica, que desempenhavam um papel fundamental na comunicação social primitiva. Segundo Volochínov (2013), a passagem da “linguagem das mãos” para a linguagem verbalizada só foi possível com o desenvolvimento dos órgãos de fonação, que transformaram os grunhidos e gritos dos homens primitivos em uma linguagem fônica articulada. A comunicação desse período estava ligada às condições produtivas de trabalho e organização econômica, que consistiam na busca por alimento e sobrevivência através do domínio da natureza. Esse estágio da cultura da humana é chamado “mágico”, pois os homens da idade da pedra compreendiam os fenômenos da natureza como elementos mágicos e, ainda de acordo com Volochínov (2013, p. 137), “o rito mágico era um ato ligado

¹⁰ Língua e linguagem são utilizadas aqui como sinônimos, pois segundo a tradução de 2017 do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o idioma russo não faz distinção entre os dois conceitos.

à economia [...] portanto, os primeiros elementos da linguagem sonora humana [...] estavam ligados a necessidades econômicas e representavam o resultado da organização produtiva da sociedade”. O surgimento das primeiras palavras e linguagem sonora só seria possível, no entanto, quando o homem primitivo teve “a necessidade, empurrado pelas exigências econômicas, de compreender, de explicar-se” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 138).

A evolução da linguagem, dessa forma, acompanhou a transformação das sociedades e as necessidades dos homens primitivos de se organizarem produtivamente na busca por alimento e, mais tarde, com o desenvolvimento das atividades agrícola e pecuária; signos ligados ao manejo dos vegetais, animais e estados da natureza também seriam desenvolvidos para a comunicação dos membros das primeiras sociedades. Assim, a convivência em grupos e a necessidade de comunicação dos humanos foi o que permitiu a criação coletiva da linguagem, pois “é evidente que se o homem tivesse levado uma existência isolada, não só não teria tido necessidade de criar uma linguagem, como não teria criado qualquer cultura em geral” (VOLOCHÍNOV, p. 139). Do mesmo modo, o contato com outras coletividades, ou ainda no período primitivo, o contato com outras tribos, também contribuiu para a formação e transformação da linguagem verbal. Essas trocas linguísticas resultam no enriquecimento da bagagem lexical que traz também elementos culturais e sociais, pois “a palavra desconhecida, a palavra de uma língua estrangeira, trouxe a civilização, a cultura, a religião, a organização política” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 122). Assim, compreende-se que a linguagem “é o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 141).

Entretanto, a linguagem também é um sistema de representação por signos e somente estes podem ser entendidos pelo interlocutor no processo de comunicação, pois os falantes de determinada língua compartilham entre si significados em comum, construídos historicamente e situados no contexto social específico do momento da enunciação. Dessa forma, a comunicação verbal necessita a compreensão dos significados, ou seja, quando os homens primitivos começaram a utilizar a linguagem gestual foi necessário estabelecer relações com os objetos exteriores, relações em que pudesse se referir a esses objetos. Quando um homem realizava um gesto para se comunicar com outro, era necessário “que este homem [soubesse] estabelecer – graças à experiência precedente – a relação necessária entre esse movimento e o objeto ou acontecimento em cujo lugar ele é empregado” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 142). Os gestos realizados pelos primeiros homens expressavam, portanto, *signos*, pois estes podem ser compreendidos. Ainda de acordo com Volóchinov (2017, p. 93), o signo “também reflete e

refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante”.

Esse processo de significação, portanto, necessita de um material histórico e sociológico que vem antes dele. Não é possível expressar nem mesmo sensações e emoções sem esse conteúdo sócio-histórico, que também é ideológico. Por isso, mesmo a expressão das necessidades fisiológicas como fome e sede, de acordo com Volochínov (2013, p. 147), “está condicionada, desde o começo, pela vida cotidiana e social, pelo ambiente em que vivemos, como o está também a sensação”, a expressão também sempre recebe uma “coloração *sociológica e histórica*: da época, do ambiente social, da classe social do falante, e a da situação concreta em que a enunciação ocorreu” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 148). Não se pode pensar em uma consciência individual que não compreenda elementos históricos e sociais do contexto em que se vive. Nesse sentido, o conteúdo do psiquismo humano é social por excelência, ou seja, é formado por signos sociais, por isso, de acordo com Volóchinov (2017, p. 129):

O indivíduo como proprietário dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor das suas ideias, como uma personalidade responsável por suas ideias e desejos, é um fenômeno puramente socioideológico. Portanto, o conteúdo do psiquismo “individual” é tão social por sua natureza quanto a ideologia, e o próprio grau da consciência da sua individualidade e dos seus direitos interiores é ideológico, histórico e está inteiramente condicionado pelos fatores sociológicos. Todo signo é social por natureza e o signo interior não é menos social que o exterior.

O quer dizer Volóchinov quando comenta a importância do aspecto social da linguagem? A linguagem não pode sobreviver sem seu uso pela interação entre falantes de uma mesma comunidade linguística, ou seja, é através das trocas comunicativas que a linguagem permanece como um produto vivo e mutável. A interação social (ou discursiva) é essencial para o desenvolvimento da linguagem, sem o uso de uma língua, por exemplo, esta tende a morrer e virar apenas registro histórico para estudo de filólogos. Ainda segundo Volochínov (2013, p. 163; grifos do autor), “pode-se dizer que qualquer comunicação verbal, qualquer interação verbal, se desenvolve sob a forma de *intercâmbio de enunciações*, ou seja, sob a forma de *diálogo*”. Isso significa dizer que as enunciações são sempre dialógicas, pois o interlocutor sempre orienta sua fala para alguém, o que o Círculo de Bakhtin irá definir como “auditório”. Junto ao auditório, a situação social do momento da enunciação são partes subentendidas, extra verbais, porém, necessárias para a compreensão do enunciado por parte do ouvinte. Essa parte extra verbal também é responsável por organizar a forma dos enunciados, como observa Volochínov (2013, p. 159; grifos do autor):

Essa enunciação, enquanto unidade da comunicação verbal, enquanto unidade significativa, elabora e assume uma forma fixa precisamente no processo constituído por uma interação verbal particular, gerada num tipo particular de intercâmbio comunicativo social. Cada tipo de intercâmbio comunicativo referido anteriormente organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação, sua *estrutura tipo*, que chamaremos a partir daqui de *gênero*.

Para Bakhtin (2011), a análise dos gêneros do discurso¹¹ e de seu núcleo – o enunciado concreto – é de extrema importância. A perspectiva bakhtiniana se diferencia das teorias que estudam os gêneros literários para focar na relação que o enunciado tem com a vida e como o estudo dos gêneros do discurso; diferente das teorias linguísticas saussurianas e vosslerianas que, segundo Bakhtin, não enfocam a historicidade de formação desses gêneros nas diferentes esferas da vida. Isso porque, para Bakhtin (2011, p. 268) “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. Os gêneros, assim como a linguagem, acompanham as transformações da vida e das relações sociais. A transformação do jornalismo digital, por exemplo, carrega ainda algumas características do jornalismo impresso, como será visto a seguir, mas as condições de produção mudam e a interação que é realizada com o jornalismo também. Como reflete Machado (2005), Bakhtin torna possível a análise do funcionamento dos gêneros em mídias digitais por tratar da evolução da linguagem nas diversas esferas da atividade humana. Assim, o pensador russo “abriu caminho para as realizações que estão além dos domínios da voz como, por exemplo, os meios de comunicação de massa ou as mídias eletrônico-digitais” (MACHADO, 2005, p. 163).

Sobre o texto jornalístico, é importante ressaltar que, segundo a perspectiva da filosofia da linguagem, o jornalismo seria uma esfera de comunicação que comporta outros gêneros segundo o seu estilo ou função. Como assinala Gubert (2015, p. 245), “a esfera jornalística, quanto à mediação e produção, impõe parâmetros para os gêneros que a circundam, regulamentando, filtrando, interpretando, evidenciando determinados aspectos que são parte do universo temático-discursivo da esfera”.

Uma das principais classificações utilizadas no jornalismo é a feita por Marques de Melo e Assis (2016), que utiliza teóricos do funcionalismo como Lasswell (1987) e Wright (1968) para definir o que são os gêneros e formatos jornalísticos. Dessa forma, é importante ressaltar que Marques de Melo e Assis consideram os gêneros segundo as expectativas do público a que se destina o jornalismo, em uma espécie de acordo implícito entre jornalista e leitor (ou telespectador). Segundo os autores, “os gêneros refletem aquilo que os cidadãos

¹¹ Trecho publicado em artigo apresentado no evento SEDIAR, em 2018, com o título “Linguagem e discurso jornalístico: contribuições do Círculo de Bakhtin para o estudo de gêneros jornalísticos”.

querem e precisam saber/conhecer/acompanhar, porque justamente nos gêneros esse público encontra respaldo para suas ações cotidianas ou, mesmo, para o exercício da cidadania. Atender às finalidades condensadas nessas cinco vertentes é a razão de ser do trabalho da imprensa, que foi se construindo ao passo do próprio desenvolvimento da sociedade” (MARQUES DE MELO E ASSIS, 2016, p. 49-50). Contudo, a perspectiva de Marques de Melo e Assis (2016) organiza os gêneros jornalísticos como gêneros textuais, ou seja, se ocupa da descrição da sua materialidade textual para a classificação em diferentes formatos. Por essa razão, preferiu-se utilizar neste trabalho a perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin e a compreensão dos gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis, mas que permitem fluidez e transformação, pois a multiplicidade de situações sociais permite a transformação dos gêneros e criação de outros, novos e híbridos. Será utilizado, portanto, o termo “esfera jornalística”, que compreende o gênero notícia, por exemplo.

O gênero notícia sofreu mudanças ao longo da história do jornalismo através das relações de produção que ajudaram a atividade a se firmar como campo de saber e verdade, além de transformar o gênero em produto de consumo pelas massas a partir do desenvolvimento das sociedades industriais no século XIX. A notícia também sofreu mudanças pelo desenvolvimento de novas tecnologias como a internet, os *smartphones* e as redes sociais que, hoje em dia, definem novas formas de interação, consumo e alcance do jornalismo atual. Para poder explicar essas mudanças que acompanharam o gênero notícia, é preciso compreender como Bakhtin teoriza os gêneros do discurso, além do papel central que as transformações sócio-históricas exercem nesse processo.

O Círculo de Bakhtin trouxe importantes bases para o estudo dos enunciados concretos no processo da interação discursiva, de forma a situar a relação com o outro como a característica principal na formação histórica da linguagem. Volóchinov, em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, coloca essa questão em evidência ao comparar duas correntes distintas de estudo da língua, que denomina de objetivismo abstrato e subjetivismo idealista. Por meio da análise dessas correntes, Volóchinov (2017, p. 200) irá definir que o enunciado não é um fenômeno individual “no sentido exato dessa palavra, e tampouco pode ser explicado a partir das condições psicoindividuais e psíquicas ou psicofisiológicas do indivíduo falante”, mas é produto de relações históricas e sociais, através da interação discursiva ou diálogo, fonte de embates, disputas e transformações pelo seu uso social.

A partir da perspectiva bakhtiniana, que entende o enunciado como fenômeno social, histórico e ideológico, é possível traçar algumas bases metodológicas para o estudo dos enunciados de *O Popular* sobre as congadas. Segundo Bakhtin (2011), a compreensão dos

enunciados envolve a interpretação em dado contexto (depois que o signo físico – a palavra – é percebido como forma física) e também a compreensão ativo-dialógica, que situa os enunciados na cadeia de enunciados que vieram antes desses e também nos enunciados que poderão ser a resposta ou ação do interlocutor. Dessa forma, a análise dos enunciados escolhidos para esta pesquisa busca situá-los no contexto de publicação das matérias do jornal, além de resgatar dados históricos do surgimento das congadas e sua importância para a cidade. Detalha-se também algumas características do jornal *O Popular*, com a finalidade de compreender como a temática das congadas aparece e como as matérias publicadas são destinadas a um público amplo, leitor do jornal e possível frequentador das festividades, pois o jornal é responsável pela divulgação e as matérias têm como uma das finalidades atrair o público-leitor para a festa que acontece na cidade. A partir da perspectiva bakhtiniana, portanto, só é possível compreender os enunciados escolhidos para esta pesquisa porque estes têm um autor (como será tratado adiante), estão situados em um contexto específico (a publicação das matérias do jornal durante o período das congadas), em um período histórico definido (a importância das congadas para a cidade atualmente e a influência econômica e social exercida pelo jornal *O Popular*) e o direcionamento dos enunciados a um destinatário (os frequentadores da festa e demais habitantes da cidade de Catalão e região). Portanto, analisar o discurso jornalístico sobre as congadas é analisar as relações dialógicas empreendidas com outros enunciados e com o destinatário desse discurso. Como afirma Bakhtin (2011, p. 298, grifos do autor),

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.

Nesse sentido, é importante ressaltar o papel que exerce o interlocutor na construção dos enunciados. Todo enunciado parte de alguém e é dirigido a outro alguém, sendo “justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte [...] o território comum entre o falante e o interlocutor” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205). É a partir dessa ótica e da centralidade da interação discursiva em sua teoria que Bakhtin irá estudar os gêneros de discurso em função da natureza social dos enunciados. Os gêneros do discurso funcionam de acordo com a esfera de atividade social que estão inseridos, sendo definidos então pelo seu uso social. Bakhtin define, portanto, os gêneros do discurso através do estudo do seu núcleo essencial, o enunciado. Assim, de acordo com Bakhtin (2011, p. 261-262; grifos do autor):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos (o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional) estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Considerando a definição dada por Bakhtin, os gêneros do discurso funcionam dentro das esferas de atividade humana, sendo relativamente estáveis segundo as transformações que ocorrem nessas atividades, no curso da história. O desenvolvimento de novas tecnologias como o computador, a internet e os *smartphones*, por exemplo, transformaram a forma de interagir, bem como geraram mudanças nos gêneros do discurso que eram utilizados antes desse período. As esferas familiar, escolar ou de trabalho foram incrementadas com novas formas de interação e, com isso, outros gêneros também surgiram, como o gênero *e-mail*, que mediante o uso de um suporte (um computador ou um *smartphone*, por exemplo) substituiu as cartas enviadas pelo correio e diminuiu o tempo de resposta e as distâncias entre os que fazem uso do gênero. Isso só foi possível com o avanço tecnológico que permitiu a troca de mensagens em menor tempo a partir do início da era informacional e também a necessidade, em um mundo globalizado, de conectar as pessoas de diferentes partes, facilitando a comunicação entre membros de uma família, trabalhadores de uma empresa, estudantes e professores de uma faculdade e de demais esferas sociais.

Como forma de interação nas diversas atividades humanas, os enunciados se transformam segundo a evolução das mesmas e, com isso, evoluíram também os gêneros do discurso. É por essa razão que Bakhtin irá diferenciar os gêneros em primários e secundários, estes mais complexos e desenvolvidos que os primeiros. Os gêneros secundários “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc” (BAKHTIN, 2011, p. 263). Nessa evolução dos gêneros e seus enunciados a partir dos gêneros primários observa-se, portanto, o movimento próprio da linguagem através da interação verbal, “tanto a mais próxima, determinada pela situação da fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216).

Diante dessa formação de gêneros discursivos, pode-se encontrar infinitas possibilidades de gêneros, pois, para Fiorin (2006, p. 63) “as possibilidades de ação humana

são inesgotáveis e cada esfera de ação comporta um repertório significativo de gêneros do discurso”. Esse repertório será definido segundo características que definem o funcionamento dos enunciados concretos dentro das esferas sociais, a saber: o estilo, o conteúdo temático e a construção composicional. O estilo pode ser observado através da formalidade da linguagem de textos oficiais, documentos; através da linguagem jornalística, que pontua objetividade e neutralidade nas notícias ou através dos estilos cotidianos em diálogos com amigos, família e pessoas mais próximas ao sujeito falante. É por isso que Bakhtin (2011, p. 269) irá dizer que “a própria escolha de uma determinada forma gramatical já se trata de fenômeno estilístico”. É por essa razão que é possível perceber os enunciados do jornal *O Popular* como pertencentes ao gênero notícia, pela estilística própria evidenciada na escolha de recursos lexicais, sintáticos e gramaticais (como por exemplo, o uso do pronome na terceira pessoa) e que também busca se concentrar na divulgação dos fatos (objeto a que se refere o discurso jornalístico) e é destinado a um público específico, como abordado anteriormente.

O conteúdo temático, por sua vez, “não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero” (FIORIN, 2006, p. 62). Assim, pode-se observar como conteúdo temático de cartas de leitor publicadas por jornais, por exemplo, reclamações, opiniões ou possíveis alterações de algum conteúdo publicado pelo jornal. Ainda referindo-se a jornais, mais especificamente o jornal escolhido para a análise, é possível verificar no gênero notícia o relato de fatos e divulgação de eventos como conteúdo temático. Por fim, a construção composicional é “o modo de organizar o texto, de estruturá-lo” (FIORIN, 2006, p. 62). Fiorin menciona como exemplo as cartas, que são organizadas de forma a conter a data e o local de origem do remetente, ou seja, para serem identificadas e compreendidas, têm como estrutura a identificação no espaço-tempo em que foram escritas. No gênero notícia a estrutura do *lead* (primeiro parágrafo do texto jornalístico, responde as principais e mais imediatas perguntas sobre o fato relatado: “O quê?”, “Como?”, “Quando?”, “Onde?”, “Por quê?” e “Para quem?”) é a principal característica que define a construção composicional do gênero.

Como visto anteriormente, na comunicação verbal, é possível utilizar gêneros de discurso distintos de acordo com o ambiente social e o auditório; estes são responsáveis por organizar “não só a forma estilística mas também a estrutura puramente gramatical da enunciação” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 169). Pode-se pensar a mesma dinâmica em relação a gêneros secundários como o jornalismo e a literatura, por exemplo. No entanto, é preciso abordar ainda o problema da autoria no processo de criação dos enunciados pertencentes aos gêneros secundários. Volochínov (2013), ao comentar a criação artística, menciona que a

“individualidade criativa” tem caráter social, ou seja, é orientada para um público específico e não é ausente de marcas de ideologia, “seja de opiniões de classe, de simpatias e antipatias de classe de uma pessoa dada, que foram criadas e tomaram forma em sua linguagem interior” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 152-153). Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, não se pode pensar uma criação artística que não seja orientada para o outro e, além disso, não é possível separar o autor do espaço-tempo em que vive, pois a convivência social irá determinar também o caráter do seu “psiquismo individual” e organizar sua expressão na obra.

Todo enunciado, seja em um gênero primário ou secundário, tem um autor. É possível perceber esse autor, segundo Bakhtin (2011, p. 399), “naquele momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem intimamente, [...] é na forma onde mais percebemos sua presença”. Do mesmo modo, como recurso estilístico do autor, é possível perceber a alternância das vozes do discurso no gênero notícia pelo uso das aspas, que marcam a fala de um entrevistado, mas, ao mesmo tempo, são emolduradas pelo sentido e contexto expresso pelo autor. A presença de outro sujeito nos enunciados é denominada por Volóchinov como “discurso alheio”, pois este representa para o autor do discurso um ponto de vista considerado autônomo, relacionado a um outro falante. Assim, “o ‘discurso alheio’ é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249). É por isso que o a estilística típica do gênero notícia é marcado pela presença do discurso direto na forma de aspas, a fim de garantir o efeito de autonomia de outros discursos citados. No entanto, o discurso jornalístico também apresenta o discurso alheio na sua forma indireta, percebendo ativamente seus sentidos e modificando a expressão do outro falante. Sendo assim, o autor e sua consciência individual também atravessados por discursos que vieram antes dele, “por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos [...] ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc” (BAKHTIN, 2011, p. 300).

Ainda nessa perspectiva, pode-se pensar a formação da consciência individual que constitui o sujeito. Dessa maneira, é importante trazer alguns elementos essenciais que ajudam a entender a centralidade do diálogo e da interação responsiva para os autores. Segundo Bakhtin, o “outro” é fundamental para a construção do “eu” e, além disso, o meio ideológico e social também exerce influência na construção da consciência individual. Por essa razão, não é possível pensar o sujeito desvinculado do seu tempo histórico e meio em que vive e só através da interação com outros interlocutores, do diálogo, é que se forma a consciência individual.

O conteúdo do psiquismo humano, o conteúdo dos pensamentos, sentimentos e desejos é dado em uma forma pela consciência e, conseqüentemente, numa forma pela palavra humana. A palavra – é claro que em seu sentido não estritamente linguístico, mas no sentido sociológico amplo e concreto – é o meio objetivo em que nos é dado o conteúdo do psiquismo (BAKHTIN, 2009, p. 84).

A linguagem não só molda a linguagem interior (consciência individual) e o caráter do psiquismo, mas também os aspectos culturais e de classe do indivíduo. Em *A construção da enunciação e outros ensaios*¹², Volochínov comenta sobre a importância da palavra para a organização da consciência ideológica de um determinado povo, que irá assimilar por meio do contato com a língua estrangeira também a cultura e os costumes de outros povos. Essa assimilação, segundo Volochínov (2013, p. 122), “trouxe a cultura, a religião, a organização política” e é por isso que o fator histórico demonstra como a linguagem é viva e está em constante mudança. A palavra é essencial no processo de formação dos sujeitos, pois é através das palavras que se organizam os pensamentos e expressão de sentimentos, sensações ou qualquer assunto que se queira comunicar. Pode-se dizer desta forma que a linguagem e a história são fundamentais para a formação do sujeito; como afirma Bakhtin (2009, p. 109), ao dizer que “todo o aspecto subjetivo do psiquismo [...] é um reflexo ideológico do ser social. [...] O psiquismo se funda sobre formações socioeconômicas complexas, e o próprio psiquismo necessita de material ideológico específico: o material da palavra, do gesto sonoro etc’.

É por essa razão também que o sujeito é marcado pela posição social que ocupa, ou melhor dizendo, pela classe social que ocupa, pois como produto da história (na concepção materialista dialética do conceito), é também constituído por relações de classe. O sujeito sempre irá se expressar segundo sua posição social, porque “é através da classe que o indivíduo se define, pois ele nasce ‘fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário’, logo, é um indivíduo histórica e socialmente definido e só a sua localização histórica e social ‘lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura’” (BEZERRA, 2009, p. 14). O sujeito também é marcado pelo diálogo com outras vozes, outros sujeitos, pois sempre tem em mente um ouvinte em potencial ao formular enunciados. Isso significa dizer que os enunciados concretos sempre esperam uma resposta ou respondem a outros enunciados, como afirma Bakhtin (2011, p. 271):

o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo [...] Toda

¹² VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenhe de resposta.

Se a compreensão dos enunciados é responsiva e a linguagem construída pela interação social, é possível afirmar que o sujeito que formula esses enunciados é também responsivo e criado na intersubjetividade, na relação com outros sujeitos. Como mencionado anteriormente, é através do “outro” que é possível formar a ideia de um “eu”, o “outro” está sempre presente na formação da subjetividade, pois o sujeito é um ser social. Assim, pode-se afirmar que a concepção de Bakhtin do sujeito é que este é construído sócio historicamente pela e na linguagem, pois dispõe dos signos ideológicos para se expressar. Não é possível pensar os sujeitos sem também pensar sua posição social e o contexto social em que estão inseridos. Assim como a linguagem está em constante transformação e é diretamente ligada com a vida social, o sujeito não é determinado, mas se constitui através das diferentes relações sociais e também transforma a linguagem, vivendo em um movimento de modificação recíproca. Ademais, o sujeito é marcado ideologicamente pelos grupos sociais de que faz parte, demonstrando sua filiação ideológica na sua expressão, através do uso de signos ideológicos. A expressão também é sempre responsiva e responsável, o que faz o sujeito também responsivo e responsável e sua identidade construída pela exterioridade, pela alteridade.

A partir da compreensão de sujeito do pensamento do Círculo de Bakhtin é possível inferir sobre o discurso jornalístico que este é construído no terreno da intersubjetividade, no diálogo estabelecido entre o jornalista e as fontes das matérias, entre o jornalista e o público leitor das notícias, entre jornalistas em um mesmo ambiente de trabalho e comunidade profissional e entre jornalista e posicionamento editorial do jornal. O estilo do gênero notícia estabelece uma relação com o destinatário, a fim de que a compreensão dos enunciados seja possível a um amplo público. A construção do gênero também tem como objetivo mascarar a expressão subjetiva do jornalista por meio da forma característica do texto jornalístico, a estrutura do *lead*, o uso do discurso alheio emoldurado por aspas, entre outros recursos. Portanto, ao contrário do que o discurso jornalístico pretende, o jornalista, ao utilizar essas práticas, se posiciona ideologicamente em relação ao objeto relatado, estabelecendo relações também com o destinatário desse discurso. Por essa mesma razão, o sujeito jornalista é responsivo, pois em seu discurso responde a enunciados que vieram antes dele e também porque destina seu texto a um determinado público. O sujeito jornalista também é responsável, pois sempre se posiciona em relação a outros discursos e ao objeto do seu texto. Assim, a constituição do sujeito jornalista é marcada por duas relações sociais diferentes,

através do contato com discursos que circulam na sociedade e através da relação com o interlocutor do seu texto.

1.2 Jornalismo como discurso de verdade

É preciso explicitar ainda como o discurso jornalístico definiu uma série de práticas e uma linguagem específica, o que tornou possível a emergência de um fazer jornalístico e do profissional jornalista. Portanto, para compreender a formação do sujeito jornalista é necessário ressaltar que o jornalismo é uma instituição que se consolidou através dos anos tornando-se um discurso de verdade, o que pode ser observado pela existência de diversas agências de informação, jornais impressos, telejornais e outros veículos midiáticos que trabalham com o jornalismo de informação e que construíram suas imagens mediante o uso de valores que são cânones para o discurso jornalístico: a objetividade, a imparcialidade e a neutralidade. Esses valores foram uma forma de garantir sua autenticidade e veracidade, a partir do momento que o jornalismo se consolidou como um mercado. Segundo Schneider e Soares (2009, p. 1707), a veracidade se apoia num imaginário sobre a função social do jornalismo:

Na constituição histórica do discurso jornalístico estabeleceram-se crenças a respeito dessa construção discursiva, essas crenças formaram um imaginário a respeito dos textos veiculados pelos meios de comunicação. Neste imaginário, o discurso jornalístico apresenta-se como meio de transmitir informação, sendo sua responsabilidade informar e esclarecer a população. Segundo Mariani (2005) a partir dessa concepção, surgiram idéias como a de veracidade do discurso jornalístico, segundo a qual o que é veiculado pela imprensa só pode ser verdade, já que são fatos que realmente aconteceram.

Segundo Machado e Jacks (2001, p. 2), “faz parte de seu jogo discursivo [do jornalismo] fazer crer que ele se interpõe entre os fatos e o leitor de forma a retratar fielmente a realidade”. Para a AD, sabe-se que esses valores não existem, mas são construções discursivas que objetivaram garantir o poder que o discurso jornalístico tem na sociedade, ou como ele tem a função de mostrar (ou mascarar) determinados lugares de fala e posicionamentos sobre os fatos relatados.

A legitimação do jornalismo enquanto instituição social está fortemente calcada na ideia de que seu papel é retratar fielmente a realidade. Essa construção discursiva, oriunda de todo um esforço empreendido no final do século XIX, para desvincular a imprensa da política e baseá-la no relato de fatos, foi a promotora da formação de um novo código deontológico que levaria o jornalismo a ser identificado com valores até hoje a ele associados, como a verdade, a independência, a objetividade e a noção de serviço público (TRAQUINA, 2005, p. 34).

É por isso que nesse estudo pretende-se retomar brevemente as bases históricas de formação das práticas discursivas e não discursivas que ajudaram a firmar o jornalismo como discurso de verdade. Para isso, é necessário ainda discorrer sobre a noção de discurso e de práticas discursivas para Foucault, bem como o papel da história geral nesse processo, pois Foucault não analisa a história como linearidade, tempo cronológico, mas em seu devir, com seus deslocamentos, rupturas e descontinuidades em um diálogo teórico com a Nova História. Navarro (2008, p. 60), em seu artigo sobre discurso e estudo da mídia, esclarece o que seria essa concepção nova da história, tão cara ao estudo do discurso por Foucault:

Essa forma de fazer história possui outro modo de analisar o tempo, que não se restringe apenas ao critério cronológico, e isso se deve ao fato de a temporalidade não ser única para todos os homens, o que nos leva a pensar na heterogeneidade de tempo num mesmo momento histórico. [...] Sujeitos inseridos num mesmo momento histórico podem viver diferentes temporalidades, conforme a relação que eles mantêm com os saberes instituídos e legitimados numa sociedade.

Assim, para Foucault, discurso, história e poder estão intimamente ligados e é através dessas categorias que é possível analisar como os sujeitos são constituídos. Em relação ao discurso, este é definido por Foucault (2009, p. 124) como um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” e também, como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009, p. 137). Por essa razão, pode-se abordar a existência do discurso jornalístico que, embora tenha se transformado ao longo dos anos, comporta enunciados que se baseiam no mesmo sistema de formação, fundados com os cânones da objetividade, imparcialidade e neutralidade, criações que deram credibilidade ao discurso jornalístico tal como é hoje em dia.

Para Foucault (2007), o discurso tem pretensão de verdade, é uma relação arbitrária entre a linguagem e as coisas. Pode-se mencionar como exemplo o discurso que é analisado neste trabalho, o discurso jornalístico, que tem a pretensão de reproduzir a realidade como verdade inquestionável e factual, transformando os fenômenos da realidade social em acontecimentos jornalísticos. O que o discurso jornalístico mobiliza, com efeito, é uma “vontade de verdade”, que descarta as múltiplas possibilidades de interpretação dos fatos noticiados. Esse efeito e “status” de verdade é marcado no jornal, como mencionado anteriormente, pelo estilo e construção do gênero notícia, na impessoalidade, no uso do *lead*, no uso das aspas para marcar as falas das fontes consultadas. A referência ao “real” também se mostra presente no uso de mapas, fotos, gráficos, entre outros recursos visuais. É por isso

que os veículos jornalísticos regulam a prática do profissional por meio da instituição de manuais ou de princípios editoriais, que também informam ao público os valores seguidos pelas empresas jornalísticas. O jornal *O Popular*, por exemplo, cujos enunciados são utilizados para análise, destaca como valores que norteiam a prática jornalística do veículo: “profissionalismo, solidez, credibilidade e compromisso com a qualidade total de produção e divulgação do material jornalístico”¹³. Essa afirmação não só funciona como código de ética para os profissionais jornalistas como também materializa a concepção que o jornal tem da prática jornalística, especialmente em relação à credibilidade, que representa a “vontade de verdade” do jornal *O Popular*. O discurso da verdade não é, porém, uma exclusividade do jornalismo, mas pressupõe a existência de um poder que mobiliza e dá continuidade ao estatuto de verdade dos discursos, segundo afirma Foucault (1997, p. 10):

a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Ainda de acordo com Foucault, essa “vontade de verdade” sanciona outros enunciados e discursos, ou seja, nada mais é que um sistema de exclusão apoiado por um suporte institucional, responsável por permitir ou excluir sujeitos da propriedade do discurso ou ainda, da “capacidade [...] de investir esse discurso em decisões, instituições ou práticas” (FOUCAULT, 2009, p. 75). Sendo assim, apenas alguns indivíduos estão “autorizados” a falar, e isso garante o privilégio de alguns perante outros, que são marginalizados e têm seu discurso considerado como “falso” pela sociedade. Como exemplo de discurso marginalizado, Foucault cita o discurso do louco na Idade Média, “aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância” (FOUCAULT, 2007, p. 10-11).

O louco foi objeto constante das suas investigações sobre a psiquiatria e a loucura, que culminaram no desenvolvimento da sua arqueogenealogia do sujeito. Assim, segundo Araújo (2001, p. 87), o sujeito para Foucault pode ser dividido em “práticas objetivadoras que permitem pensá-lo através de ciências cujo objeto é o indivíduo normalizável; [...] práticas discursivas que desempenharam o papel de produtoras epistêmicas e [...] práticas

¹³ Informações encontradas no website do Grupo Jaime Câmara, que é responsável pela produção e distribuição do jornal *O Popular* na sua versão impressa e digital. Disponível em: <<https://www.gjccorp.com.br/#/grupo>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

subjetivadoras pelas quais o sujeito pode pensar-se enquanto sujeito”. Um exemplo do funcionamento das práticas discursivas citado por Foucault em seus livros é o modo como as ciências (a filologia, a economia e a biologia, por exemplo) objetivam o homem como sujeito falante, ser produtivo e ser vivo. Assim, pode-se pensar o jornalismo e suas práticas discursivas (é possível citar como exemplos a criação de uma deontologia para definir a postura ética dos profissionais, a existência de um manual de jornalismo de determinado veículo que regula as práticas de reportagem, pauta e edição, entre outras práticas) como responsáveis por objetivar o sujeito jornalista. Em seu livro *A ordem do discurso*, Foucault denomina de “rituais” as práticas reguladas pelos discursos que definem os papéis e propriedades do sujeito que é autorizado a falar.

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam [...]; define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2007, p. 39).

As práticas jornalísticas de seleção e apuração dos fatos, bem como as outras práticas discursivas reguladas de acordo com cada veículo jornalístico, são, portanto, rituais na concepção foucaultiana do termo e ajudam a sustentar o discurso jornalístico como regime de verdade tal como ele é conhecido, além de também serem responsáveis pela interdição e formação de um sujeito-jornalista, pois o profissional deve seguir as regras e padrões impostos pela política editorial do veículo midiático. No caso dos enunciados sobre as congadas, é possível perceber que o sujeito-jornalista publica as matérias segundo agendamento feito pelo jornal *O Popular*, anunciando as principais atrações da festa sempre durante o período que antecede ou durante as festividades, a fim de divulgá-la. Nesse sentido, a prática do profissional está atrelada aos interesses políticos, sociais e econômicos do jornal e seus anunciantes e é, por isso, interdito pela política editorial do jornal *O Popular*.

CAPÍTULO 2

JORNALISMO E A ANÁLISE DO DISCURSO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

2.1 A esfera jornalística

Para poder compreender o funcionamento da esfera jornalística, é preciso antes de tudo revisitar as bases de formação do jornalismo, sua função no conjunto da atividade e da comunicação humanas. Relacionando a consolidação do jornalismo com a perspectiva do Círculo de Bakhtin, “tem-se que condições socioeconômicas determinadas criaram as condições e a necessidade de uma nova forma de comunicação sócio-ideológica e a constituição de uma nova esfera social, a esfera jornalística, com função e objeto próprios na vida social” (RODRIGUES, 2001, p. 81). Também é preciso compreender a transformação do jornalismo com o desenvolvimento das tecnologias que tornaram possível seu alcance em escala massiva, o desenvolvimento e urbanização das cidades, sendo primeiro um instrumento importante para a divulgação de mercadorias e trocas comerciais, e apenas mais tarde e com o desenvolvimento de sociedades urbanas e industriais, teria um alcance maior, contando nessa época com veículos impressos, em publicações periódicas de empresas jornalísticas.

O surgimento de empresas jornalísticas depois da Revolução Industrial transformou a relação que se tinha com a informação e o texto jornalístico. Como aponta Lage (2001, p. 14), o desenvolvimento de maquinarias mais avançadas de produção “permitiu multiplicar as tiragens, estabelecendo patamares de circulação bem acima dos da fase anterior”. Isso também significava o início de uma exploração comercial dos jornais, através da divulgação de publicidades para manter o custo das empresas. Assim, os jornais alcançavam maior parte da população alfabetizada urbana, por isso “a disputa por maior número de leitores tornou-se não apenas luta pela influência, mas também duro combate por maior volume de anúncios a preço mais gratificante” (LAGE, 2001, p. 14).

A exploração comercial das empresas jornalísticas trouxe assinantes e consumidores para os jornais, transformando dessa forma o produto jornalístico – a notícia – em uma mercadoria. Durante o século XIX, esse mercado cresceria de tal forma, através do número de assinaturas dos periódicos e de verba publicitária (de publicidade divulgada nos jornais), que seria responsável pelo quase desaparecimento de jornais de opinião (panfletários, religiosos, entre outros), entretanto eles existiriam “com horizontes limitados pela incapacidade de concorrer em volume e qualidade de informações, serviços e entretenimento; e pela necessidade de sustentar preço alto de venda ao público” (LAGE, 2001, p. 15).

Antes da Revolução Industrial, de acordo com Lage (2001, p. 15) “nos primeiros séculos de existência dos periódicos, houve o privilégio dos textos opinativos e

interpretativos”. Esses textos comentavam a vida burguesa, os alimentos, as trocas comerciais, os motins camponeses, entre outros assuntos de interesse dos redatores – geralmente, da aristocracia da época. Mais tarde, como afirma Lage (2001, p. 24), as notícias “muito rapidamente, com a conquista do grande público, passaram a ser artigos de consumo, sujeitos a acabamento padronizado, embalados conforme as técnicas de marketing”.

Com o desenvolvimento das tecnologias e aumento do público, outras formas de produção de informação e assuntos surgiram. Essa transformação exigiu os valores que fariam o jornalismo se consolidar como campo de saber a partir do século XIX. Enquanto Lage considera o jornalismo e a imprensa na sua evolução como campo de saber, Rodrigues (2001) recupera a perspectiva marxista de Bakhtin ao relacionar a consolidação da esfera jornalística com aspectos socioeconômicos:

Nesse contexto social, a informação torna-se um bem necessário, um indicador econômico e financeiro (as notícias que vinham davam conta do que estava acontecendo economicamente em outras regiões, permitindo fazer previsões financeiras) e um instrumento político (divulgação e consolidação das novas ideias). A circulação e o conhecimento dos acontecimentos, fatos e opiniões adquiriu valor social. Essas condições sociais se tornam o contexto de configuração de uma nova forma de comunicação social, da consolidação da esfera jornalística. A circulação periódica das informações e opiniões entra no horizonte social da época, torna-se uma necessidade social, dando início à consolidação de uma nova forma de comunicação sócio-semiótica (2001, p. 77-78).

A imparcialidade, a objetividade e a veracidade seriam então os grandes cânones do prestígio do jornalismo desde aquela época até os dias de hoje. Para Lage (2001, p. 16), o valor de objetividade do texto jornalístico, por exemplo, “consiste basicamente em descrever os fatos tal como aparecem; é, na realidade, abandono consciente das interpretações, ou do diálogo com a realidade, para extrair desta apenas o que se evidencia”. Esse abandono define a maneira como a notícia é escrita nos jornais atualmente, mostrando como “a competência profissional passa a medir-se pelo primor da observação exata e minuciosa dos acontecimentos do dia-a-dia” (2001, p. 16). Portanto, segundo Carvalho (2013, p. 20), quando o jornalista escreve sua matéria, “considera a linha editorial do veículo no qual ele trabalha, considera as diferentes versões sobre o mesmo fato, constrói seu texto com base na memória de outras matérias construídas por seus colegas”, reproduzindo práticas profissionais já consolidadas de apuração dos fatos e redação. Na perspectiva de Bakhtin, o jornalista é um “contemporâneo do seu tempo”, pois a temporalidade é uma das principais dimensões da esfera jornalística:

Na teoria bakhtiniana também se tem pinçadas algumas considerações a respeito da comunicação jornalística. Bakhtin vê o jornalismo e seus gêneros como uma "retórica

viva e contemporânea". Para o autor, o jornalista é, acima de tudo, um contemporâneo. A condição de jornalista requer o tratamento de tudo no corte da atualidade, constituindo-se a página de jornal como um reflexo vivo das contradições da atualidade social no corte de um dia e um espaço onde se desenvolvem (em contigüidade e em conflito) enunciados diversos e contraditórios. (RODRIGUES, 2001, p. 80).

Essa forma minuciosa de detalhar os acontecimentos e observar a realidade trouxe, para os jornais, uma definição precisa do funcionamento da linguagem de seu produto mais importante: a notícia. Segundo Pena (2008), a notícia segue a determinados padrões técnicos, inclui uma série de outros interesses, entre eles o da sua comercialização, a visão de mundo dos próprios jornalistas e um modo de fazer determinado por uma rotina própria. A linguagem da notícia, na perspectiva dialógica de Bakhtin, ao utilizar-se de signos, produz sentidos e reflete e refrata a realidade segundo o discurso da imprensa.

Ao tomar a linguagem como uma atividade humana multifacetada e mediadora da relação do sujeito com a sociedade e a história, que tem com os signos uma relação de devir, compreende-se que a natureza dialógica da linguagem configura os próprios sentidos sógnicos, uma vez que o sujeito fala sob determinados signos, calcados no princípio de que os sentidos na linguagem são moventes, apesar de sua relativa estabilidade. A palavra organiza os sentidos no discurso como, por exemplo, a esfera jornalística que se apresenta sob a forma de instituições distintas e especializadas como, por exemplo, a imprensa, que determina conhecimentos e práticas, assim como os posicionamentos que o sujeito jornalista deve tomar para falar a partir desse lugar. (STAFUZZA E DINIZ, 2019, p. 281)

Em relação a sua dimensão textual, para Lage (2001, p. 27), a notícia possui um componente lógico que seria sua estrutura e um componente ideológico, que seriam os “elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia”. Além disso, a notícia é produzida para diversos receptores, com repertórios diversos, sendo necessário, por isso, o uso de uma linguagem simples e objetiva, com orações simples. Outras características das notícias são os verbos no tempo do presente do Indicativo e o uso do pronome na terceira pessoa, de forma a causar impressão de impessoalidade e neutralidade. Quanto à sua estrutura “padrão” (que pode mudar em alguns casos), é feito o uso de um título, um subtítulo, uma linha fina (principais informações e detalhes da notícia, no formato de uma oração simples) e por último, o *lead*. Lage (2001, p. 55) formula uma definição possível de *lead*, afirmando que este “é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso; por extensão, a abertura do texto nos noticiários radiofônicos”. Tradicionalmente o *lead* responde às principais e mais imediatas perguntas sobre o fato relatado na notícia.

Outra característica da notícia é a seleção das informações através da apuração das fontes, do recorte feito pelo editorial, pela temática, pelo grau de “instantaneidade”, que é a

relação de proximidade temporal do fato com o momento que ele é publicado. Apesar de a notícia ser o principal produto do jornalismo feito hoje, outros gêneros jornalísticos também aparecem com frequência nos veículos midiáticos. O que define o uso de um ou outro gênero ou a presença regular deste na esfera jornalística é a condição social (o interlocutor presumido, por exemplo) e a condição midialógica (ou suporte, como jornal impresso, televisivo, rádio ou portal de notícias). No entanto, o que reúne os gêneros na esfera jornalística é a função que esta tem no contexto socioeconômico atual, que define como seu objeto fatos, conhecimento e opiniões da atualidade que interessam ao público-leitor. “Nesse contexto, sua função sócio-ideológica se caracteriza por fazer circular (interpretar, ‘traduzir’) periódica e amplamente as informações, conhecimentos e pontos de vista da atualidade e de interesse público, ‘atualizando’ o nível da informação da sociedade” (RODRIGUES, 2001, p. 81).

2.2 Sujeito e autoria

Após tratar dos principais conceitos que norteiam a análise dos enunciados e o dialogismo do Círculo, nesta parte tenta-se relacionar a prática jornalística com a concepção de autoria e sujeito. Para isso, resalta-se neste estudo, além da função social da esfera jornalística, a situação de interação e o papel do interlocutor na escolha por um ou outro gênero do discurso, como a notícia. Só assim é possível traçar um método de análise que possa abranger a autoria e constituição do sujeito nos enunciados do *O Popular* sobre as congadas.

Em relação às obras do Círculo de Bakhtin, como mencionado anteriormente, a temática da autoria tem especial destaque pelo trabalho conjunto realizado pelos autores do grupo, o que muitas vezes traz dúvidas a respeito da assinatura e propriedade intelectual de cada livro ou ensaio. Arán (2014, p. 6) afirma em seu artigo sobre autoria que as discussões sobre a assinatura das obras do Círculo “têm girado em torno do autor da obra como a pessoa real, o escritor individual, com dados mais próximos ao biográfico, às condições de produção de uma época, à assinatura de uma obra publicada, à pessoa jurídica”. Assim, os pesquisadores trabalham com a noção de autoria relacionada com a pessoa do autor, sua criação e sua vida. Como já abordado anteriormente, a relação da vida com a arte para Bakhtin é de modificação recíproca, o que contrasta com a visão deste sobre autoria: o criador de uma obra é influenciado pelo momento histórico, classe social e ideologia do contexto em que vive, pelas vozes sociais com as quais dialoga e com o interlocutor do seu texto. Por essa razão, não existe, para Bakhtin, apenas o modelo de autoria baseado na assinatura de um

texto. O entendimento que o Círculo faz da autoria, no entanto, tem diversas abordagens diferentes conforme a época de publicação e enfoque.

No pensamento de Bakhtin, a questão do autor na obra é objeto de numerosas abordagens teóricas: autor como personagem, como ideólogo da arquitetura, como voz mascarada, como ouvido polifônico, como interlocutor no diálogo cronotópico. Essa “autoridade” própria da obra, que Bakhtin chamará *consciência autoral*, enquanto dimensão inerente a um texto, é uma figura abstrata de mediação, representativa do autor como pessoa semiótica, produtora de signos (ARÁN, 2014, p. 6).

É por isso que Arán (2014) divide a obra do Círculo em três diferentes momentos, a saber: o primeiro, no período de 1919 a 1929 “conhecido como o do Seminário kantiano ou Círculo de Bakhtin, com ênfase posta na tarefa de criticar o conhecimento da época acerca da linguagem e de propor um projeto diferente, transdisciplinar” (2014, p. 6); o segundo, no período de 1930 a 1959, quando Bakhtin, mesmo exilado, se dedica ao estudo do romance e o último período, “de 1960 até sua morte em 1975, no qual Bakhtin desenvolve, com intensidade, questões epistemológicas no campo das ciências humanas” (2014, p. 7).

No primeiro momento, em conjunto com os pensadores do Círculo, a abordagem de Bakhtin está relacionada ao momento histórico da ascensão de Stálin e seu projeto de unificação dos estados soviéticos em torno de uma língua nacional, *el gran ruso*. Nesse contexto, ainda segundo Arán (2014), Nicolai Marr, linguista e paleontólogo russo, foi responsável por formular uma teoria que dava apoio ao projeto de Stálin, ao criar a hipótese de uma origem comum para as línguas semíticas e georgiana. Em meio a tensão do período, a assinatura das obras do Círculo é também uma responsabilidade ética pelo que é dito e como é dito. Nesse momento que o grupo de Bakhtin começa a formular propostas para autoria compartilhada de textos e a problemática da assinatura surge, em conjunto com a discussão sobre a pessoa do autor e o autor como posicionamento axiológico, o que Bakhtin nomeou, respectivamente, como autor-pessoa e autor-criador. Essas duas categorias foram discutidas em seu ensaio *O autor e a personagem na atividade estética*, de 1924, e compilado no livro póstumo *Estética da criação verbal*.

Por meio desse estudo sobre estética no romance, Bakhtin trabalha a autoria relacionada com a formação da personagem da obra. Ou seja, o autor parte de uma excedente de visão para poder dar acabamento à personagem, mesmo que a obra seja autobiográfica. A partir disso, pode-se entender a diferença entre a pessoa do autor e a posição de autor criador de uma obra. Em ambos os casos, um romance ou uma obra autobiográfica, o autor constrói os personagens a partir de uma visão “de fora”, que dá complexidade ao objeto estético ao mesmo tempo em que permite valorações (bom ou ruim, bonito ou feio) que pertencem à

concepção do autor e sua relação com a vida. Em relação à obra autobiográfica, só é permitido ao autor falar de si na posição de um outro, pois só é possível contemplar-se a totalidade de um “eu” a partir da exterioridade. Nesse momento, no entanto, a concepção de Bakhtin sobre autoria coloca o autor numa posição quase divina, já que a ele é permitido ver a totalidade da personagem e estabilizar a identidade e forma estética deste no romance. Esse distanciamento é necessário para dar acabamento à personagem como uma outra consciência, um outro diferente do autor. Conclui-se, genericamente, a partir dos apontamentos de Bakhtin, que o autor-criador é uma função que pertence à obra, sendo o criador aquele que organiza, recorta e dá acabamento aos acontecimentos da vida, enquanto o autor-pessoa é aquele que pertence ao mundo dos acontecimentos, da vida.

O autor não pode nem deve determinar-se para nós como pessoa, pois estamos nele, vivemos sua visão ativa; é somente no término da contemplação artística, ou seja, quando o autor deixar de dirigir ativamente nossa visão, que poderemos objetivar nossa própria atividade vivida sob a sua direção (nossa atividade é sua atividade), objetivá-lo como um rosto, como uma face individual que alojamos com prazer no mundo dos heróis criado por ele.

[...] O autor deve ser compreendido, acima de tudo, a partir do acontecimento da obra, em sua qualidade de participante, de guia autorizado pelo leitor. Compreender o autor no mundo histórico de sua época, compreender seu lugar na sociedade, sua condição social. Aqui saímos dos limites de uma análise do acontecimento da obra e entramos no domínio da história; o estudo puramente histórico tem de levar em conta todos esses fatos (BAKHTIN, 2011, p. 220-221).

Nesse sentido, o autor-criador é aquele que organiza a obra e os valores recortados do viés do autor-pessoa, numa posição que é influenciada pelo meio social ou outras vozes sociais, sendo por isso, refratada e refratante. Essa posição axiológica ainda é produto do espaço-tempo vivido pelo autor. Todo enunciado possui um autor, é direcionado a um interlocutor e está sempre em relação dialógica com outros enunciados (a base da teoria sócio interativa de Bakhtin). Assim, a forma estética da obra e o gênero utilizado também serão influenciados por essas características, pois, segundo Bakhtin (2011, p. 390), “a mesma pessoa real pode manifestar-se em diversas formas autorais”. O jornalista, por exemplo, ao utilizar as palavras de outro(s), constrói novos enunciados, coloca seus valores (e do veículo em que trabalha), recorta as falas dos entrevistados para abordar uma temática específica, destina seu texto a um certo público, ocupando assim uma posição autoral. No próximo capítulo será abordado como o autor-pessoa pode construir mais de um autor-criador segundo o gênero discursivo utilizado.

Assim, o autor-criador é aquele que organiza o todo arquitetônico da obra, no cruzamento da voz do autor-pessoa e outras vozes sociais. Porém, se no ensaio *O autor e a personagem na atividade estética* Bakhtin descreve o autor-criador e sua relação com a

personagem como uma posição estética e autoritária, no livro *Problemas da poética de Dostoiévski* é possível observar outra relação com o herói. Segundo Arán (2014), ao estudar a obra de Dostoiévski, Bakhtin compreende a personagem como autônomo, independente do autor-criador, ao passo que dialoga com este. Essa diferença interessa a este trabalho ao ser possível realizar comparações com o uso que o jornalismo faz das falas dos entrevistados. Seria o jornalista autor uma figura autoritária que direciona as vozes do seu texto para uma temática ou recorte específicos? Ou essas falas seriam posicionadas de forma autônoma, dialogando com a voz do jornalista? É possível encontrar a resposta dessas perguntas na interpretação que Arán faz da obra, ao considerar que o autor-criador não é apenas uma posição estética, mas também ideológica.

O procedimento artístico do autor é interpretado então como portador de sua posição ideológica e não um mero recurso formal, posição que consiste em deixar em liberdade as consciências das personagens para que estabeleçam relações profundas, tensas ou contraditórias, enquanto a consciência autoral, que é consciência da totalidade, se manifesta de modo oblíquo, indireto, na fronteira semiótica. Consciência autoral que é ideológica então, porque todo signo o é, como havia afirmado Voloshínov, uma forma de pronunciar-se perante os valores sociais em luta no presente no qual o romance se inscreve, uma “arena de luta”, mas que reconhece, além disso, que o modo de visão e conhecimento do mundo que propõe não é o único possível (ARÁN, 2014, p. 16).

Se a partir dessa obra Bakhtin desenvolve uma concepção mais dialógica da posição autoral, no segundo momento descrito por Arán (2014), a partir do estudo do romance, é possível observar o desenvolvimento dos conceitos de polifonia e cronotopo. A partir da obra *O discurso no romance*, Bakhtin trabalha a forma como o autor administra as vozes no romance, sendo “o romancista [...] responsável pelo modo como mostra o universo verbal, se o controla numa orientação monológica de sentido, mais próxima da língua oficial, ou se o libera polifonicamente em sua diversidade e confrontação, recorrendo, além dela, às línguas marginais” (ARÁN, 2014, p. 17). Uma questão que se apresenta na leitura feita para esta pesquisa sobre autoria no jornalismo é a forma como o jornalista administra em seu texto as falas dos entrevistados, por vezes posicionada entre aspas a fim não só de se distanciar dos discursos coletados, mas também para representar a forma como foi dito, as palavras utilizadas, a linguagem. Em produtos audiovisuais (como o telejornal) a presença da imagem do entrevistado por si só já garante mais autonomia ao seu discurso. Como já foi discutido neste trabalho, o uso dos gêneros é marcado pelo contexto social do enunciado, pelo interlocutor e a relação deste com o falante (ou autor).

É justamente no segundo momento da obra de Bakhtin que a importância dos gêneros é discutida, sobretudo dos gêneros romanescos, que irão permitir (ou não) a pluralidade de

vozes nas suas diversas formas, marcada pela separação definitiva do autor com os personagens. Bakhtin ainda introduz o cronotopo, segundo Arán (2014, p. 17), “categoria da forma e do conteúdo, na qual a consciência autoral é capaz de captar, como uma antena sensível, as representações e imaginários de ordem social e da história, que a cultura expressa em múltiplas formas ou motivos espaciotemporalizados”. O cronotopo privilegia, portanto, o entendimento do movimento da personagem em relação ao tempo, sua transformação ou a compreensão da posição deste em relação ao espaço-tempo ou tempo histórico em que vive. Essa concepção do tempo importa ao analisar o sujeito, pois “traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem. Parte, portanto, do tempo para identificar o ponto em que este se articula com o espaço e forma com ele uma unidade” (AMORIM, 2006, p. 103). Portanto o estudo do cronotopo importa pela relação deste com a organização do espaço-tempo dos enunciados, o que define também o gênero utilizado.

Convém, portanto, abordar com mais profundidade o cronotopo e sua relação com a exotopia, dada a relação que esses conceitos têm com a autoria e o gênero. Ao autor somente é permitido captar o todo pela posição que este ocupa em relação ao outro (a personagem, no caso do romance), sendo esse excedente de visão que garante o acabamento da personagem. A dimensão temporal também é captada e introduzida no espaço-tempo da obra na forma que o autor compreende o acontecimento, fixando e enquadrando o movimento do tempo em seu texto. A exotopia também está ligada a constituição do sujeito, pois segundo Bakhtin (2011, p. 17), “não posso agir como se os outros não existissem: saber que o outro pode ver-me determina radicalmente a minha condição”.

É também através da AD que se pode entender como é constituído o sujeito jornalista na atualidade, pois a Análise do Discurso explica como os sujeitos são fabricados no e pelo discurso, transformados na mesma medida em que mudam os discursos. Oliveira (2017), em seu estudo sobre a construção do estereótipo Lula no discurso midiático, afirma a possibilidade de analisar a identidade do sujeito através da perspectiva do Círculo de Bakhtin;

Por mais que não exista uma concepção elaborada pelo Círculo que venha caracterizar a identidade, é possível por meio dos estudos do próprio Círculo encontrar pistas a respeito da construção identitária. Se a constituição do sujeito se dá pela relação com a exterioridade e sendo este o lugar de construção discursiva, a interioridade pode interrogar e ser interrogada, isto é, uma relação do exterior com o interior é ininterrupta. Diante disso, tem-se a primeira evidência de que a identidade tem um centro formador na exterioridade e parece ser o fundamento essencial para se pensar tal conceito. (OLIVEIRA, 2017, p. 28)

A exterioridade na perspectiva de Bakhtin é o contexto social e histórico do enunciado, além da presença do interlocutor, um “outro” a quem ele se destina. Assim, sobre os sujeitos, é possível compreender que, para Bakhtin, o sujeito é responsivo e construído no terreno da intersubjetividade através da interação verbal, conceito fundamental no pensamento dialógico do Círculo de Bakhtin. O “outro” é fundamental para a construção do “eu” e também o meio ideológico e social exerce influência na construção da consciência individual. Por essa razão, não é possível pensar o sujeito desvinculado do seu tempo histórico e meio em que vive. Ainda segundo Bakhtin, o elemento ideológico é característica fundamental na formação do sujeito, pois “o indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe” (BAKHTIN, 2009, p. 11).

O sujeito jornalista, na concepção do Círculo de Bakhtin, é o sujeito construído na intersubjetividade entre jornalista e congadeiro, entre a relação que estabelece com a tradição das congadas, transmitidas pelos seus antepassados e pelo grupo social que está inserido, e com o compromisso com os valores e política editorial do jornal em que trabalha. A constituição da sua identidade também é marcada por discursos religiosos, sociais, culturais, políticos e econômicos que evidenciam a valorização das congadas como ritual afro-brasileiro e a influência do caráter comercial do jornal *O Popular* na constituição do sujeito jornalista.

Nessa concepção, o sujeito jornalista é também uma construção no discurso jornalístico, que impõe práticas profissionais específicas mobilizadas nos manuais de jornalismo, códigos de conduta, políticas editoriais, entre outras formas utilizadas por um veículo jornalístico para regular o modo como o sujeito jornalista está autorizado praticar o jornalismo.

O sujeito, segundo Bakhtin, é constituído sempre pela alteridade, pela presença de um “outro”. No texto jornalístico é possível perceber a presença do discurso de outrem marcado pelas aspas, o que não significa, porém, que o aparecimento desse discurso seja a separação definitiva entre sujeitos, pois o sujeito jornalista “reproduz (para esse ou outro fim, inclusive para fins de pesquisa) o texto (do outro) e cria um texto emoldurador (que comenta, avalia, objetiva, etc)” (BAKHTIN, 2011, p. 309). Portanto é através da percepção ativa e escolha do discurso de outrem, dos seus elementos ideológicos e valorações que o sujeito jornalista é constituído. Assim, verifica-se também que a construção da identidade se dá através da intersubjetividade, ou seja, da relação de “um” com um “outro”, que não se encontra nesse ou no outro, mas em um domínio comum aos dois.

Isso quer dizer que não existe um domínio de posse exclusiva do sujeito, o que se tem é o compartilhamento do domínio, espaço comum entre os interlocutores. Nessa

relação, a alteridade é o elemento que norteia o eu por meio do discurso do outro. Esse encontro por meio do discurso permite que o eu se encontre ou se reconheça, podendo ou não ser de uma forma esperada. [...] A forma interpelativa do outro traz consigo discursos que significam por meio das vozes que o enunciado evoca, isto é, as vozes são exatamente o que faz interpelar quando o eu se vê refletido no discurso, pois traz à tona outros reflexos, esses podem denotar na consciência do receptor a necessidade de se fazer posicionar em meio a uma ou outra voz que se opõe a dada construção ideológica (OLIVEIRA, 2017, p. 54).

A intersubjetividade é, portanto, o terreno onde se constrói a consciência ideológica do sujeito, constituída por diversas vozes sociais, visões de mundo, entre outras construções ideológicas e discursos que circulam na sociedade, e é por isso que “o componente verbal do comportamento humano [é] determinado inteiramente por fatores sociais objetivos, as respostas verbalizadas do homem controladas pelo meio social, as várias formas de discurso como expressão do meio social e não de um indivíduo isolado” (BEZERRA, 2009, p. 14). Dessa forma, um importante fator social que permite a constituição do sujeito é o contexto histórico e social em que este está inserido. Bakhtin afirma como o componente ideológico e o pertencimento a uma classe também constroem a consciência do sujeito, que é sempre influenciado por representantes da sua classe, transcritos na figura do “outro”. O sujeito é sempre social e ideologicamente marcado, por isso, segundo Bakhtin (2009, p. 18) “todos os atos essenciais da vida do homem são motivados por estímulos sociais nas condições do meio social”. Assim, o conjunto da consciência e o psiquismo humano são determinados pelo pertencimento a um grupo social e segundo fatores socioeconômicos de determinado período histórico.

Toda motivação do comportamento de um indivíduo, toda tomada de consciência de si mesmo (porque a autoconsciência sempre é verbal, sempre consiste em encontrar um determinado complexo verbal) é a colocação de si mesmo sob determinada norma social, é, por assim dizer a socialização de si mesmo e de seu ato. Ao tomar consciência de mim mesmo, eu tento como que olhar pra mim pelos olhos de outra pessoa, de outro representante do meu grupo social, da minha classe (BAKHTIN, 2009, p. 86-87).

É por isso que o sujeito jornalista, segundo essa concepção, é construído pelo seu pertencimento tanto ao grupo de jornalistas, no âmbito profissional, mas também pelo pertencimento a uma família de congadeiros, antepassados de negros escravos que originaram a tradição das congadas. Sua identidade também é construída no contexto específico da realização dos rituais da festa tal como é hoje, pois as condições históricas, sociais e econômicas da tradição da festa também mudaram. Entretanto, ao produzir enunciados sobre as congadas, é possível dizer que o sujeito jornalista também toma consciência de si mesmo, pois dialoga com a sua experiência e outros discursos que formaram sua identidade ao longo da sua participação dentro do grupo social dos congadeiros, do qual sua família também faz

parte. Esse processo de alteridade de identidades é contínuo e ininterrupto, pois o sujeito se faz e se refaz através do diálogo com o “outro”, não só como grupo social, mas também com outros discursos e práticas num processo histórico.

CAPÍTULO 3

O DISCURSO JORNALÍSTICO DE *O POPULAR* E A TRADIÇÃO DAS CONGADAS: AUTORIA E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO JORNALISTA

3.1 Jornal *O Popular*

Nessa parte, será desenvolvida uma contextualização histórica da criação do Jornal *O Popular*, para demonstrar o papel que o jornal exerce na divulgação da festa, além de comprovar como o jornal é uma mídia comercial de grande alcance, constituído por discursos e ideologias específicas que orientam o sujeito jornalista na produção dos enunciados sobre as congadas.

O Popular é um dos jornais mais lidos nos estados de Goiás, Tocantins e no Distrito Federal e faz parte do Grupo Jaime Câmara, empresa que conta com 43 veículos de comunicação, entre emissoras de rádio e de televisão, jornais impressos e portal de notícias. Atualmente tem uma tiragem de 21 mil exemplares em dias úteis e 26 mil aos domingos, que podem ser adquiridos em bancas de jornal ou através de assinatura. O jornal possui ainda uma versão impressa diária; um portal de notícias eletrônico e uma versão *mobile* do mesmo portal. No meio eletrônico, é possível buscar por termos específicos ou acessar uma das oito editorias (a saber, Política, Economia, Mundo, Vida urbana, Esporte, Magazine, Opinião e Infomercial), além de ser possível acessar edições anteriores do jornal impresso, recurso que está disponível apenas para assinantes. Algumas matérias reproduzem o conteúdo da versão impressa ajustada à estrutura física do meio digital, outras são feitas com exclusividade para o portal, tais como vídeos e outros conteúdos. Além da assinatura do jornal impresso, para ter acesso a algumas das matérias disponibilizadas no portal (sinalizadas com o desenho de um cadeado) é necessário realizar um cadastro ou conectar o site a um perfil de rede social (o que possibilita a leitura de cinco matérias por mês) ou ainda, para ter acesso ao conteúdo de forma ilimitada, é possível fazer assinatura apenas da versão digital. O leitor ainda pode compartilhar o conteúdo disponível no portal eletrônico através de redes sociais.

O jornal *O Popular* possui oitenta anos de história, sendo fundado pelos irmãos Jaime Câmara, Vicente Rebouças Câmara e Joaquim Câmara Filho na cidade de Goiânia. A trajetória do jornal está ligada com a transferência da capital da cidade de Goiás para Goiânia em 1935, em razão da campanha getulista Marcha para o Oeste, que buscava ocupar e desenvolver a região centro-oeste do país. Joaquim Câmara Filho, nascido em 1899 em Baixa Verde (RN), foi o primeiro dos irmãos a trabalhar com jornalismo e propaganda. Após atuar como combatente na Coluna Prestes e por isso sofrer perseguições, Câmara Filho se estabelece em Goiás, onde começa a trabalhar como engenheiro agrônomo e vendedor de

lotes. É na cidade de Luziânia que conhece Americano do Brasil, um dos fundadores da revista *A Informação Goiana* e responsável por introduzir Câmara Filho na carreira jornalística. A partir de 1930 começa a trabalhar como jornalista correspondente e também participa de atividades militares, o que rendeu a Câmara Filho o posto de major e homem de confiança de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira. Essa relação permitiu, em 1934, trabalho no Departamento de Propaganda e Vendas de Terras, criado por Pedro Ludovico no contexto de construção da cidade de Goiânia.

Segundo Borges e Chaveiro (2013, p. 5), era necessário construir uma imagem “de progresso, modernidade e desenvolvimento” sobre o novo projeto urbano, pois “Goiânia, antes de se fazer cidade, já existia no plano simbólico e, mais do que isso, sua efetiva construção e solidificação mantinham interdependência com a força imagética” (2013, p. 6). Em 1935 Câmara Filho passa a ocupar o cargo de diretor-geral do Departamento de Propaganda e Expansão Econômica (DPEE), renomeado por Pedro Ludovico, sendo responsável pela divulgação de Goiânia e do estado de Goiás para o resto do Brasil e do mundo. Nesse momento, seus irmãos Jaime Câmara e Vicente Rebouças Câmara mantinham na cidade de Goiás uma empresa de impressão chamada Tipografia Popular. No ano de 1936 a empresa já imprimia os jornais *Vossa Senhoria* e *A Razão*, quando a Tipografia Popular é transferida para a nova capital por intermédio da influência política de Câmara Filho. Os irmãos se reuniram em Goiânia para criar a J. Câmara & Cia, mais tarde transformada J. Câmara & Irmãos S.A., cujas atividades envolviam “impressão e venda de papelaria em geral, publicação do jornal *O Popular*, importações e exportações, que giravam em torno de bens duráveis e insumos garantidores das atividades de impressão, como maquinários, tintas e papéis” (BORGES E CHAVEIRO, 2013, p. 11).

A primeira edição do jornal *O Popular* foi publicada em 3 de abril de 1938, sob a direção de Câmara Filho, responsável pela direção-geral do jornal, além da reportagem, redação e edição das matérias. Jaime Câmara, por sua vez, era responsável pela administração e revisão dos textos do *O Popular* e seu irmão Vicente Rebouças Câmara foi incumbido da comercialização e distribuição do jornal não só na capital goiana, mas também no interior do estado. Por conta da trajetória da J. Câmara & Irmãos S.A., que acompanhou a construção e desenvolvimento da cidade Goiânia, *O Popular* cresceu e se consolidou como principal jornal da região. Embora tenha enfrentado concorrência com o jornal *Folha de Goiaz*, fundado em 1938, Borges e Chaveiro (2013) sustentam que a visão empresarial e os investimentos em tecnologia e inovação dos irmãos Câmara foram responsáveis pelo crescimento e ampliação do jornal.

Pode-se acrescentar a trama de poder que permeia a empresa dos irmãos Câmara desde a sua fundação; os diversos anunciantes, também existentes desde a primeira edição do periódico e a territorialização no impresso no estado, garantidora não só de redes de distribuição, como também de assinaturas no interior, o que não ocorria com o Jornal *Folha de Goiás*, que não tinha uma rede de poder, de anunciantes e de assinantes, bem como não dispunha de recursos técnicos básicos à sua época, como uma clichéria para inserir fotografias em suas páginas. (BORGES E CHAVEIRO, 2013, p. 14)

É por isso que hoje *O Popular* é um dos principais veículos de comunicação do estado de Goiás, sendo responsável pela imagem da cidade de Goiânia e implementação de um modelo de jornalismo moderno e dinâmico, que exerce poder hegemônico pelo seu caráter mercadológico de “empresa jornalística”. Como já mencionado, o jornal faz parte do Grupo Jaime Câmara, que expandiu seus negócios com o lançamento de outros veículos jornalísticos, como a Rádio Anhanguera (hoje Rádio Daqui AM), criada em 1961, e a TV Anhanguera (hoje afiliada à Rede Globo), criada em 1963. O investimento em novas tecnologias e plataformas garantem o poder de influência do grupo e a popularidade dos veículos de comunicação associados a ele. É pelo caráter comercial, portanto, que é possível pensar o posicionamento discursivo do *O Popular* e de seus jornalistas, “dentre outras questões, conflitos ideológicos, de sujeitos que se posicionam em determinado lugar e desse lugar constroem sentidos, de discursos que se atravessam, se aliam, se confrontam” (SOUZA, 2015, p. 29). Da mesma forma que o discurso mercadológico do jornal influencia o posicionamento do jornalista em suas matérias, outros discursos sociais também atravessam o profissional, o pertencimento a um grupo ou uma classe social e a inserção dentro de uma cultura específica. É por isso que, a seguir, aborda-se o contexto histórico das congadas.

3.2 As congadas de Catalão: entre tradição e modernidade

A história das Congadas¹⁴ na cidade de Catalão é muito antiga e se confunde com a própria história da cidade. Infelizmente, não há registros escritos do início exato dos rituais, mas por meio de histórias contadas por familiares dos participantes das congadas sabe-se que por volta de 1820 escravos praticavam as danças na região em que treze anos mais tarde seria fundada oficialmente a cidade de Catalão. Segundo Nascimento (2017, p. 18), o que se sabe por relatos de participantes da festa é que “nessa época chegou na então denominada Vila de Catalão um grupo de escravos, que vieram trabalhar nas lavouras da região”. Esse grupo foi responsável por trazer as congadas à região, ritual que já era praticado por outros escravos em

¹⁴ Congada, segundo Macedo (2006, p. 98), refere-se à “reunião dos grupos de congo e do reinado”, sendo nomeados assim os rituais realizados pelos grupos participantes durante a festa (a dança, a entrega da coroa). Outros nomes que também são comuns e referem-se às mesmas práticas são: congadas ou congado. Já Cascudo (1954, p. 298), em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, no verbete “Congadas, congados, congos”, define os rituais como “autos populares brasileiros, de motivação africana, representados no Norte, Sul e Centro do país”.

outras regiões do Brasil. Entretanto, a festa só seria realizada oficialmente, a partir de 1876, como homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora do Rosário.

Muitas histórias foram criadas sobre a origem exata das congadas. Em geral, o que se sabe é que o ritual foi oficializado quando conseguiu apoio dos fazendeiros da região, devotos de Nossa Senhora do Rosário. Macedo (2006, p. 90) comenta uma possível versão para o início da festa pelo apoio de senhores de escravos: “chamados de coronéis, João de Cerqueira Netto, da Fazenda Ribeirão, João Eustáquio de Macedo e Irineu Francisco do N. Pereira, ambos da Fazenda Ouvidor, deram muito apoio à Festa de Nossa Senhora do Rosário”. Como naquela época não existia a estrutura que o evento conta atualmente, os fazendeiros eram responsáveis pelo fornecimento de comida durante as congadas, ainda segundo Macedo (2006, p. 90), “eles matavam vacas, porcos, frangos e enchiam latas de querosene com doces para a alimentação dos dançadores, dos familiares e de quem acompanhasse os ternos de congo”.

O apoio dos fazendeiros foi crucial para o início das festas, não só por causa da alimentação fornecida aos participantes, mas também por unirem a devoção a uma santa católica com rituais pagãos, trazidos pelos escravos. A união dos elementos de religiões diferentes só seria possível com a “permissão” dos senhores, visto que, de acordo com Nascimento (2017, p. 20), “os escravos eram obrigados a prestar cultos às divindades do catolicismo, uma vez que isso era imposto pela igreja católica e pelos próprios senhores (donos dos negros escravos)”. Desde então, a congada saiu das fazendas e, com o crescimento da cidade de Catalão e aumento do número de participantes, organizou-se em torno da igreja do Rosário, ganhando as ruas da cidade.

A festa possui similaridades com outras congadas realizadas em Minas Gerais, caracterizando-se pela devoção a um santo padroeiro de uma região e pelos rituais sincréticos que unem tradições católicas (missas, novenas, procissões) e tradições de matriz afro com as danças, as fantasias, as músicas e os instrumentos confeccionados pelos grupos. Em Catalão, segundo Macedo (2006), as congadas acontecem todo ano no começo do mês de outubro, chegando a reunir 4 mil dançarinos e 22 ternos (grupos), além de mobilizar toda a cidade com os festejos, que acontecem na praça da igreja do Rosário. É uma das maiores festas do gênero na região, que acontece graças ao apoio dos grupos, que passam as tradições de pai para filho, unindo a devoção à santa católica com as músicas e danças que relembram o sofrimento da escravidão e a esperança da liberdade e retorno às origens africanas.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário dura em torno de 15 dias, reunindo os participantes para missas e terços que acontecem todos os dias na igreja. O início do evento é

marcado pela “Alvorada”, momento “em que os dançadores de todos os grupos da congada se reúnem na porta da Igreja do Rosário às 3h da madrugada, após os silvos do apito (comandado pelo general da congada) saem pelas ruas em cortejo pelas ruas” (NASCIMENTO, 2017, p. 28). Outros elementos que compõem as festividades são as procissões, que reúnem os devotos nas ruas da cidade junto à figura da santa no último domingo da festa. No último dia é realizada a entrega da coroa, que é acompanhada pelo reinado, parte relevante do ritual, como observa Nascimento (2017, p. 22)

Percebemos que desde a origem da congada existe uma forte ligação com a África, país de onde os negros escravos vieram. Os negros dançadores sempre almejavam fazer chacota com o sistema e o faziam sempre que podiam. O reinado na congada era uma forma de mostrar que eles também tinham um reinado. Na congada catalana temos a falta de registros de quando esse reinado começou a participar e ter destaque dentro da festa. A tradição é que rei, rainha, príncipes e princesas ganhem uma atenção especial dentro da festividade.

Outros grupos que também participam da festa desde seu início e são responsáveis pelas danças e músicas são os ternos, divididos em ternos de Congo, Moçambique, Catupé, Vilão, Penacho, Marujo e Marinheiro. Há diferenças em cada grupo na forma de tocar, “os Marujeiros e Marinheiros [...] têm o ritmo mais acelerado que os demais grupos” (NASCIMENTO, 2017, p. 30), nos instrumentos utilizados “a maior diferença [...] são os pandeiros, uma vez que os ternos de congo usam apenas caixas feitas de couro e madeira” (NASCIMENTO, 2017, p. 32), na forma de dançar “nesses grupos [vilões], os congueiros dançam em apenas duas fileiras e o dançador precisa de um par” (NASCIMENTO, 2017, p. 31) e também nas vestimentas “os dançadores do Moçambique usam uma farda completamente branca, utilizam guizos em seus tornozelos e vários lenços no peito, nos braços e na cabeça” (NASCIMENTO, 2017, p. 31). Os ternos de Moçambique também ganharam relevância na festa por causa de uma lenda difundida pelos antigos dançarinos de que estes grupos foram responsáveis pelo resgate da figura da santa Nossa Senhora do Rosário, que estava presa em uma gruta. É por isso que os grupos de Moçambique hoje em dia carregam a coroa da santa nos rituais e também antecedem o reinado no cortejo tradicional.

Como uma festa afro-brasileira, nascida por meio dos rituais de escravos negros, a congada é composta por muitos dançarinos descendentes dos primeiros congadeiros, uma tradição passada de geração em geração. Por essa razão, os dançarinos das congadas são, em sua maioria, negros. No entanto, o festejo sempre possuiu apoio de participantes brancos, no início, com os fazendeiros, e mais tarde com os festeiros, como são conhecidos os participantes que ajudam na organização do evento. Segundo Macedo (2006, p. 74), os

festeiros “geralmente são pessoas conhecidas (comerciantes, fazendeiros, médicos ou funcionários públicos)” e têm como função “organizar uma comissão para ajudá-lo[s] durante o evento”, “coordenar as noites no ranchão¹⁵” e preparar a refeição dos ternos nos dias da festa. Além da logística do evento, o festeiro também participa da parte religiosa, sendo responsável por carregar a coroa no domingo da congada. Além dos rituais religiosos como as missas, cortejos, terços e as danças e cantorias dos grupos de congadas, a festa também conta com uma parte social, quando são organizados bailes e festas no lugar chamado de “ranchão”:

Todas as noites acontecem no ranchão os leilões e baile com músicas ao vivo, além disso, nesse ambiente são vendidas porções de petiscos e bebidas preparadas pelos festeiros e pela comissão do ano vigente. Ademais, no Salão do Centro Folclore, acontecem as ceias (jantares servidos à população catalana) com entrada paga. Esses jantares típicos acontecem com o intuito de arrecadar dinheiro para a Irmandade do Rosário, bem como, para ajudar instituições filantrópicas e sociais, a saber: Lions Clube e Rotary Clube. Assim como a Comissão responsável pela festa, essas associações também organizam as ceias típicas e ainda ficam responsáveis por venderem os ingressos. (NASCIMENTO, 2017, p. 26-27)

Outra característica das congadas que foi incorporada mais atualmente é o comércio nas “barraquinhas”, como são chamadas as tendas de comerciantes que vendem produtos nas ruas próximas à praça da igreja do Rosário. Apesar de não fazer parte da tradição religiosa ou cultural das origens das congadas, as “barraquinhas” constituem importante elemento do que é a festa atualmente, trazendo para a cidade comerciantes de outras regiões do Brasil e movimentando o comércio de produtos diversos como roupas, sapatos, brinquedos, comidas, entre outros. Para um integrante das congadas entrevistado por Macedo (2006), a origem das “barraquinhas” seria a necessidade dos próprios congueiros de trazer mantimentos e tendas para dormir próximos à igreja nos dias do evento.

O comércio das “barraquinhas” é um ponto interessante para entender como a tradição da congada do jeito que ela é configurada atualmente alterou a cidade e seus moradores durante as festividades. Ao longo dos anos, os festejos saíram das fazendas e passaram a fazer parte do cotidiano da cidade de Catalão, movimentando as ruas ao redor da igreja do Rosário, próximas ao centro comercial, e também gerando conflitos pela resistência do comércio de produtos de baixo custo com as “barraquinhas”. Segundo Nascimento (2017), comerciantes da cidade e a Associação Comercial Industrial e Serviços de Catalão (ACIC-CDL) temem a atividade das “barraquinhas” e tentam impedir a vinda dos comerciantes de outras regiões na

¹⁵ Nascimento (2017, p. 22) descreve o ranchão como um “barracão construído todos os anos no Largo do Rosário. Antigamente, era feito de palha e decorado com bandeirolas e flores de papel. Nesse lugar acontece a parte social do evento, com leilões, comidas e bailes todas as noites nos dias da festa. Atualmente, é montado no mesmo lugar, mas deixou de ser construído com palha e madeira. É montada uma tenda e ornamentada conforme sugerido pelos festeiros do ano vigente, as bandeirolas e flores artesanais caíram em desuso, dando lugar a tecidos nas cores rosa, branco e azul, bem como lustres e itens de decorações mais luxuosas”.

época das congadas pela competição com os baixos preços dos produtos destes, mas não têm obtido sucesso pela persistência dessa “tradição” bastante frequentada pelos catalanos. Essa não é uma particularidade que só acontece em Catalão, mas como observa Costa, C.L. (2010, p.), o comércio também é parte de outras festas religiosas em Goiás, que unem as tradições festivas dos antigos com a circulação de mercadorias possibilitadas pela sociedade de consumo atual.

As festas, principalmente as religiosas, são parte da vida cotidiana dos moradores das cidades do interior de Goiás desde a colonização do Brasil e tiveram um papel de destaque no surgimento e desenvolvimento das pequenas e médias cidades que, no processo de reorganização territorial brasileira, são (re)apropriadas e (re)significadas dentro da lógica de produção de mercadorias e obtenção e acumulação de lucro. As festas, elementos da construção da sociabilidade humana, mais frequentes em Goiás, em grande parte, religiosas, persistem na maioria das cidades e provam que festa é algo mais que um simples espaço-tempo de lazer e/ou de fé: é possibilidade e, por isso é também encontro, sonho, troca, consumo. De todas as possibilidades, a realização da troca de mercadorias, em função da quantidade de pessoas que centraliza a festa, é a que mais cresce e (re)produz um espaço-tempo marcado pelas programações, conflitos, riquezas e misérias. Na Festa do Rosário algumas dessas trocas – a de mercadorias – é feita por comerciantes que vem de fora da cidade ou estabelecidos no lugar. Sem dúvida, muitas tradições foram (re)inventadas e outras foram “produzidas”, integrando o mercado produtor e consumidor em todo o território, através dessa forma de comércio, que persiste: o feirante ambulante, que vai de cidade em cidade, de festa em festa construindo um mapa de apropriação e uso do solo urbano para a reprodução da economia formal e informal de cada cidade no Brasil. Essa forma de comércio, a feira, existe desde o início das festas populares religiosas no interior goiano.

A configuração urbana da cidade também sofreu mudanças por influência das congadas e dos esforços dos participantes na realização das congadas. A igreja do Rosário, onde atualmente é celebrada a festa, foi construída nos anos de 1940 com a ajuda de doações de devotos da padroeira da cidade. Segundo Macedo (2006), a construção da igreja é uma grande conquista, pois por causa de padres e representantes da Igreja Católica a festa teve muitos problemas, pois esses se opunham a realização de uma festa de escravos, com rituais afro-brasileiros. Quando os festejos eram realizados com a ajuda dos fazendeiros, os padres cobravam para a realização das missas em devoção à santa e quando não eram pagos, negavam-se a realizar as cerimônias. Nascimento (2017) observa que até hoje em dia padres que realizam a cerimônia acreditam na possibilidade de uma festa “pura”, sem os rituais pagãos dos ternos das congadas. Para Costa, C.L. (2010), a aceitação dos rituais tidos como “pagãos” se deve pela tentativa de atrair mais fiéis ao catolicismo, ao mesmo tempo em que essa aceitação também vem acompanhada de práticas que tentam mudar a natureza dos rituais, tornando-os mais “cristãos”.

É possível observar que a congada, como ritual que une elementos do catolicismo com elementos africanos, é uma festa heterogênea, marcada pelos conflitos entre uma religiosidade

oficial e o catolicismo popular exercido pelos congadeiros. Apesar de sofrer preconceito por parte de alguns padres e ser mal vista por alguns católicos, a congada tem origens na assimilação de uma santa branca (Nossa Senhora do Rosário) e, como mencionado anteriormente, o reinado foi interpretado como uma referência ao sistema monárquico vigente na época da criação da festa, para alguns como paródia da corte portuguesa, para outros como forma de valorização da ascendência negra. Outra característica do sincretismo religioso recorrente às congadas em todo o país é o mito da descoberta da santa por um dos ternos, que geralmente tem mais destaque durante a festa (é responsável por acompanhar o reinado no cortejo, carregar a santa, entre outras práticas). Esse fato possibilitou a visibilidade dos rituais dos escravos, bem como resgatou a memória histórica da escravidão por meio da fusão com elementos do catolicismo. Costa, P.T.C. (2006, p. 12), que estudou as congadas de Serra do Salitre, em Minas Gerais, observa que

a escravidão lembrada pela congada promove a reconciliação com esse passado traumático, na medida em que diversos ternos atualizam durante os festejos a aparição de N. Sra do Rosário para os cativos, evento transformador da imagem e do valor do escravo perante os senhores. A atualização periódica desse evento revela ser possível encontrar no imaginário da escravidão elementos que possibilitem a elaboração de uma cosmologia sócio-cultural onde o negro e/ou o descendente de escravos aparece de forma positiva e socialmente reconhecida.

A congada pode ser vista, então, como uma forma de valorizar o negro e também como uma forma de resistência, em que o folclore, a cultura e a religiosidade dos escravos permanecem sendo celebrados com uma grande festa em que participam ricos e pobres, negros e brancos, elite e trabalhadores. Costa P.T.C. (2006, p. 13), no entanto, afirma que “a transformação social engendrada por eles [os congadeiros] não busca a ruptura com a ordem estabelecida, mas a inserção dos congadeiros na mesma de forma mais valorizada e respeitada”. Essa valorização da herança cultural dos negros se dá pela preservação dos seus rituais, assim como a presença de espaços que garantem a realização da festa, permitindo aos negros a apropriação de territórios que antes lhes foram negados.

Assim, entende-se que a Festa de Nossa Senhora do Rosário resgata ao público da cidade de Catalão a memória histórica dos escravos que aqui viviam, bem como sua luta para garantir a permanência dos rituais das congadas e de seu acesso ao espaço público e liberdade de culto com a construção da igreja do Rosário. O evento não acontece, porém, aos moldes das tradições dos seus antepassados, tendo se transformado com a presença do comércio na forma das “barraquinhas” e da divulgação dos festejos pelas mídias, que também transformam a experiência da festa religiosa seja para os participantes (dançarinos, festeiros), seja para o público que a acompanha. Para Costa, C.L. (2010, p. 35), o sistema capitalista é responsável

por transformar a congada em um grande espetáculo, divulgado pelas mídias e produzido para estimular o “consumo da festa e na festa”. Ainda segundo ela, “na sociedade capitalista, as festas são, em grande parte, tradições reinventadas sob a lógica do mercado [...] são (re)significadas com o objetivo de se tornarem um atrativo de pessoas, e assim, de dinheiro”.

Nascimento (2017), referência utilizada para resgatar o contexto histórico e a dinâmica da festa atualmente, em seus estudos sobre um dos maiores ternos da congada catalana, o Catupé Amarelo, menciona como as tradições do evento se transformaram com o passar dos anos. Foram observadas modificações nas vestimentas, nas cantigas, nas confecções dos instrumentos, mudanças essas que são criticadas pelos membros mais antigos das congadas. Segundo Nascimento (2017, p. 34), “o Catupé Amarelo busca inovar a congada catalana, colocando cada vez mais em partes do cortejo algumas paródias de canções sertanejas”. Ainda segundo o autor, o terno

está presente na rede social, *Facebook*. [...] eles têm um perfil pessoal, uma página e um grupo na supracitada rede. Nesse espaço da tecnologia em rede, colocam fotografias, data e horário dos ensaios, convites para os dias da festa, trechos das canções e vídeos das apresentações e/ou ensaios do referido grupo (geralmente postados pelo público que os assiste e participam da festa). (NASCIMENTO, 2017, p. 35)

Com a modernização dos meios de comunicação e tecnologias como computador, smartphones, entre outros, observa-se ainda que as congadas não só obtêm visibilidade pelo conteúdo divulgado nas redes sociais, mas também mediante a cobertura jornalística feita durante período, seja em blogs independentes da cidade, como também pelas reportagens de canais de televisão, mídia impressa e digital, como é o caso do jornal *O Popular*, cujos enunciados sobre as congadas serão analisados a seguir.

3.3 A posição autoral e a constituição do sujeito jornalista nos enunciados sobre as congadas

Como mencionado anteriormente, para analisar os enunciados do jornal *O Popular* será empregada a metodologia dialógica do Círculo de Bakhtin, que assinala a importância das relações dialógicas entre autor e destinatário, além do contexto social, para a compreensão dos enunciados, pois “toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos [...] o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto)” (BAKHTIN, 2011, p. 400-401). Por isso, compreende-se o enunciado como uma unidade do discurso, que pressupõe interação social, uma resposta ou uma ação, por isso é orientado para o outro. Foi mencionado também o caráter responsivo dos enunciados, que mantém sempre um diálogo

com outros enunciados proferidos antes destes, podendo agir com uma resposta, uma confirmação, uma negativa, ou até mesmo com o silêncio, que também é uma atitude responsiva. Assim, segundo Volochínov (2013, p. 163),

qualquer comunicação verbal, qualquer interação verbal, se desenvolve sob a forma de *intercâmbio de enunciações*, ou seja, sob a forma do diálogo. O diálogo – o intercâmbio verbal – representa a forma mais natural da linguagem. [...] De fato, em realidade, cada enunciação – um discurso, uma conferência etc. – está dirigida a um ouvinte, quer dizer, *a sua compreensão e a sua resposta [...] a sua concordância ou discordância* – em outras palavras, à escuta avaliativa do ouvinte, do auditório.

Pode-se aplicar essa compreensão da comunicação verbal também para o discurso jornalístico, pois o jornalismo “trabalha com uma imagem a respeito do interlocutor que determina não apenas questões relativas às escolhas temáticas, mas também questões que dizem respeito ao uso da linguagem e à prática discursiva. O jornalista fala tendo como horizonte um leitor de sua fala” (MACHADO e JACKS, 2001, p. 5). Para produzir conteúdo para seu público, veículos de comunicação de massa realizam pesquisas de opinião, assim, podem saber em quais condições socioeconômicas e culturais se enquadram seus leitores. Para Volochínov (2013), a orientação social é uma característica comum a todo discurso, que sempre pressupõe o pertencimento do interlocutor a uma classe social ou hierarquia, o que será responsável por organizar, em conjunto com a situação social, a forma e a estrutura da enunciação.

É possível estudar os enunciados no jornalismo a partir dessa perspectiva, pois o discurso jornalístico também produz sentidos e desperta condutas em relação à realidade apresentada. Apesar de Bakhtin tratar em seus textos dos enunciados verbais, entende-se que elementos verbais, imagéticos ou audiovisuais também podem ser analisados como enunciados, por serem representações de objetos físicos, signos que refletem e refratam outra realidade. Volóchinov (2017, p. 92) explica, sobre isso, que “essa imagem artístico-simbólica de um objeto físico já é um produto ideológico”, ou seja, as representações (imagens, textos, vídeos, áudios) de uma realidade não coincidem com ela, mas estão repletas de ideologia, ou avaliações ou valorações, construídas sócio-historicamente ou relativas à situação social (contexto) da enunciação. É por isso que

Nós não escutamos nem pronunciamos uma palavra, mas escutamos uma verdade ou uma mentira, algo bom ou cativante, útil ou inútil, agradável ou desagradável etc. A palavra preenche-se de um conteúdo ou de um significado ideológico ou cotidiano. Como tal, nós a recebemos e respondemos somente à palavra que compreendemos no plano da ideologia ou do cotidiano (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 116).

Os enunciados concretos estão, por conseguinte, diretamente ligados à vida e o cotidiano. A linguagem não pode ser separada do movimento da enunciação, que dá vida e sentido às palavras, que também transformam a vida. É nesse movimento dialético que se percebe o caráter vivo e social da linguagem, que está sempre em transformação por meio da interação verbal. Para entender os efeitos de sentido e a posição ideológica que ocupa o sujeito do discurso, é preciso compreender como essas transformações se deram, quais signos foram utilizados para descrever os eventos, levando em consideração que a linguagem é uma construção sócio-histórica e as enunciações, dialógicas, sempre dirigidas para um “outro” ou ainda em resposta a outros enunciados.

Como procedimento metodológico para o estudo dos enunciados, será utilizada a proposta de análise de Acosta-Pereira e Rodrigues (2010), que considera as características do gênero do discurso utilizado (dentro da esfera jornalística), dividindo ainda em dois enfoques: a dimensão social “(i) sua esfera social; (ii) suas condições sociais de produção, circulação e recepção; (iii) sua situação social de interação; (iv) sua posição de autoria; (v) seus interlocutores, dentre outros aspectos constituintes e funcionais da construção social do gênero” (ACOSTA-PEREIRA E RODRIGUES, 2010, p. 152) e a dimensão verbal do gênero “(i) seu conteúdo temático; (ii) seu estilo e projeções estilístico-composicionais; (iii) sua arquitetura e composicionalidade, dentre outros aspectos enunciativo-discursivos do gênero, como, por exemplo, sua dimensão multimodal (visual, audiovisual, dentre outras semioses)” (2010, p. 152). Com isso, pretendemos também responder às seguintes perguntas: (a) quais temáticas se repetem no conjunto de matérias? (b) quais vozes sociais estão presentes nos enunciados? (c) de que forma o jornalista coloca essas vozes em seu texto? (d) qual é o papel do jornal *O Popular* como uma posição de autoria em potencial?

Fazem parte do *corpus* de pesquisa sete (7) matérias divulgadas entre os anos de 2010 e 2014 pelo jornal *O Popular* em sua mídia digital, a saber, em ordem cronológica: “Tambores para louvar” (O POPULAR, 29 de setembro de 2010)¹⁶; “Fé em azul e branco” (O POPULAR, 29 de setembro de 2011)¹⁷; “Inspiração em Minas” (O POPULAR, 3 de outubro de 2013a)¹⁸; “Saúde ao novo rei” (O POPULAR, 3 de outubro de 2013b)¹⁹; “Tradicional terno

¹⁶ Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/tambores-para-louvar-1.69500>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/magazine/f%C3%A9-em-azul-e-branco-1.43542>>. Acesso em 10 dez. 2018.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/inspira%C3%A7%C3%A3o-em-minas-1.404244>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/sa%C3%BAde-ao-novo-rei-1.404310>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

fica fora de festa” (O POPULAR, 3 de outubro de 2013c)²⁰; “Catalão celebra a congada” (O POPULAR, 13 de outubro de 2013d)²¹ e “Soam os tambores” (O POPULAR, 1º de outubro de 2014)²². Além disso, também será analisado o prefácio intitulado “Eu e a congada”, presente no livro *Congada de Catalão*, publicado em 2007 por Robson Macedo, jornalista responsável pelas matérias do jornal. Por meio do prefácio é possível compreender a quem o livro se destina, como foi idealizado, quais são seus objetivos. O prefácio também introduz e direciona a leitura do livro, além de trazer considerações do autor ou sobre o autor. Ademais, escolheu-se analisar “Eu e a congada” pela necessidade de compreender o diálogo que se estabelece entre os enunciados do jornal e o prefácio do livro. Esse texto é anterior às matérias divulgadas pelo jornal e “denuncia” os posicionamentos do sujeito jornalista, que também é congadeiro e bisneto de participantes antigos da festa, possuindo assim conhecimento das transformações e rotinas das congadas.

Dessa forma, através da análise do prefácio “Eu e a congada”, é possível analisar signos ideológicos utilizados pelo autor nos enunciados das matérias publicadas no jornal, signos esses que marcam a voz autoral no texto. Como a interpretação de um determinado texto, para Bakhtin (2011) só se dá através do diálogo com outros textos e com o contexto social que originou os enunciados, é necessário trazer para a análise, portanto, o contexto em que se insere o sujeito jornalista, que se dá em dois tempos: “o pequeno tempo – a atualidade, o passado imediato e o futuro previsível – ou o grande tempo – o diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (BAKHTIN, 2011, p. 409). Outro eixo temático sobre o tema sujeito que também norteia esta pesquisa é a presença do discurso alheio na sua forma direta e indireta, seja a voz das fontes entrevistadas (participantes e organizadores das congadas) ou o discurso institucional e ideológico do jornal *O Popular*. A respeito disso, Rodrigues (2001) observa três formas possíveis de interação com o interlocutor (público-leitor esperado e outras vozes discursivas):

A produção da orientação apreciativa constrói-se através da relação dialógica particular das três instâncias enunciativas: a posição da autoria [...] e seus desdobramentos enunciativos; a relação com os enunciados já-ditos, que o autor aproxima ou distancia do seu discurso (*movimentos dialógicos de assimilação e de distanciamento*) [...] a relação com a reação-resposta ativa do leitor, objetivando refutar objeções, engajá-lo ao seu discurso e interpelá-lo à adoção de uma determinada

²⁰Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/tradicional-terno-fica-fora-da-festa-1.404316>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²¹Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/catal%C3%A3o-celebra-a-congada-1.410348>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²²Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/soam-os-tambores-1.672776>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

atitude valorativa (*movimentos dialógicos de engajamento, refutação e interpelação*). (RODRIGUES, 2001, p. 6)

Os movimentos dialógicos também implicam, na notícia, por exemplo, a forma de enquadramento da voz do outro. Para essa finalidade, o jornalista faz uso de recursos estilísticos que expressam a força valorativa da voz utilizada, criando diversos efeitos de sentido que dão credibilidade à notícia, ou legitimam os fatos relatados. Pensando também nas contribuições da perspectiva foucaultiana, o discurso jornalístico se materializa em práticas discursivas que conferem ao jornalismo uma “vontade de verdade”, sustentada também pelo papel histórico atribuído ao campo como área de saber, da apreensão da realidade como factual, organizadas principalmente no gênero notícia. Assim, concorda-se com Resende, quando este diz que:

É dada ao campo do jornalismo a tarefa de produzir saber acerca dos acontecimentos do mundo, tarefa que lhe é outorgada tanto porque detém a tecnologia – uma força maquínica incomensurável – como também porque outras instituições produtoras de saber – de caráter pedagógico – conferem aos que proferem os discursos da mídia o direito da fala. A partir desses lugares, pelo desejo e pelo poder, revestidos da vontade de verdade, os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante (RESENDE, 2014, p. 212).

É possível dizer, portanto, que o jornalismo desempenha importante papel não apenas porque este produz conhecimento sobre o mundo, mas também porque como discurso o jornalismo constitui sujeitos, mobiliza atitudes, constrói diálogos. Nesse sentido, o sujeito jornalista também é moldado por esses discursos, ao mesmo tempo em que produz outros discursos, outros enunciados. Para Bakhtin (2009), o sujeito é um ser da linguagem, por isso, só por meio do diálogo estabelecido com outros sujeitos e discursos é que se manifesta a sua intersubjetividade, pois esta é construída na alteridade entre um “eu” e um “outro”. Como já foi mencionado aqui também, a forma e estilo do gênero jornalístico evidenciam a relação que o sujeito jornalista estabelece com outros discursos e também com a sua própria expressão no texto, que está relacionada com o diálogo empreendido com seu interlocutor, por isso a importância de se analisar os enunciados proferidos pelo sujeito jornalista para a compreensão da sua intersubjetividade.

3.3.1 “Eu e a congada”

O jornalista e autor das matérias divulgadas sobre as congadas, Robson Macedo²³, nasceu em Catalão, Goiás, e pertence a uma família de congadeiros, sendo bisneto de

²³ Informações retiradas do site do Jornal Opção. Disponível em: < <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/o-popular-demite-o-editor-de-esporte-robson-macedo-38356/>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

participantes da tradicional festa catalana. Macedo iniciou sua carreira no Jornal Opção e depois trabalhou como jornalista para o jornal *O Popular* por 20 anos na cobertura de matérias nacionais e internacionais, também atuando como editor de Esporte do jornal. Em 2007, Robson Macedo publicou, com o patrocínio da Petrobras, o livro “Congada de Catalão”, que foi lançado na cidade de Goiânia, mas também distribuído em Catalão para escolas, bibliotecas e outras instituições públicas, como campus de Catalão da Universidade Federal de Goiás, onde foi obtido acesso a esse livro.

No prefácio “Eu e a congada”²⁴ já é possível antecipar a relação valorativa que Macedo estabelece com a tradição das congadas, ao mesmo tempo que a sua autoria se torna explícita: é a relação do “eu” com um “outro”, interação que marca a tomada de consciência do autor a respeito de sua própria identidade, como parte do grupo social dos congadeiros. É também um posicionamento ideológico que justifica a escrita do livro. Macedo comenta suas motivações ao escrever o livro e como foi um desafio escrever sobre a festa da qual participa há 35 anos nos moldes das pesquisas em ciências humanas ou através dos conhecimentos adquiridos pela formação em Jornalismo. Uma estratégia encontrada pelo autor para esse desafio é manter-se fiel às tradições e narrar as histórias, lendas e mitos como forma de entender as origens da festa, devido às dificuldades de se ater à cronologia dos fatos com datas e dados precisos, também por causa da falta de registros escritos sobre a festa. Pode-se perceber a presença de signos que marcam seu pertencimento ao grupo social das congadas, não só pelas palavras utilizadas, mas pelo tom emocional ao descrever seu sentimento durante os rituais da festa e também pela publicação do livro. É possível também perceber nesse enunciado a relação valorativa do autor com o objeto do seu dizer (as congadas). Assim, pode-se observar essa relação pela expressividade típica dada às palavras quando Macedo (2007, p. 8) narra

- (1) Para um congadeiro, **como eu, não há palavras para explicar** a batida de uma caixa no primeiro ensaio em pleno calor de agosto; o acompanhamento da confecção da farda que será usada durante a festa; **o agradecimento** a Nossa Senhora do Rosário, por meio de orações, por estar ali mais um ano **cumprindo a promessa feita ainda no nascimento; a alegria** de ver outros brincadores uniformizados; e **o vazio** de perceber que aquele momento tão esperado de sair às ruas vestido a caráter e com o instrumento passou numa **fração de segundo**.

Pode-se inferir por esse enunciado que o autor tem uma relação afetiva com o assunto tratado, pois participa ativamente das festividades desde seu nascimento, dado que está “mais um ano cumprindo a promessa feita ainda no nascimento” e também acompanha as atividades que acontecem antes do mês das congadas durante o “ensaio em pleno calor de agosto”.

²⁴ Cf. anexo A.

Também é possível observar seus sentimentos durante a festa, que o jornalista diz não conseguir verbalizar (“não há palavras para descrever”), mas tenta, ao descrever “a alegria”, e “o vazio” que sente durante esses momentos. Dessa forma, Macedo imprime valorações e novos sentidos às festividades, construídos no encontro com o “outro”, ou “outros” participantes da festa (“a alegria de ver outros brincadores uniformizados”). É por essa razão que sua percepção do tempo e sua experiência também ganham novas valorações, como quando Macedo percebe a realidade da festa como um “momento tão esperado” que “passou numa fração de segundo”. Volochínov (2013, p. 154-155; grifos do autor) entende que até mesmo as sensações, quando transmitidas em palavras e divulgadas em uma obra, são carregadas de conteúdo ideológico e socialmente orientadas:

A passagem da sensação, como expressão interior, à enunciação realizada exteriormente, é o primeiro estágio da criação ideológica. [...] Nesse estágio se reforça a *orientação social* que já estava presente na sensação, ou cuja possibilidade estava nela esboçada. No segundo estágio de realização, a forma cotidiana primitiva se torna já um *produto ideológico*. [...] Finalmente, no terceiro e último estágio de sua realização, o produto técnico deve adaptar-se às condições *técnicas* exteriores. [...] Nos três estágios, o processo de realização da obra de arte ocorre num único ambiente – o ambiente social. Esse processo é contínuo: da sensação confusa à impressão do livro, não corre mais que uma precisão e um alargamento da estrutura social que já estava presente nos primeiros vislumbres da consciência do homem. [...] *a sensação interior era desde o começo uma expressão exterior* – ainda em forma latente; *o ouvinte* – ainda pressuposto – *era desde o começo um elemento necessário de sua estrutura*.

Assim, pode-se inferir que Macedo, ao organizar sua expressão nos enunciados, carrega consigo o conteúdo ideológico da tradição das congadas, bem como tem em vista um destinatário específico quando em outros momentos também utiliza termos e expressões específicas das congadas para mostrar seu pertencimento a esse grupo social. Em muitos momentos, o autor se refere aos participantes da festa como “brincadores”, termo que não foi encontrado em nenhuma bibliografia e que apenas aparece em seu texto, sendo depois explicado no glossário²⁵ que faz parte do livro. Macedo também emprega o termo “congueiros”, que, como explica também no glossário, refere-se a “pessoas que, por promessa ou por gostar, participam dos grupos da congada” (MACEDO, 2007, p. 98).

O jornalista termina o prefácio com uma expressão típica das congadas, “Salve o Rosário!”, que serve como saudação entre os congadeiros da festa. Segundo Cezar (2012), o hábito da saudação é uma regra de etiqueta característica dos participantes das congadas, o que denota o pertencimento ou não às tradições de congadeiros. Por isso, o leitor do livro que não pertença às congadas e não tenha conhecimento das especificidades da festa pode não

²⁵ O glossário aparece na sessão “Congada de A a Z”. (MACEDO, 2007, p. 98).

entender alguns dos termos se estes aparecessem fora do contexto, mas ao situar essas palavras em seu texto, o sujeito discursivo constrói sentidos que tornam possível a interpretação da escolha dessas palavras. O contexto é, então, essencial para a compreensão dos signos, como afirma Volochínov (2013, p. 114; grifos do autor):

O trabalho principal da compreensão não coincide de fato no reconhecer na forma linguística usada pelo falante uma forma conhecida, “idêntica”, assim como às vezes se reconhece um sinal não muito habitual ou uma palavra de uma língua pouco conhecida. Fundamentalmente o trabalho de compreensão não coincide com o *reconhecimento* da forma aplicada, mas o que é próprio para sua *compreensão naquele dado contexto concreto*, com a compreensão daquela forma naquela dada enunciação, ou seja, com a compreensão de sua novidade e não com o reconhecimento de sua identidade.

Também é possível perceber ao analisar os enunciados que o discurso religioso é um caráter constante do texto principalmente quando Macedo (2007, p. 8) afirma que a principal explicação para a tradição da festa ter permanecido por tantos anos na cidade é “a devoção a Nossa Senhora do Rosário”. O discurso religioso ainda aparece como uma crítica vaga, ao mencionar que a fé “às vezes parece longe dos cantos e do batuque”. É necessário sustentar que essa crítica se deve aos embates entre o catolicismo e os rituais de origem africana, que é mal visto por alguns devotos da padroeira Nossa Senhora do Rosário, como citado anteriormente. Nascimento (2017, p. 26), sobre isso, comenta brevemente uma possível razão para essa crítica de Macedo, dizendo que “os congadeiros não frequentam com assiduidade as missas e terços”. Entende-se, através disso, mais uma característica que mostra pluralidade de experiências e religiosidades da festa que, como ritual polissêmico, apresenta diferentes significados para os participantes, em diferentes épocas (CEZAR, 2012, apud FAVRET-SAADA, 2005).

A religiosidade também se mostra presente no signo “pecado”, ao comentar sobre os congueiros que morreram sem deixar registro das tradições dos rituais, e também quando Macedo menciona o desejo de escrever um livro com “alma de congadeiro”, diferente dos estudos já realizados sobre as congadas. Nesse momento, o autor parece defender seus posicionamentos e a necessidade de falar sobre as congadas com a voz e “alma” de congadeiro, de quem participa há anos da festa e possui antepassados que também foram congadeiros. Macedo reserva o uso do signo “alma” para os integrantes que entrevistou para o livro, que também são “outras almas”, pois possuem a mesma devoção à santa e aos rituais das congadas. “Alma”, nesse sentido, está reservada aos que participam ativamente das congadas, que são semelhantes a Macedo em seu sentimento pela festa. Cezar (2012) observa

semelhanças no processo de escolha de novos integrantes de um terno de congadeiros. A ancestralidade ou “alma” é essencial nesses casos.

Alguns fatores como a ancestralidade e o pertencimento às religiões afro-brasileiras podem influenciar o processo. A ancestralidade diz respeito ao fato de algum membro da família do novato ter sido em vida congadeiro ou moçambiqueiro. Isso lhe confere um reconhecimento que lhe é anterior, diz respeito à consideração e deferência dos congadeiros e moçambiqueiros em relação àquele seu parente já falecido. Nesses casos é valorizada a força atribuída ao sangue e alma negra que, mesmo de maneira silenciosa e invisível, age entre as diferentes gerações fazendo com que aqueles que tiveram parentes dentre os antigos dançadores da festa se encaminhem no sentido de formar a nova geração de congadeiros e moçambiqueiros (CEZAR, 2012, p. 196).

O autor também alterna momentos entre sua identidade como jornalista e congadeiro, ao dizer “nos meus 35 anos fazendo parte de uma das maiores festas populares do Brasil, não poderia usar somente minha formação em Jornalismo [para escrever o livro]” (MACEDO, 2007, p. 8). Assim, Macedo prefere escrever o texto na posição de congadeiro, pois como diz adiante “como sou filho, neto e bisneto de congadeiros, procurei resgatar histórias (mitos e lendas) contadas há décadas por eles e por velhos brincadores” (MACEDO, 2007, p. 8). A escolha pela identidade de congadeiro na escrita do livro é também uma escolha metodológica, é o resgate da história dos antepassados em forma de lendas e mitos. Em determinado momento, Macedo (2007) se questiona se a narração das histórias pela voz dos antigos participantes das congadas seria errada, visto que não há garantia da veracidade das mesmas. Macedo, porém, responde essa questão dizendo que a perpetuação dessas histórias garante a continuidade das tradições da festa e “a preservação do louvor a Nossa Senhora do Rosário” (MACEDO, 2007, p. 8).

Pode-se traçar em seu texto, dessa forma, um paralelo entre duas diferentes identidades, que são negociadas a favor da preservação da tradição das congadas. Ao analisar os sentidos construídos pelo autor, por um lado há o jornalista (método jornalístico), que baseia sua pesquisa da mesma forma que as ciências humanas, apoiando-se em dados, cronologias, registros escritos, entre outros materiais documentais. Por outro lado, há o congadeiro, que se apoia nas histórias e lendas contadas pelos antepassados e companheiros das congadas, que baseia seus escritos na fé e devoção a Nossa Senhora do Rosário, ao catolicismo e aos rituais afro-brasileiros. Essa negociação só é possível porque o discurso interior é dialógico, ou seja:

No nosso discurso se fragmenta em intervenções separadas, maiores ou menores, toma forma dialógica. [...] Nossa consciência parece quase dividir-se em duas vozes independentes que se contrapõem uma a outra. *E sempre uma dessas vozes, independente de nossa vontade e nossa consciência, coincide com a visão, com as opiniões e com as avaliações da classe a que pertencemos.* A segunda voz é sempre a

voz do representante típico, ideal, de nossa classe. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 165; grifos do autor)

Macedo, como participante das congadas (que frequenta desde criança) e como jornalista, tem o seu discurso fragmentado em duas vozes, mas nos enunciados do prefácio concorda com as opiniões do grupo a que pertence. Afinal, o autor decide pela identidade do congadeiro, fazendo críticas ao modo como as ciências humanas excluem a narração de mitos e lendas pelos antigos ou como “buscar recursos na História, na Antropologia ou em outras ciências humanas para mostrar a terceiros a congada talvez seja em vão” (MACEDO, 2007, p. 8). Assim, ao se referir à explicação que os congueiros têm para a grandiosidade da festa, o autor se insere no grupo, empregando o pronome “nós” entre parênteses, o que não deixa dúvidas de seu posicionamento ideológico no prefácio do livro. O próprio título do prefácio deixa claro que a relação que será construída no texto é entre “Eu [Macedo] e a congada”, ou seja, o autor e a festa. Deste modo, entende-se que o texto, de tom emocional e pessoal (pois ao fim o autor ainda agradece às pessoas responsáveis pelo livro, o patrocínio pela Petrobras, seus familiares e amigos) é ideológico e representa o ponto de vista das congadas, construindo assim, uma identidade do congadeiro.

É necessário mencionar, no entanto, que a identidade do congadeiro também é formada pela valorização da cultura negra e das origens africanas da congada. Macedo mostra isso em três momentos no prefácio. Primeiro, ao afirmar que fazer uma pesquisa sobre as congadas pode ser complicado, “mas a delícia de fazer isso é descobrir a simplicidade da festa que os negros construíram ao longo do tempo” (MACEDO, 2007, p. 8). Mais para frente, nos agradecimentos e dedicatória, o autor também demonstra se preocupar com as gerações futuras de sua família e a relação com as tradições da festa, Macedo (2007, p. 9) diz: “[dedico o livro] aos meus filhos [...], pois espero que no futuro possam ler e repassar a todos o que a família ajudou a construir para a cultura afro-brasileira em nosso País, motivo de muito orgulho”. Ao lado dos agradecimentos, dialogando com essa frase, duas fotos podem ser observadas: na parte superior da página, uma foto do ano de 1973, em que aparece Robson ainda criança vestindo trajes típicos das congadas junto a sua vó, tia e irmã. Na parte inferior da página, logo abaixo, há uma foto de Robson em 2004, também trajado como congadeiro, mas acompanhado de seus três filhos, que vestem as mesmas roupas, inclusive o menor, ainda criança, que aparece em seu colo. À escolha desses termos no texto será empregada a categoria de “tema” ou recorrência temática, como definido por Volóchinov (2017, p. 229; grifos do autor):

O tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição para a formação da existência. A significação é um artefato técnico de realização do tema. Evidentemente, é impossível traçar um limite absoluto e mecânico entre o tema e a significação. Não há tema sem significação, como não há significação sem tema. Mais do que isso, não é possível nem mostrar a significação de uma palavra isolada [...] sem torná-la um elemento do tema, isto é – sem construir um enunciado – “exemplo”.

Portanto, nessas três recorrências temáticas pode-se perceber a valorização da ancestralidade negra, visto que o autor destaca essa característica no texto e pelas fotos. Observa-se também a valorização da festa como ritual “afro-brasileiro”, ou seja, ao empregar o termo o autor destaca que a ancestralidade africana originou as congadas, mas os rituais são, também, criações que rememoram o passado de sofrimento dos escravos e suas experiências por meio do contato com a cultura católica, negociadas a muito custo. Macedo evidencia também o caráter “brasileiro” da festa, que uniu elementos de religiosidade católica com os já mencionados rituais de origem africana. Outro ponto a ser observado pela interpretação dessas ocorrências é a valorização da família. Como citado anteriormente, os laços de sangue e a “alma negra” garantem o pertencimento a determinado terno e, além disso, garantem a permanência das tradições das congadas. Isso também pode ser explicado porque, como afirma Cezar (2012, p. 197), “as famílias ‘donas dos ternos’ são as herdeiras dos conhecimentos mais amplos sobre a festa da congada, seus porquês, suas agências, suas sequências rituais, em uma palavra, seus segredos e seus ‘fundamentos’”. Garantir a continuidade da família e, mais ainda, a permanência dela dentro de um mesmo terno é garantir a continuidade dos rituais e dos conhecimentos transmitidos de geração em geração e o mesmo acontece em relação ao respeito com os antepassados.

O respeito e devoção aos antepassados, enquanto agentes do sagrado e intercessores nos ensinamentos e usos de poderes sobre-humanos, permitem o elo entre o passado, presente e futuro do grupo, garantindo sua reprodução e a consequente manutenção dos conhecimentos relativos à festa. Esse é um dos mecanismos sociais que vinculam a experiência pessoal dos agentes do presente à das gerações passadas, de modo que, por meio desse vínculo, a hierarquização e reprodução do grupo seja garantida (CEZAR, 2012, p. 209).

Conclui-se, portanto, que Macedo, como integrante das congadas, busca manter a tradição viva por intermédio da publicação do livro e, ainda, nos enunciados do prefácio, assume sua identidade como congadeiro, mantendo-se fiel às tradições das congadas e baseando-se no relato dos seus antepassados e de outros participantes das festividades para construir uma narrativa histórica. É possível inferir essas considerações na análise do estilo utilizado nos enunciados e também pelo tom emocional que o autor utiliza no prefácio. Em relação às vozes presentes no texto e a incorporação de outro(s) ponto(s) de vista, se observa a

predominância dos movimentos dialógicos de distanciamento e de interpelação, que se traduzem em um efeito de autoridade do sujeito-autor, que está autorizado a falar pela tradição das congadas, em oposição aos pesquisadores das ciências humanas.

- (2) Eu corria (e corro) o risco de repetir estudos já realizados. Não que sejam trabalhos ruins, mal formulados ou sem metodologia científica, mas **falta a eles a alma de congadeiro.**
- (3) **Buscar recursos na História, na Antropologia ou em outras ciências humanas** para mostrar a terceiros a congada **talvez seja em vão** para quem estão diante da simplicidade de congadeiros e congueiros.
- (4) Narração, na maioria das ocasiões, **excluída por pesquisadores entregues às ciências humanas.** Errado ou certo continuar reproduzindo-as nessa obra? Confesso que a resposta fica para o leitor.

No último enunciado (4), o movimento dialógico de interpelação não apenas mostra a interação com o público-leitor, mas busca dele uma resposta que já se encontra em seu texto, pois, ao se distanciar de outras versões contadas sobre as congadas, ele dá preferência à versão que ele diz ser passada por gerações de congadeiros da sua família e fora dela. No entanto, ele assina o prefácio como jornalista, posição que o responsabiliza juridicamente como autor. A posição de autoria de Macedo como jornalista e congadeiro é, portanto, o que dá credibilidade ao livro, o que faz o autor impor ao leitor seu posicionamento ideológico e sua versão sobre a história das congadas. Nesse sentido, no movimento de interpelação “*um determinado ponto de vista é apresentado como o ponto de vista, como a verdade à qual o leitor deve se sentir compelido, persuadido a aderir*” (RODRIGUES, 2001, p. 213).

3.3.2 “Tambores para louvar”

Serão analisados agora os enunciados sobre as congadas através das matérias publicadas no jornal pelo mesmo jornalista, que estabelecem diálogos com o prefácio do livro, apesar de estarem inseridos em um jornal e, por isso, pertencerem à esfera jornalística e conterem estilo, construção composicional e tema próprios. É necessário ressaltar que o prefácio estabelece relações contextuais de extrema importância para a análise dos enunciados jornalísticos, pois “compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232). Para analisar os enunciados e o sujeito que os enuncia, é preciso entender, portanto, o contexto que possibilitou a publicação das matérias jornalísticas, quais discursos são acionados dentro delas e quais grupos sociais formam a identidade do sujeito que escreveu os

enunciados. O sujeito jornalista, dessa forma, sempre dialoga com enunciados que vieram antes dele e com o interlocutor (público), renovando com isso os sentidos da tradição das congadas, pois, segundo Bakhtin (2011, p. 410):

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo.

Os enunciados desta pesquisa também estabelecem relações dialógicas com o interlocutor do texto, que para o jornal representa um público vasto, que consome os produtos jornalísticos na forma de assinatura ou compra do exemplar impresso do *O Popular*, ou ainda pelo consumo dos produtos anunciados no jornal. Esse endereçamento a um destinatário específico pode ser observado pelas escolhas estilísticas e composicionais do sujeito-jornalista ao escrever seu texto. Segundo Bakhtin (2011), todo texto possui um autor, por isso, é possível observar que a escolha e seleção das fontes entrevistadas e a assimilação do discurso alheio, que aparece emoldurado por aspas na maior parte das vezes, é uma forma de expressão e posicionamento do sujeito-jornalista.

Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. Desse modo, a expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras; essa expressão ou é uma expressão típica do gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada (BAKHTIN, 2011, p. 295).

Tendo em vista, portanto, que o sujeito jornalista dialoga com as valorações, juízos de valor e posicionamentos de outros discursos, modificando-os nos enunciados do discurso jornalístico, intenta-se agora analisar o *corpus* de pesquisa publicado na forma de matérias jornalísticas pelo jornal *O Popular*. A primeira matéria é intitulada “Tambores para louvar” (O POPULAR, 29 de setembro de 2010)²⁶ e contém uma reportagem extensa a respeito da chegada da festa e mudanças no cortejo, na imagem da santa, além de informações sobre o café da manhã servido aos festeiros (como foi feita a arrecadação dos alimentos, o apoio da prefeitura, a descrição das comidas servidas). De forma sucinta, a reportagem ainda aborda o problema das barraquinhas de comerciantes que vêm à cidade durante a festa. Em relação à estrutura, a função social da reportagem é atender a algum interesse atual, abordando um tema específico de forma aprofundada. Enquanto a característica principal da notícia é a novidade

²⁶ Cf. anexo B. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/tambores-para-louvar-1.69500>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

do relato, a reportagem não necessariamente trata do imediato e ainda “não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto conforme ângulo preestabelecido” (LAGE, 2000, p. 46). Portanto, enquanto na notícia o uso do *lead* é essencial, a reportagem não necessariamente faz parte do gênero informativo, pois busca priorizar a profundidade, o envolvimento com o leitor e a criatividade da narrativa. Ainda conforme Lage (2000, p. 47), na reportagem “podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de romance” (LAGE, 2000, p.47).

O título “Tambores para louvar” dialoga com a essência da Festa da Nossa Senhora do Rosário, pois o “tambor” é instrumento musical típico dos rituais afro, enquanto o “louvor” faz parte da tradição católica. Além disso, o título não define, aos moldes da estrutura da notícia, por exemplo, o que será dito na matéria, mas desperta a curiosidade do leitor. O título ainda romantiza as congadas e seus elementos religiosos, representados pelo tambor e pelo louvor. Sendo assim, Macedo identifica a congada pelos antigos rituais de fé e tradição, ao mesmo tempo em que demonstra apagar o histórico de resistência e luta negra em prol de uma fusão harmoniosa entre catolicismo e religião afro. O jornalista representa, portanto, um cronotopo da congada, que traduz sua visão positiva do sincretismo religioso, ao que Bakhtin afirma ser próprio do folclore.

O folclore, de uma maneira geral, está saturado na temporalidade: todas as suas imagens são profundamente cronotópicas. O tempo no folclore – a plenitude temporal, o futuro, as medidas do tempo do homem – colocam importantes problemas que nada têm de inatural. Não podemos tratá-los aqui, se bem que o tempo folclórico tenha influenciado muito a criação literária. Aqui nos interessa mais diretamente outro aspecto da questão: o uso do folclore local (particularmente da lenda e da saga heroica e histórica que visam a intensificação da percepção da terra natal, tal como ele aparece no processo que culmina no romance histórico. O folclore local pensa e informa o espaço, satura-o de tempo e incorpora-lhe a história (BAKHTIN, 2010, p. 275).

Outras partes integrantes da construção composicional da reportagem: a linha fina, que sintetiza as principais informações sobre o fato, com efeito de instantaneidade; a presença do *lead*; a fotografia do terno do prego e a programação na íntegra como recursos multimodais para complementar a matéria (ver anexo B). Esses elementos dialogam com a visão positiva e comercial da congada transmitida pelo autor. A imagem mostra integrantes do terno vestidos com o traje típico e, ao fundo, a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em primeiro plano está um homem negro, já idoso, também vestido com as roupas do terno. A partir dessa foto, é possível relacionar a presença de congadeiros brancos e negros e a igreja com o sincretismo religioso exaltado pelo sujeito-autor no título da matéria. Como enunciado concreto, a imagem é uma parte da realidade social, que produz sentidos, remete-se a outros

enunciados e espera uma resposta, é direcionada a um interlocutor. A presença da imagem no jornalismo pode ser associada às tentativas de fazer do discurso jornalístico um discurso de verdade, sendo a fotografia representação do objeto factual, mas que como enunciado remete a outros discursos, como sugere Souza (2017, p. 165):

Não apenas como forma de trazer o factual, a imagem pode vir também associada no jornalismo à memória, enquanto ativadora de uma memória discursiva, quando imagens de outros discursos são acionadas, seja pela própria representação de uma foto histórica ou mesmo pela representação da atualidade, mas que carrega consigo situações inscritas na história e memória, que se relacionam a discursos anteriores, sendo assim uma representação social e histórica de um dado assunto, que é retomado no sentido de permitir novas significações.

A imagem representada na matéria “Tambores para louvar” é, assim, uma construção da realidade, evidenciando o posicionamento do sujeito jornalista quanto às congadas. A fotografia como materialidade discursiva também tem como objetivo dialogar com os outros enunciados da matéria jornalística, construindo com eles sentidos múltiplos, que podem gerar respostas e atitudes múltiplas dos leitores. No caso do enunciado em questão, percebe-se como principal finalidade a divulgação da festa para o público-leitor, de modo a gerar como atitude responsiva a participação das festividades. Assim, segundo Souza (2017, p. 171), “a cada matéria redigida, a cada imagem capturada, se estabelece uma relação entre jornalista e público de forma dinâmica”. Ainda como forma de diálogo, é possível perceber a presença de outras vozes da congada na matéria: do presidente da irmandade, do festeiro e de um dançador de congo:

- (5) Por causa do sol nesta época do ano, nem os membros da congada nem os fiéis ficavam para a celebração. **“Agora, os ternos vão tomar café, entram na Capela de Nossa Senhora do Rosário e já ficam para a missa, que começa às 9 horas”**, anuncia o presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Leonardo Costa Bueno.
- (6) Porém, o financiamento da despesa para receber os milhares de convidados não fica exclusivamente para o festeiro, como no período dos fazendeiros. **“Fizemos alguns eventos, como jantar-dançante, festa, arraial e leilão, para arrecadar dinheiro para a alimentação. Também recebemos uma boa ajuda da prefeitura de Catalão”**, contou Juliano Tavarez, de 37 anos, que é empresário [festeiro].
- (7) A justificativa para o fim [da tradição do rancho] foi a segurança (a palha poderia pegar fogo facilmente) e a dificuldade de manter a higiene no local, onde são realizados os leilões e o show musicais e servidas ceias à noite durante os 11 dias. **“Este ano não vamos cobrar ingressos para entrar no rancho. As**

“pessoas pagarão 2 reais pela cadeira no local por noite”, disse Juliano [festeiro].

- (8) Historicamente, as barracas eram montadas para a festa de Catalão para receber os devotos da festa. Como não havia hotel nem a disposição dos moradores para receber os fiéis, a maioria da zona rural, a acomodação era em barracas. Com o passar dos anos, começou o comércio. **“Mas eu não me lembro de nenhuma festa em Catalão sem as barraquinhas, como ocorreu no ano passado”**, afirma Antônio Cassimiro, **dançador de congo** de 93 anos.

Os enunciados 5, 6 e 7 tratam de novidades da congada, anunciadas por representantes oficiais da festa. Com isso, o autor busca estabelecer diálogo com o público-leitor, de modo que este compareça às festividades. No enunciado 5, Macedo responde a expectativas do público da festa que, segundo ele, não ficavam para a missa por conta do calor. O jornalista retoma então, a fala do presidente da Irmandade, que anuncia o novo horário da celebração. O mesmo acontece no enunciado 7, quando o festeiro justifica o fim da tradição do ranchão. Nesse sentido, as falas dos representantes da festa funcionam como antecipação possível de questionamentos do público-leitor sobre a festa. Macedo assume, portanto, a função social que é esperada do jornalista de veicular conhecimentos da atualidade e de interesse público, além de transparência, pois também anuncia o papel da prefeitura no patrocínio do evento. Outra informação de relevância que é destacada no texto é a fala do dançador de congo, que comenta a presença das barraquinhas da festa. Não há menção ao terno ou grupo que ele representa, mas sua idade justifica a importância do seu relato, como participante antigo da congada sua versão é tão digna de confiança quanto a dos organizadores do evento. Macedo organiza, desta forma, certa hierarquia de valores em relação às fontes que corroboram ou dão relevância à matéria, ao mesmo tempo em que separa sua voz com as vozes dos entrevistados com o uso das aspas.

Segundo Rodrigues (2001, p. 193), “normalmente está entre aspas o discurso relatado direto que o autor cita mas não assume, ou que é do âmbito da palavra de uma autoridade, que precisa ser destacada, uma vez que não se acomoda no discurso do autor”. Por isso, pressupõe uma importância e hierarquia relativa a outros discursos presentes no texto e que não são separados pelas aspas.

É necessário considerar sempre a hierarquia social da palavra alheia que está sendo transmitida. Quanto mais intensa for a sensação de superioridade hierárquica da palavra alheia, tanto mais nítidas serão suas fronteiras e menos penetrável ela será pelas tendências comentadoras e responsivas”. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 262)

O sujeito jornalista, portanto, quando faz uso das aspas, pretende se distanciar do discurso que é citado por ele. Aqui é possível perceber como a política editorial norteia a expressão do autor e a construção do texto. Sabe-se que, no jornalismo, é necessário embasar o texto através de fontes que presenciaram o fenômeno objetivo relatado pelo jornalista ou através de fontes documentais que sustentam dados históricos ou estatísticas a respeito do tema. Essas escolhas são justificadas pelo esforço empreendido pelas empresas jornalísticas de dar efeito de verdade ao texto jornalístico, o que se demonstra pela criação de manuais de jornalismo, códigos de conduta, códigos de valores e demais textos que comentam a política editorial de veículos jornalísticos. Para Foucault (2007), essas práticas discursivas denotam uma “vontade de verdade” que garante o *status quo* do jornalismo. O uso das aspas no texto pode ser compreendido, na perspectiva foucaultiana, como uma estratégia de exclusão que não permite a alteridade entre discursos e sujeitos, pois “o outro, quando fala, fala sempre de um deslugar, porque invariavelmente fala através daqueles que lhes concedem este direito, uma condição antes de autoridade, muito distante do que se espera de um exercício de alteridade” (RESENDE, 2014, p. 212).

É necessário afirmar, porém, que o “efeito de verdade” do texto também é dado pela estilística, marcada pela impessoalidade dos verbos e uso do pronome na terceira pessoa do singular, além de uma construção composicional específica, que aparece na forma do *lead* – recurso estilístico que é claramente endereçado a um interlocutor, pois tem a pretensão de “chamar a atenção e convidar o leitor a prosseguir com a leitura” (SOUZA, 2017, p. 165) – bem como a presença de um gráfico com a programação da festa. O uso desses recursos formais como um todo não é a única característica que define o gênero jornalístico, mas dá pistas para entender a influência que o destinatário exerce sobre o texto. O estilo do gênero é justificado como estratégia do sujeito jornalista em resposta a uma demanda da política editorial do veículo, mas também como uma forma de anunciar a programação da festa a um público amplo, de modo a direcioná-lo a tomar uma atitude responsiva, frequentando (ou consumindo) a festa.

- (9) **A tradição dos balões para a procissão de sábado, antes de levantar as bandeiras, foi resgatada**, segundo Leonardo Bueno [presidente da Irmandade].
- (10) Uma nova imagem de Nossa Senhora do Rosário, com **1,30 m de altura**, chegou terça-feira a Catalão. Inspirada em uma peça menor que serve de veneração dos devotos há décadas no interior da Capela de Nossa Senhora do Rosário, a nova imagem foi confeccionada em Guaratinguetá (SP) e será colocada na recém-

inaugurada gruta em frente à igreja. **A imagem é de resina e a coroa é de metal e banhada a ouro.**

(11) Segundo ele [o festeiro Juliano], **no café da manhã deste ano tem biscoito (200 kg por dia), pão de queijo (100 kg), bolo (100 kg), broa (50 kg), leite (200 litros), café (100 litros) e suco (50 litros).**

(12) Além dos 859 pontos organizados pela prefeitura, os donos das casas em volta da Capela de Nossa Senhora do Rosário podem usar a área de sua garagem para vender produtos ou alugá-la. Por isso, o cálculo da prefeitura é **de que as barraquinhas podem ultrapassar as 1,2 mil.**

É possível perceber ainda no discurso do jornalista a espetacularização da festa através da menção à fatura dos alimentos (que são detalhados em números); à novidade da imagem da santa; à descrição pormenorizada dos rituais dos balões e da bandeira e à grandiosidade da festa (“são esperados milhares de devotos”, “barraquinhas podem ultrapassar 1,2 mil”). O jornalista atrai, dessa forma, não só a curiosidade dos leitores do jornal para consumirem a notícia, mas também a atenção do público para participar das congadas e demais atrações das festividades. Com isso, o discurso do sujeito jornalista é influenciado pelo caráter mercadológico do jornal *O Popular*, adequando sua expressão e os discursos das congadas ao discurso comercial do veículo, tornando o produto do seu trabalho, a notícia, uma mercadoria vendável. “Nessa relação entre veículo e audiência, podemos pensar que [...] para a comunicação privada, os desafios [...] se referem à qualidade, ao conteúdo, porém, estes aspectos se encontram atravessados pela concorrência, pela disputa de mercado” (SOUZA, 2017, p. 72). Para Costa, C. L. (2010, p. 58), a maneira como as festividades são abordadas pela mídia comercial, a reprodução das imagens e da grandiosidade da festa, além de produzir sentidos e gerar condutas do interlocutor, transforma também as congadas em produto a ser consumido.

Dessa forma, as festas – a alegria, o prazer, o descanso, a cultura – estão em processo de transformação em produtos que podem ser consumidos através, principalmente, das imagens – a partir de uma transmissão de TV [...] Para a produção do espectador/usuário recorre-se até à [...] à folclorização de práticas culturais que são divulgadas pela mídia com o intuito de atrair turistas, esvaziando o seu conteúdo primeiro destas e colocando outros interesses “estranhos”, na sua reprodução.

Considerando, portanto, o sujeito jornalista responsável pela divulgação das matérias sobre as congadas, pode-se concluir que este se posiciona discursivamente a favor da reprodução das festividades como produto de consumo, pois é ideologicamente marcado também pelo discurso institucional do *O Popular*, que direciona suas práticas jornalísticas no gênero discursivo. Especificamente na matéria “Tambores para louvar”, o sujeito jornalista se insere na lógica mercadológica de uma mídia comercial, sendo interpelado pelas práticas

discursivas de produção e reprodução da realidade da política editorial do jornal. Tanto na forma quanto conteúdo é sustentado o discurso que divulga e faz da festa um espetáculo, a fim de garantir não só a sobrevivência econômica do jornal pelo consumo da informação jornalística, mas também o consumo das festividades como prática cultural.

A congada também reúne, no posicionamento autoral do jornalista, signos que evocam a fé (“louvor”, “veneração”, “devotos”) e a tradição do ritual afro (“tambor”, “batida dos tambores”, “animado e colorido”) para romantizar a fusão dos elementos religiosos. Por meio do excedente de visão de Macedo como sujeito-autor da matéria sobre as congadas, é possível perceber os sentidos que a festa evoca para o jornalista e como os enunciados refletem e refratam a realidade a partir da proposta comunicativa elaborada em função do público-leitor do jornal.

3.3.3 “Fé em azul e branco”

A segunda matéria analisada, “Fé em azul e branco” (O POPULAR, 29 de setembro de 2011)²⁷, é o texto que mais denuncia a posição autoral de Macedo. Começando pelo título, a festa relaciona a cor do uniforme do Terno do Prego com o signo “fé”, dialogando com o tema da matéria, a comemoração dos 50 anos do grupo. Pela forma como foi construído o título, a “fé” está representada nas cores do uniforme, que remete aos integrantes do quinquenário terno a devoção pela santa padroeira da festa. As fotos que acompanham o texto (ver anexo C) também buscam ilustrar o uniforme e a grandiosidade do grupo, que “conta atualmente com mais de cem participantes”, além da dedicação à imagem da Nossa Senhora do Rosário, representada em um estandarte. Portanto, para poder construir uma análise do posicionamento autoral do jornalista, relacionam-se todos os elementos da matéria em conjunto, que formam sentidos sobre a realidade retratada, como afirmam Stafuzza e Diniz (20019, p. 280):

O todo arquitetônico diz respeito à construção de uma obra entendida como interação entre material, forma e conteúdo. O “todo” relaciona-se com o acabamento que se opera a partir do excedente de visão como elemento constitutivo fundamental dessa interação, bem como da atividade autoral. De acordo com Bakhtin ([1979]2011), a arquitetônica da visão artística é a responsável pela organização do espaço-tempo-sentido, bem como a concepção da obra como objeto estético.

Portanto, é necessário compreender a relação que se estabelece entre a forma composicional (título, imagem) e conteúdo. O jornalista não só destaca a importância da fé

²⁷ Cf. anexo C. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/magazine/f%C3%A9-em-azul-e-branco-1.43542>>. Acesso em 10 dez. 2018.

para as congadas e o Terno do Prego na forma, mas também imprime tom poético ao primeiro parágrafo, com impressões valorativas sobre a experiência de participar do terno. Macedo descreve os rituais do grupo como momentos grandiosos, míticos e revestidos de emoção. Os símbolos do brasão têm caráter sagrado e remetem à devoção dos integrantes. Elementos religiosos combinam com as características das vestimentas, do canto e da música e imprimem a relação afetiva com o objeto tratado.

(13) A batida do couro da caixa é **singular**. O azul-piscina da camisa e o branco da calça transformaram o uniforme num **clássico**. O estandarte carregado por virgens com a imagem bordada de Nossa Senhora do Rosário **abre caminho para centenas de dançadores**. O **canto forte** dos homens é **proclamação de fé e devoção**. Do lado esquerdo do peito, um brasão lendário: a espada, a folha de louro e o cálice com o coração perfurado. **É proteção de todos**. Estes elementos são **características únicas** do Terno do Prego – grupo que está completando 50 anos de existência em 2011 – na Congada de Catalão.

A estilística do parágrafo acima traz explicitamente o efeito de subjetividade, com valorações afetivas do autor sobre fatos concretos dos rituais da festa e do uniforme do terno. O tom poético do enunciado, segundo Bakhtin (2011, p. 289), “que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado”. Ainda sobre o uso dos adjetivos, estes marcam o movimento dialógico de assimilação com o tema tratado e também o caráter híbrido do gênero utilizado. Rodrigues (2001), sobre o uso de palavras e expressões avaliativas no gênero artigo, afirma que nos manuais de redação de jornalismo “tem-se que estes devem ser empregados ‘com sobriedade’, uma vez que ‘a opinião sustentada em fatos é mais forte do que a apenas adjetivada’; ‘com parcimônia’, evitando-se os ‘adjetivos fortes’, que podem surpreender o leitor ou causar efeito de opinião definitiva sobre alguma coisa ou alguém” (2001, p. 176-177). Ainda que a autora trabalhe o gênero artigo, conclui-se que o uso dos adjetivos no texto do jornalista contribua para a construção de um gênero híbrido, que comporta aspectos do gênero notícia e do gênero literário.

É importante ressaltar que o enunciado também dialoga com o prefácio do livro de Robson Macedo, mais especificamente com as fotos que acompanham o texto, que mostram o jornalista usando o uniforme do Terno do Prego. Ao comparar a foto do brasão que acompanha a matéria “Fé em azul e branco”, as fotos dos participantes do terno e a foto de Macedo e sua família, é possível perceber a semelhança entre as vestimentas. O que se nota nesse momento é que a identidade do sujeito congadeiro se denuncia nos enunciados dessa

matéria sem ser necessário fazer uso da primeira pessoa ou do pronome “eu”, como acontece no prefácio.



Figura 1 – Brasão do Terno do Prego e foto do prefácio “Eu e a congada”

Apesar do primeiro parágrafo e as fotos apresentarem valorações afetivas do sujeito-autor com o Terno do Prego, a matéria tem como conteúdo temático a divulgação da Festa de Nossa Senhora do Rosário e o aniversário de 50 anos do grupo congadeiro, por isso conta também com dados sobre a origem e desenvolvimento do terno e falas dos participantes. O uso dessas vozes mostra o movimento dialógico de assimilação dos discursos, com efeito de compartilhamento de responsabilidade, ou seja, de forma a dividir a credibilidade e o posicionamento ideológico com os entrevistados.

- (14) O terno tinha apenas 12 membros em seu primeiro ano e hoje são mais de 100 participantes. **“A base do terno sempre foi a nossa família”**, conta Elzon Arruda, de 70 anos, o mais velho dos dez filhos do [Geraldo] Prego e o capitão-responsável pelo batalhão.
- (15) Os horários dos ensaios e das visitas aos devotos, a religiosidade e o cuidado com o uniforme eram cobrados constantemente. E um dos ensinamentos do pai, Elzon faz questão de repetir: **“Não dançamos para fazer bonito pros outros. É por devoção e pela fé em Nossa Senhora do Rosário”**.
- (16) A pressão da sociedade catalana pelo retorno em 2010 foi enorme. **“A parada em 2009 fortaleceu mais ainda os laços com os dançadores. Era visível no rosto de cada um a satisfação de sairmos novamente no ano seguinte”**, recorda Elzon.
- (17) Uma inovação será apresentada aos dançadores: as caixas com armadura

(chamado de bojo) de fibra de vidro. Este ano, serão testados cinco tambores. A tradição é o bojo ser feito de madeira ou chapa de aço. **“Estamos preservando a natureza. Para confeccionar cada caixa precisávamos matar uma árvore. O restante do processo da confecção não foi alterado”**, explica Egio Arruda, de 53 anos.

Por meio da análise dos enunciados aqui apresentados, aparecem também recorrências temáticas dos temas da fé (promessa, orações, devoção, proteção, devoto, divina, religiosidade); tradição (clássico, lendário, ensinamentos) e família (descendente, geração, laços), signos ideológicos que orientam o enquadramento das falas dos entrevistados. Pelo acabamento dado à matéria, no diálogo entre estilo, construção composicional e conteúdo temático, a autoria é dada pelo posicionamento ideológico do sujeito-autor, que busca estabilizar a realidade do Terno do Prego (passado, presente e futuro) para documentar a importância do grupo para as congadas de Catalão. Dessa forma, o jornalista tenta explicar a sua experiência e de outros congadeiros, construindo uma versão romantizada de si e da realidade que o rodeia.

3.3.4 “Inspiração em Minas”

Seguindo a ordem de matérias sobre as congadas publicadas pelo *O Popular*, “Inspiração em Minas” (O POPULAR, 3 de outubro de 2013)²⁸ narra brevemente a história da origem das congadas. Não há menção a fontes ou marcas explícitas de outras vozes, mas o jornalista busca, como em seu prefácio “Eu a congada” contar a história através das narrativas orais dos antepassados. Em vez de mencionar fontes históricas, livros ou historiadores, Macedo fala em “versões”, “lendas” e “narrações”.

- (18) O início da congada, na **narração dos velhos integrantes dos ternos de congo em Catalão**, é uma **mistura de lenda e história** da luta dos negros no período da escravidão no Brasil.
- (19) A origem da Festa de Nossa Senhora do Rosário e o início da congada em Catalão têm **várias versões**.
- (20) O que se sabe, muitas vezes, é **a história oral passada de pai para filho**.
- (21) Em **uma versão popular bem conhecida**, o fazendeiro Pedro Netto Carneiro Leão, que morava em Araxá (MG), se estabeleceu na cidade, se deu bem nos negócios e prometeu fazer uma festa para a santa.
- (22) **Uma outra história contada** sobre a origem da congada envolve três grandes fazendeiros que tinham muitos escravos.

²⁸ Cf. anexo D. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/inspira%C3%A7%C3%A3o-em-minas-1.404244>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Ao escolher tratar apenas de versões populares, o jornalista mostra assimilar os posicionamentos ideológicos da origem “mítica” das congadas, o papel central do escravo negro, sua fé e suas tradições como resistência aos anos de escravidão (“é uma mistura de lenda e história da luta dos negros no período da escravidão no Brasil”). Dessa forma, valoriza-se o passado (“fazer tudo de acordo com os rituais de sua origem na mãe África”) e não a divulgação do evento. O sujeito-autor se posiciona aqui criticamente em relação à origem das congadas, lembrando o apagamento das religiosidades africanas em função da colonização:

(23) O que se celebra na cidade goiana seria uma conquista dos africanos e seus descendentes brasileiros, que receberam a autorização dos patrões para ter um dia em especial para proclamar a sua fé, **desde que não fosse longe da senzala.**

Essa origem é, porém, apagada dos textos anteriores, trazendo a compreensão de que a conquista dos espaços da cidade (a rua e a igreja, por exemplo) representam a emancipação dos rituais negros e liberdade religiosa. A partir do momento em que a festa é patrocinada pelos grandes fazendeiros, o sincretismo religioso é visto como conquista e motivo de orgulho, ao mesmo passo que a tradição do evento aos moldes do passado (ensinamentos passados de geração para geração, casal festeiro composto por pessoas brancas, barraquinhas de comércio, entre outras) permanece e é exaltado.

Como parte da construção composicional, o texto se diferencia das outras matérias pela ausência de fotos, *lead* ou linha fina (ver anexo D). Também é o único a não fazer divulgação da festa, o que se justifica pela publicação de outras três matérias no mesmo ano. Por isso, o texto dialoga com o conjunto publicado na mesma edição da festa, tratando apenas da origem das congadas. Sua posição autoral, no entanto, é marcada por um forte posicionamento ideológico em relação à valorização do negro nas congadas, que para expressarem sua fé, fundiram suas crenças com as tradições católicas. Dois enunciados marcam a importância do negro, suas crenças e rituais:

(24) O que se celebra na cidade goiana seria uma conquista dos africanos e seus descendentes brasileiros, que receberam a autorização dos patrões para ter um dia em especial para proclamar a sua fé, desde que não fosse longe da senzala. Eles, então, resolveram fazer tudo de acordo com os rituais de sua origem na **mãe África.**

(25) Nesse momento entram na cerimônia religiosa **os tambores, a dança, o canto e as roupas coloridas**, comuns nas festas africanas, principalmente no Congo, na Angola e em Moçambique.

Os trechos marcados em negrito evidenciam signos ideológicos relacionados à cultura negra (“mãe África”, “tambores”, “dança”, “roupas coloridas”) por isso, traduzem também no posicionamento do sujeito-autor em relação às origens da congada e o papel dos antepassados negros na construção da festa, novamente romantizando a origem mítica em detrimento do apagamento da cultura e religiosidade negra em prol do sincretismo religioso e assimilação da cultura e dos costumes europeus. A coexistência dos elementos da cultura negra aqui mencionados com os elementos católicos da devoção à santa e dos rituais da igreja (promessa, missa, oração, louvor) é dada pelo sujeito-autor como constituinte da sua identidade. Esta só pode ser estabelecida em relação a um “Outro”, no caso, aos antepassados que passaram a tradição das congadas desde seu início.

3.3.5 “Saúde ao novo rei”

A matéria “Saúde ao novo rei” (O POPULAR, 3 de outubro de 2013)²⁹ conta a história e nomeação de Cleiber Franscisco Inês como rei do congado. O texto não aborda o tema do protagonismo negro nas congadas, mas a forma como o jornalista esboça uma narrativa sobre Cleiber mostra como a tradição pode transformar “um ajudante de encanador” em um “rei”, que comanda um ritual de origem negra. Esse sentido se estabelece por meio da comparação entre um membro da família real inglesa “privilégios, mordomia ou glamour” e o trabalho de Cleiber “ajudante de encanador trabalha de segunda a sexta-feira, não tem carro e mora em uma casa simples”. Por meio da leitura e análise dos enunciados, infere-se a importância do posto de rei do congado (“autoridade máxima na congada catalana”) que, por mais que não ofereça “privilégios”, é a concretização e resistência da tradição negra. O título “Saúde ao novo rei” homenageia, com uma saudação, a conquista de Cleiber e demonstra o respeito e grandiosidade que o posto possui dentro das congadas.

Para poder compreender os aspectos discursivos da matéria, é necessário explicitar as particularidades do gênero perfil. Com isso, não se pretende indicar um modelo classificatório para poder identificar o gênero, mas um caminho metodológico que permita a análise da dimensão social e organização textual da matéria. Segundo Braz e Sardinha (2018), o gênero perfil não é autônomo, podendo apresentar características da reportagem (se apresenta complexidade e profundidade), da notícia (se tem como caráter a novidade e a instantaneidade), entre outros gêneros. Ainda sobre o perfil, observou-se aqui a caracterização do “perfil humanizado”, que objetiva empreender um diálogo através da entrevista para

²⁹ Cf. anexo E. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/sa%C3%BAde-ao-novo-rei-1.404310>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

descobrir conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida do entrevistado. De acordo com Braz e Sardinha (2018, p. 71-72):

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (apud SODRÉ, 1986, p. 126).

Macedo escolhe o momento de nomeação de Cleiber como rei para poder relatar a transformação que o título gerou na vida do entrevistado. Por isso, constrói uma narrativa que envolve os principais aspectos do novo posto e o sentimento de Cleiber diante das novas responsabilidades. Para poder abordar aspectos tão pessoais da personagem da matéria, o jornalista suscita um movimento dialógico de assimilação, em que alterna os discursos direto e indireto numa tentativa de mostrar a experiência do novo rei na sua dimensão mais expressiva.

- (26) Autoridade máxima na congada catalana, Cleiber confessa que ainda se sente desconfortável no cargo. A falta de experiência é o principal problema. Ele tenta apressar o aprendizado consultando o Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para saber mais sobre sua função e pede ajuda aos amigos mais velhos de congado. Sua escolha para o cargo foi uma surpresa, já que não esperava a indicação da tia, a rainha Eloene Rita. **“Levei o maior susto quando meu nome foi aprovado (como novo rei). Naturalmente, o rei teria de ser o filho de Eurípedes (Sidney). Eloene poderia até indicar o filho dela, mas não quis”**, justificou Cleiber.
- (27) Até os 12 anos, Cleiber dançou em um terno de congo, depois foi ser príncipe no comando do rei Eurípedes. Com a morte do tio João Cláudio, foi elevado ao posto de general. **“Mas nunca pensei em ser rei. Talvez, pela responsabilidade que o cargo exige”**, admitiu.

A partir dos enunciados 26 e 27, se observa o papel da família na constituição do sujeito e sua função nas congadas. O rei do congado vem de uma linhagem de reis, rainhas, príncipes, princesas e generais, que obedecem à estrita hierarquia e possuem Estatuto específico que define suas obrigações e deveres. A nomeação para o cargo vem da própria família e se espera responsabilidade e comprometimento. O sujeito-autor busca mostrar como Cleiber vivencia o novo cargo e a seriedade das tradições passadas de pai para filho. A autoria é dada pela alternância das vozes de Cleiber e de Macedo, que procura pormenorizar a experiência do reinado e sua relação com a manutenção dos antigos rituais.

- (28) Em poucos meses de reinado, **Cleiber reconhece que ter poder pleno sobre a congada não traz tantos benefícios**. A primeira norma que aprendeu é que não pode se expor vergonhosamente diante da sociedade. Por isso, precisa de uma conduta mais reservada no dia a dia. A cerveja que tomava com os amigos nos bares agora não é mais aconselhável. O recomendado é levar para casa. Segundo ele, os velhos congadeiros fazem cobrança constantemente para que seja espelho para os mais jovens.

- (29) Cleiber fez sua primeira aparição como rei para o grande público no último ensaio para a festa, dia 29 de setembro, quando todos os grupos se reuniram na porta da igreja de Nossa Senhora do Rosário para cumprimentar o general, Laldemiro da Silva. Ele chegou com mais de uma hora de atraso ao local e foi cobrado pela demora. **“Eles (dançadores mais antigos) pegam no pé mesmo. Sei que é para meu bem e para que eu possa desempenhar a função satisfatoriamente”**, afirmou Cleiber, que dançou, pulou, cantou e cumprimentou as pessoas que estavam na porta da capela.
- (30) O rei já tem de tomar uma decisão difícil e que pode gerar polêmica no congado de Catalão. Ele avaliará a criação de três novos grupos após a Festa do Rosário, que começa na madrugada de amanhã e vai até o dia 14. O problema é um acordo entre os capitães de que a congada não tem mais espaço para crescer em número de ternos. Existem atualmente 21 agremiações. Só que os solicitantes são seus amigos. **“Não sei como vou resolver a questão. Vou ouvir pessoas influentes para depois tomar uma posição”**, prometeu.

Ao escolher narrar a história de nomeação do rei, Macedo traz uma nova abordagem dos aspectos da festa através da voz de um integrante que possui antepassados, cresceu na tradição das congadas e precisa lidar com novas responsabilidades. Não só é possível compreender aspectos internos da escolha do rei e as normas exigidas para ele, mas também como o olhar do “outro” intervém na conduta de Cleiber como rei. A tradição, passada de pai para filho, surpreendeu o congadeiro pela disciplina e rigidez cobradas (“Eles [dançadores mais antigos] pegam no pé mesmo”, “A cerveja que tomava com os amigos nos bares agora não é mais aconselhável”). A partir destes enunciados, Macedo demonstra o que é a tradição das congadas, que não apenas busca conservar os hábitos dos antepassados, mas também demonstra uma relação do congadeiro com a comunidade da festa e com a sociedade em geral. As dificuldades contadas pelo rei do congado representam a atitude dos integrantes com a permanência dos aspectos mais tradicionais da festa e ainda mostram o discurso conservador e religioso que constitui o evento.

3.3.6 “Tradicional terno fica fora de festa”

A matéria “Tradicional terno fica fora de festa” (O POPULAR, 3 de outubro de 2013)³⁰, ao contrário das matérias anteriores, possui a estrutura e o características de estilo típicas do gênero notícia, com duas funções sociais: divulgar as congadas e, como o título deixa claro, evidenciar a ausência do Terno do Prego nas festividades. Por meio do anúncio da novidade, não só o conteúdo temático é renovado (pois no mesmo ano foram publicadas quatro matérias sobre as congadas no mesmo período), mas também atrai a atenção de participantes, congadeiros, moradores da cidade de Catalão e demais pessoas que se interessam pelo tema ou frequentam o evento. A curiosidade também ocorre em função da

³⁰ Cf. anexo F. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/tradicional-terno-fica-fora-da-festa-1.404316>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

ausência do nome do terno no título, o “tradicional terno”. Isso suscita a leitura da matéria a fim de descobrir qual grupo não irá participar da festa e as razões para tal. Nesse sentido, o título é direcionado ao público-leitor e sua interação com o texto. O primeiro enunciado pressupõe o interlocutor do texto e busca a adesão do leitor a seu ponto de vista. Nesse caso, falando pelo grupo dos devotos, como se atuasse como porta-voz e/ou assumindo a posição de devoto.

(30) Nos últimos 50 anos, os devotos de Nossa Senhora do Rosário de Catalão se acostumaram **ao batido inconfundível** das caixas do terno de Prego. Só que a festa, que começa na madrugada de amanhã e termina no dia 14, não terá o grupo que usa **o tradicional uniforme azul e branco**. Com a morte do segundo capitão, Edson Arruda, a família decidiu se retirar das comemorações em 2013.

Os adjetivos “tradicional” e “inconfundível”, dispostos no primeiro parágrafo, mostram ainda a avaliação valorativa do próprio sujeito-autor, que, como visto aqui, participa do Terno do Prego. A partir disso, a matéria discorre sobre o terno e a atuação de Edson Arruda como segundo-capitão, além de sua contribuição histórica para as congadas. A participação ativa de Macedo nas congadas e sua relação com os membros do terno permitem a ele mencionar uma fala de Edson antes de sua morte. No trecho grifado, o jornalista mostra que teve contato com o segundo-capitão antes de sua morte, destacando a importância de Edson para a história da festa. A autoria aparece aqui na forma como o sujeito-autor comenta a fala do segundo-capitão.

(31) A contagem de edições da festa em Catalão foi estabelecida com a ajuda de Edson nos anos 80. A base dele foi um documento de 1876, no qual a Igreja Católica faz doação de um terreno para a construção da capela de Nossa Senhora do Rosário. **Ele tinha consciência de que a congada poderia ser bem mais antiga na cidade, mas dizia que em determinado momento precisou ter um marco de início.**

Por fim, um pequeno parágrafo anuncia as congadas e as novidades da edição do ano, o que demonstra que o sujeito-autor necessita divulgar a festa obedecendo a critérios próprios de agendamento do jornal.

(32) **Em sua 137ª edição, a festa começa na madrugada de amanhã (a alvorada está marcada para as 2 horas) com a participação de 20 ternos**, divididos em catupé, congo, vilão e moçambique. São dois grupos convidados – um de Goiânia e outro de Goiandira.

(33) **A novidade este ano** na celebração religiosa é a volta do cortejo entre a Igreja Matriz de São Francisco e a capela do Rosário no domingo pela manhã.

O sujeito-autor reafirma, nos enunciados 32 e 33, a função social que a congada exerce não apenas para a cidade, mas também para o jornal *O Popular*, que busca divulgar o evento para o público-leitor. Nesse sentido, a programação cultural e religiosa da cidade é algo a ser comercializado pelo jornal e atendendo a demandas do público-leitor para manutenção de assinaturas e vendas nas bancas.

3.3.7 “Catalão celebra a congada”

Última matéria publicada em 2013, “Catalão celebra a congada” (O POPULAR, 13 de outubro de 2013)³¹ apresenta todas as regularidades típicas do gênero notícia, começando com seu título, que traz uma afirmação simples do acontecimento. A foto busca representar, em conjunto com o texto, o café da manhã realizado durante o evento, assunto que justifica a escolha pelo gênero notícia, já que tem como dimensões sociais: relatar as atividades que aconteceram até aquela data e divulgar outras atividades que irão acontecer nos próximos dias. Portanto, a escolha pelo gênero é guiada também pelo público-leitor, visando a participação deste nos rituais das congadas. A única voz presente (dos organizadores) tem como objetivo validar as informações contidas na matéria.

(34) A programação da noite prevê uma procissão, a partir das 18 horas, e depois tem mais uma missa. **A expectativa dos organizadores é da participação de mais de 2 mil pessoas nas celebrações.**

Através do enquadramento do relato dos organizadores, o jornalista mobiliza o efeito de autoridade, que coloca na fala dos organizadores a responsabilidade pelo que está sendo dito. No gênero notícia essa prática é importante para ainda garantir o efeito de credibilidade das informações divulgadas pelo jornal. Os efeitos também são diálogos estabelecidos com o público-leitor, pois “orientam os sentidos entre o gênero e seus interlocutores, não apenas direcionando os leitores a determinadas significações, como antecipando sua atitude responsiva frente aos acontecimentos relatados na notícia” (ACOSTA E RODRIGUES, 2010, p. 157). Os discursos que ressoam na matéria

3.3.8 “Soam os tambores”

A última matéria analisada neste trabalho, “Soam os tambores” (O POPULAR, 1º de

³¹ Cf. anexo G. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/catal%C3%A3o-celebra-a-congada-1.410348>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

outubro de 2014)³², é o único texto publicado no ano sobre as congadas, como consequência, possui como função reunir todas as novidades e transformações desde a última edição e também fazer a divulgação anual da Festa da Nossa Senhora do Rosário. Depois do trajeto realizado até aqui na análise das matérias publicadas pelo *O Popular* sobre as congadas, é possível dizer que a periodicidade é seu caráter mais importante, estruturando assim quando os textos serão divulgados e como eles serão estruturados. Ao menos uma vez ao ano no período analisado, observou-se a publicação de uma notícia ou, ao menos, um texto sobre a festa. Várias foram as formas de fazê-lo: através da exposição das novidades, das transformações, das mudanças, das características mais curiosas, da história das origens, entre outros recursos. A construção composicional e, por conseguinte, os aspectos imagéticos também foram utilizados para este fim, embora não tenha sido possível encontrar regularidades no que tange aos gêneros utilizados.

Assim, “Soam os tambores” também possui, como parte de sua estrutura, título, linha fina, *lead* e imagem, como recursos típicos do gênero notícia. A compreensão das regularidades, porém, pode ser acompanhada pela percepção da diferença: a posição autoral se encontra precisamente na habilidade do sujeito-autor de interpretar os acontecimentos do mundo e transgredir as formas regulares que limitam novas percepções. No gênero notícia, é comum observar títulos (como no caso desta pesquisa) que reduzam o fato a uma afirmação simples em poucas palavras para situar o público-leitor e gerar interesse deste. Na última matéria aqui analisada, o título não resume o acontecimento, mas dialoga com a interpretação do autor sobre as congadas, ao modo que descreve parte do ritual que inicia o evento. Durante a Alvorada os membros dos ternos saem de suas casas carregando os instrumentos (entre eles, o tambor) e se reúnem na Igreja da Nossa Senhora do Rosário. O som do tambor, dessa forma, faz menção ao início das congadas.

O sujeito-autor ainda dá preferência por explicar alguns termos relacionados com o evento no corpo do texto, pressupondo assim que seu texto será lido por pessoas que não têm familiaridade ou não conhecem o assunto. Ele faz o oposto com os termos “grupo” e “salão”, quando coloca entre aspas a “expressão típica” para as mesmas palavras, respectivamente, “terno” e “ranchão”. Da mesma forma, um leitor que não tenha nenhum conhecimento sobre as congadas pode ver o que as palavras significam no contexto. Da mesma forma que a escolha pelo gênero se relaciona com o público-leitor, o acabamento dado ao discurso do outro também é uma escolha autoral. Em “Tambores para louvar” foram encontrados as seguintes vozes:

³² Cf. anexo H. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/soam-os-tambores-1.672776>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

- (35) A principal mudança é o novo local para a apresentação de encerramento, a chamada Entrega da Coroa. Nos últimos anos, a organização utilizava o espaço ao lado da Igreja Nova Matriz, no Bairro Mãe de Deus, para a cerimônia. No dia 13, o ritual será na Av. 20 de agosto, em frente à Praça Getúlio Vargas, onde será montado o palco. **“Não teremos arquibancada, como montamos anteriormente. Não há espaço na avenida. Mas vamos colocar grades para separar o público dos ternos”**, adiantou Leonardo Bueno, presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.
- (36) No dia 7, data que se comemora a coroação de Nossa Senhora do Rosário, será celebrada uma missa sertaneja, às 19 horas, na Igreja do Rosário. **“Será uma missa cantada e com acompanhamento de violeiros. Tenho certeza de que os devotos vão gostar muito da novidade”**, diz Joel Fernandes, que, ao lado da mulher Joana d’Arc, é o festeiro da 138ª edição.
- (37) Pela primeira vez, o padre Emerson Costa está à frente das celebrações da Festa do Rosário. Paulista de Santa Fé do Sul, ele chegou a Catalão no dia 1º de fevereiro, mas conhece a congada e os rituais por pesquisas de campo que realizou quando ainda estudava teologia. **“No momento, vamos (a igreja) dar continuidade ao trabalho que já é desenvolvido. A festa é popular, mas tem muita espiritualidade e devoção à Nossa Senhora do Rosário”**, comenta Emerson, que morou em cidades vizinhas a Catalão, como Goiandira, Urutaf e Cumari.

Nessa matéria as falas completam os sentidos pretendidos por Macedo, ao mesmo tempo em que respondem à demanda do gênero notícia de obter efeito de autoridade com a presença de fontes “oficiais”. O presidente da Irmandade, como principal organizador das congadas, justifica a mudança do local; o festeiro Joel Fernandes, como anfitrião da edição de 2014 do evento, apresenta as novidades e chama os devotos para as festividades e por fim, o padre que preside os rituais religiosos comenta os aspectos da espiritualidade e devoção das congadas. Apesar de participarem do mesmo grupo social das congadas, essas vozes representam, no texto de Macedo, a voz de uma autoridade apta a falar sobre a parte organizacional do evento. Também está presente o discurso religioso na voz do padre, que ressalta a importância da fé em detrimento da popularidade das congadas. Essas vozes também mostram os principais discursos que formam a identidade da festa no imaginário da tradição: o casal festeiro e o padre, que desde a origem da Festa da Nossa Senhora do Rosário, eram responsáveis pela realização das festividades (o patrocínio e a parte religiosa). O sujeito-autor se posiciona, portanto, ao lado da tradição e dos discursos que atravessam as congadas, ao escolher essas fontes para sua matéria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se por meio do resultado da análise dos enunciados do *O Popular* e o prefácio “Eu e a congada” que o gênero jornalístico utilizado pressupõe uma imagem de público-leitor e um determinado grau de autoria institucional do jornal, principalmente na construção composicional, na presença de fotos, na reprodução na íntegra da programação da festa, no uso do *lead*. Nesse sentido, quanto mais próximo do gênero notícia, que possui periodicidade, estilo e linguagem relativamente estáveis, menor será a presença de marcas de autoria implícitas do jornalista. Isso também demonstra ecos do discurso jornalístico na construção dos enunciados sobre as congadas, que é produto a ser comercializado para a venda do jornal. Contudo, em todas as matérias analisadas é possível encontrar marca explícita de autoria de Robson Macedo, sua assinatura no início do texto. Essa marca significa, para o jornalismo, responsabilidade judicial pelo que é dito, enquanto que para a perspectiva dialógica representa vínculo com o que é enunciado, como afirma Rodrigues (2001, p. 244):

A assinatura (o nome completo do autor, que nos enunciados impressos, *online* assume esse papel) tem, entre outras, uma função jurídica: ela identifica e responsabiliza juridicamente o autor. Do ponto de vista legal, é ao articulista que é imputada a responsabilidade pelas posições enunciadas no artigo. Discursivamente, a assinatura inscreve o autor no artigo (enunciado), mostra-se como uma “marca de autoridade e compromisso” dele com o seu enunciado. Também estabelece o vínculo entre o articulista e o seu texto, e a relação intrínseca entre a postura do autor prevista no gênero e o autor concreto, mostrando-se como o “selo da individualidade” do autor do enunciado.

Quanto às recorrências temáticas, pode-se perceber, segundo a tabela abaixo, que informações ou fotos sobre o Terno do Prego e signos relacionados à fé e tradição aparecem nos enunciados do jornal com frequência. Ao amparar no estudo do prefácio, pode-se reconhecer que esses temas fazem parte da subjetividade do autor, marcam seu pertencimento ao grupo dos congadeiros, ao Terno do Prego e sua relação com a festa. A frequência dos temas da fé e tradição é a marca implícita de autoria que torna possível perceber que as congadas não apenas fazem parte do cotidiano da cidade ou dos critérios estabelecidos pelo jornal para periodicidade do assunto, mas também possuem ligação com a vida do jornalista. Ele elabora os enunciados em função do público-leitor do jornal, ao mesmo tempo em que dialoga com outros discursos que constituem a festa (discurso religioso, jornalístico, comercial).

Matérias/Temas	Terno do Prego	Fé	Tradição
“Tambores para louvar”	1	3	2
“Fé em azul e branco”	4	3	3
“Inspiração em Minas”	0	1	1
“Saúde ao novo rei”	1	3	4
“Tradicional terno fica fora de festa”	2	1	1
“Catalão celebra as congadas”	0	0	0
“Soam os tambores”	1	2	2

Tabela 1- Recorrências temáticas das matérias³³

Partindo do pressuposto que as matérias possuem regularidade (são publicadas na época da festa) e que foram analisadas sete matérias no período entre 2010 e 2014, conclui-se também que os temas da fé e tradição não apenas constituem o sujeito-autor, mas também vendem matérias e garantem público para o jornal e para as congadas. O jornal busca responder à demanda do público-leitor frequentador ou não da festa, por isso, a regularidade da situação social reflete também na regularidade das matérias e relativa estabilidade da composição (forma) do gênero utilizado. Isso também permite dizer que o contrário também ocorre: o gênero utilizado reflete e transforma as relações sociais, ou seja, a periodicidade das matérias no período das congadas busca atender a demandas de agendamento do próprio jornal, divulgar o evento, vender o jornal (ou no caso, vender assinaturas para o portal eletrônico).

No entanto, ainda em relação aos gêneros, foi possível observar que dentro da editoria Magazine, onde estão alocadas todas as matérias analisadas, existe certa autonomia de escrita, e, por isso, maior presença de gêneros híbridos, entre perfil, notícia e reportagem. A multiplicidade de temas da editoria permite, com isso, demonstrar como a interação do público-leitor permite maior heterogeneidade de gêneros, pois esse público também é heterogêneo e o jornal, como empresa comercial, busca atender às demandas de seus assinantes. Em contrapartida, as recorrências temáticas garantem o público-leitor que também frequenta as congadas.

³³ Para facilitar a visualização e compreensão das recorrências temáticas nas matérias, optou-se por numerar a ocorrência de cada tema (presentes em signos verbais ou visuais) nas partes que compõem a estrutura do gênero: título, linha fina, imagem e texto.

Nesta pesquisa foram analisadas sete (7) matérias publicadas pelo jornal *O Popular* sobre as congadas a fim de analisar a autoria e constituição do sujeito-autor. Com o auxílio do arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, foi possível compreender como a esfera jornalística organiza os gêneros de acordo com a função social que eles exercem e o público-leitor a quem se dirige os textos jornalísticos. O acabamento que o sujeito-autor dá aos enunciados é também influenciado pelos discursos que permeiam o tema das congadas, bem como sua vivência como congadeiro e pertencente ao Terno do Prego, que aparece com frequência em suas matérias. Ele não se distancia do objeto do discurso, por isso as marcas de autoria aparecem na forma de recorrências temáticas (mostradas na tabela 1), além do tom romântico com que ele descreve a origem das congadas e o sincretismo religioso. Dessa forma, ele apaga os embates que pertencem à realidade da festa e se apega às tradições em seu discurso. A mistura dos elementos religiosos africanos e europeus é ressaltada com orgulho, da mesma forma que é valorizada a permanência de costumes antigos, versões e história contadas pelos antepassados numa tentativa de estabilizar as congadas em um tempo-espaço (cronotopo) em que família, tradição e fé são mais valorizados.

Ainda em relação ao posicionamento do sujeito-autor, este se constrói sempre em relação com o “outro” a partir da interlocução com os discursos e aspectos das congadas e também a partir da demanda mercadológica do jornal. O sujeito-autor, portanto, se mobiliza ao dar enquadramento a outras vozes, interpretando os fatos da linguagem e da vida social. Macedo não aborda, porém, a luta do negro e o apagamento de suas raízes para a transformação na festa da Nossa Senhora do Rosário aos moldes atuais. As vozes coletivas da tradição das congadas aparecem ora para corroborar seu discurso e sua visão sobre a grandiosidade e religiosidade da festa, ora para divulgar e vender o evento. Nesse caso, as fontes representam os discursos oficiais (festeiro, presidente da Irmandade, rei do congado, congadeiro) e nenhuma apresenta visão negativa ou crítica sobre a festa. Do mesmo modo, o sujeito-autor coloca seus valores e dialoga com os discursos do meio que o rodeia, ao mesmo tempo em que obedece ao fator de periodicidade do conteúdo temático (as matérias sempre são publicadas no período da festa). Essas escolhas também são justificadas a partir da “imagem” do público-leitor, que orienta ideologicamente a constituição e o funcionamento da esfera jornalística.

Assim, a escolha da forma do gênero se relaciona à proposta informativa do jornal, que busca atender demandas como veículo de comunicação, bem como em relação à temporalidade, ao escolher o momento em que as notícias de determinado tema serão divulgadas. Para Fiorin (2006, p. 74), essa escolha é “determinada pela especificidade de uma

dada esfera da troca verbal, pelas necessidades de uma temática, pelas relações entre os parceiros de comunicação, etc”. Dessa forma, o texto escrito pelo jornalista, pela proposta comunicativa que deve atender segundo as demandas do editorial, “adapta-se ao gênero escolhido, desenvolve-se sob a forma de um gênero dado” (2006, p. 69).

A escolha pelo gênero pode ser, desta forma, uma possibilidade de novidade no jornalismo. Se gêneros híbridos oferecem uma estrutura menos rígida e com maior liberdade de expressão do locutor ou jornalista, novas formas de observar a realidade podem mudanças no fazer jornalístico. Fiorin (2006, p. 69), sobre os gêneros discursivos, também trabalha sua relação com a apreensão da realidade. Para ele, os gêneros “são meios de apreender a realidade. Novos modos de ver e conceptualizar a realidade implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes [...] novos gêneros ocasionam novas maneiras de ver a realidade”. Se o gênero notícia permite menos autonomia no fazer jornalístico e também “apaga” a voz do jornalista e outras vozes sociais, para Medina (2011), a relação com a dinâmica social é imprescindível para a existência do jornalista-autor:

E o que faz o jornalista quando levanta informações, administra uma pauta, sai a campo para articular significados e cria uma narrativa de indiscutível autoria? Em que se diferencia de outros intelectuais? Em densidade e complexidade, não. Em mapeamento e descoberta, não. No brilho de histórias de vida, não. Em valorização das raízes históricas, não. Em afloramento de marcas de identidade, não. A narrativa autoral do jornalista só se distingue de outras narrativas inteligentes pela urgência da contemporaneidade e pela linguagem do diálogo social que pesquisa a vida inteira.

Não se pretende, com a conclusão desta pesquisa, afirmar que apenas uma interpretação é possível, mas abrir caminhos para que outras interpretações e outros estudos possam ser realizados. Por isso, este trabalho também contribui para a consolidação da perspectiva dialógica e transdisciplinar do Círculo de Bakhtin e a possibilidade de interação com outras áreas das Ciências Humanas e o campo da Comunicação. Além disso, a presente dissertação pode suscitar outras pesquisas que trabalhem com discursos sobre as congadas, em especial o discurso do principal jornal da região sobre o assunto. Por fim, por meio do estudo do cronotopo, da autoria e dos gêneros, pretende-se contribuir não só para pesquisas acadêmicas, mas também para que estudantes da área de Letras e Linguística possam compreender o funcionamento da esfera jornalística e seus processos, linguagens e posicionamentos ideológicos.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-PEREIRA, R; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob a perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. *Revista Letras, UFSM, Santa Maria – RS*, v. 01, n. 40, 2010. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r40/artigo_08.pdf>. Acesso em 17 dez. 2018.
- AMORIM, Marília. **O Pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2001.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ARÁN, Pampa Olga. A questão do autor em Bakhtin. Trad. Maria Helena Cruz Pistori. **Bakhtiniana**, São Paulo, número especial: 4-25, jan./jul. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/17700>>. Acesso em: 17 dez. 2018.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6a. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- _____. **O freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRAZ, Michelle Moreira; SARDINHA, Antonio Carlos. Caracterização e análise do perfil como gênero em ‘Sinatra está resfriado’. **Letras Escreve**, Macapá, v. 8, n. 1, 1º sem., 2018.
- BEZERRA, Paulo. Freud à luz de uma filosofia da linguagem. In: **O freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BORGES, Rosana Maria Ribeiro; CHAVEIRO, Eguimar Felício. As entrelinhas não publicadas de um jornal diário: o roubo da história de Câmara Filho na criação e consolidação do jornal O Popular (GO). In: **9º encontro Nacional de História da Mídia**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Ouro Preto, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/as-entrelinhas-nao-publicadas-de-um-jornal-diario-o-roubo-da-historia-de-camara-filho-na-criacao-e-consolidacao-do-jornal-o-popular-go>. Acesso em 29 dez. 2018.

CARVALHO, G. Diretrizes para a Análise de Discurso em Jornalismo. **Revista Uninter de Comunicação**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 5-27, jun./dez. 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1954.

CEZAR, Lilian Sagio. Saberes contados, saberes guardados: a polissemia da congada de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 18, n. 38, p. 187-212, Dez. 2012 .

COSTA, Carmen Lúcia. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão – Goiás**, 2010. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As Raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário**, 2006. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2006.

DE PAULA, Luciane. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 239-258, jun 2013.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso – reflexões introdutórias**. 3a. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FIORIN, José Luiz. Os gêneros do discurso. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006, p. 60-76.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. Como se exerce o poder? In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault - uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 283-295.

_____. **Microfísica do Poder**. 11a ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault - uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GUBERT, Antonio Luiz. O gênero “notícia” sob a perspectiva dialógica de Bakhtin. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 241-252, mai./ago. 2015.

LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2001.

MACEDO, Robson Antônio. **Congada de Catalão**. Goiânia: Talento Gráfica e Editora Ltda, 2007.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.

MACHADO, Marcia Benetti; JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. Brasília: Compós, 2001. Disponível em: http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2001/machado_jacks2001.rtf. Acesso em 15 dez. 2018.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

MEDINA, Cremilda. O jornalista-autor e a mediação do real – Para além de novas ou velhas gramáticas. **Revista IHU On-Line**, São Leopoldo, n. 447, ano XIV, p. 35-37, junho, 2014. Entrevista concedida a Andriolli Costa.

_____. O que define o jornalista como Autor? Observatório da Imprensa, São Paulo, n. 655, ano 11. 2011. Disponível em: < <http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/o-que-define-o-jornalista-como-autor/>>. Acesso em: 17 de dez. 2018.

MEDVIÉDEV, Pável. Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: Uma introdução crítica a uma poética sociológica.** Tradução Ekaterina Américo e Sheila Camargo Grillo, São Paulo: Contexto, 2012.

NASCIMENTO, Wellington dos Reis. **Da congada catalana do Catupé Amarelo no Facebook: uma análise dialógica do enunciado verbovocovisual,** 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica de Letras e Linguística, UFG, Catalão, 2017.

NAVARRO, Pedro. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, I. (org.). **Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória.** São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p. 59-74.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, V., NAVARRO-BARBOSA, P. (org.). **M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade.** São Carlos: Editora Claraluz, 2004, p. 97-130.

OLIVEIRA, Clécio Luis Gonçalves de. **Construção midiática do estereótipo Lula na materialidade verbovocovisual,** 2017, 100 p.. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica de Letras e Linguística, UFG, Catalão, 2017.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2008.

RESENDE, Fernando. Representação das diferenças no discurso jornalístico. **Brazilian Journalism Research,** São Paulo, v. 11, n. 2, p. 206-221, 2014.

RODRIGUES. R. H. **A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SCHNEIDER, Márcia Andréia; SOARES, Alexandre S. Ferrari. **A concepção de verdade no discurso jornalístico: o imaginário dos leitores da Folha de Londrina.** In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1707- 1718.

SOUZA, F. M. G. **Discursos da mídia jornalística sobre a universidade:** a Universidade Federal de Goiás em foco, 2015, 228 p.. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica de Letras e Linguística, UFG, Catalão, 2015.

STAFUZZA, Grenissa Bonvino; DINIZ, Giovanna dos Santos. O enunciado verbocovisual “Guerra do Rio”, do Jornal Extra: o signo ideológico “Guerra” em estudo. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, [S.l.], v. 27, n. 1, p. 275-298, jan. 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/13185>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular 2a. ed., 2005.

VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Prefácio “Eu e a Congada”

EU E A CONGADA

O desafio de fazer um livro sobre a congada de Catalão cresceu a partir do momento em que percebi que, nos meus 35 anos fazendo parte de uma das maiores festas populares do Brasil, não poderia usar somente minha formação em Jornalismo. Eu corria (e corro) o risco de repetir estudos já realizados. Não que sejam trabalhos ruins, mal formulados ou sem metodologia científica, mas falta a eles a alma de congadeiro.

Narrar uma festa afro-brasileira tradicional e rica em detalhes não se faz em poucos dias, mesmo com muita disposição para acompanhar as celebrações religiosas e os ternos de congo pelas ruas de Catalão. Para um congadeiro, como eu, não há palavras para explicar a batida de uma caixa no primeiro ensaio em pleno calor de agosto; o acompanhamento da confecção da farda que será usada durante a festa; o agradecimento a Nossa Senhora do Rosário, por meio de orações, por estar ali mais um ano cumprindo a promessa feita ainda no nascimento; a alegria de ver outros brincadores uniformizados; e o vazio de perceber que aquele momento tão esperado de sair às ruas vestido a caráter e com o instrumento passou numa fração de segundo.

Buscar recursos na História, na Antropologia ou em outras ciências humanas para mostrar a terceiros a congada talvez seja em vão para quem está diante da simplicidade de congadeiros e congueiros. Eles (nós) têm (temos) uma simples explicação para a tradição que é secular em Catalão: a devoção a Nossa Senhora do Rosário. A fé, que às vezes parece longe dos cantos

e do batuque, é que sustentará ao longo dos séculos a festa catalana.

Fui atrás de “outras almas” para que me ajudassem a fazer este livro. Como sou filho, neto e bisneto de congadeiros, procurei resgatar histórias (mitos e lendas) contadas há décadas por eles e por velhos brincadores. Narração, na maioria das ocasiões, excluída por pesquisadores enregues às ciências humanas. Errado ou certo continuar reproduzindo-as nesta preciosa obra? Confesso que a resposta fica para o leitor.

É preciso lembrar que, verdadeiras ou lendas, são essas histórias que passam e garantem de geração a geração a preservação do louvor a Nossa Senhora do Rosário, além de manterem viva a tradição da congada. Perdê-las seria cometer “pecado” semelhante ao de alguns velhos congueiros, que morreram e deixaram pouco registro do caminho que percorreram. Por isso, é difícil levantar a vida da congada na cidade catalana.

Contudo, é preciso ressaltar que no trabalho de pesquisa é complicado encontrar datas para fatos e cronologia nas histórias. Mas a delícia de fazer isso é descobrir a simplicidade da festa que os negros construíram ao longo do tempo e não se preocuparam em ter um só dono. Sem a presença de alguns personagens lendários, já que morreram no século passado, outros congueiros reafirmam tudo do mesmo modo que ouço há décadas. Sem contar que descobri um material inédito: as músicas do ex-capitão Geraldo Preg Suas composições, da década de 70, abre cada capítulo deste livro. Tenho que agradecer



Robson Macedo (D), em 1973, com a tia Neuza, a avó Amazília e a irmã Sandra



Robson Macedo, em 2004, com os filhos Lucas (atrás), Vinícius e Robson Filho (no colo)

BIBLIOTECA
C. G. J. U. C.

família Arruda por me fornecer os manuscritos de Prego, até hoje não explorados e que dariam outro bom livro.

E não posso esquecer de que a concretização desta obra só foi possível com o patrocínio da Petrobras, à qual serei eternamente grato pela oportunidade de mostrar ao Brasil a congada.

Como sei que posso esquecer de colaboradores que me refrescaram a memória ou deram norte à coordenação da pesquisa, não os citarei. Quero que saibam que sou grato por me emprestarem conhecimento para contar suas histórias.

Aos meus pais (Tirço e Beatriz), meus irmãos (Sandra, Rodrigo e Liliane) e à minha mulher (Estela), obrigado pelo apoio. Aos meus filhos (Lucas, Vinícius e Robson Filho), pois espero que no futuro possam ler e repassar a todos o que a família ajudou a construir para a cultura afro-brasileira em nosso País, motivo de muito orgulho. Aos meus sobrinhos (Gabriel, Matheus, Marcos Paulo, João Pedro, Felipe e Luísa), o trabalho não será diferente daquele de manter viva a tradição dos trisavós.

A Antônio Simplício Macedo (meu avô paterno) e a Amazília (avó), onde quer que estejam, este livro tem um pouco de vocês, que se dedicaram até quando puderam para dar continuidade a tudo o que hoje existe. Obrigado!

A todos os congueiros que conheci em 35 anos de idade e aos novos que estão chegando: Salve o Rosário!

Robson Macedo,
jornalista

ANEXO B – “Tambores para louvar” (O POPULAR, 29 de setembro de 2010)

MAGAZINE

Tambores para louvar

Começa na madrugada de amanhã em Catalão a 134ª edição da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Congada sai à rua para anunciar início das celebrações

29/09/2010 - 17:20



Robson Macedo

Um ritual secular se repetirá na madrugada desta sexta-feira em Catalão, a 256 quilômetros de Goiânia. Às 3 horas, 21 grupos da congada percorrem as ruas da cidade para anunciar a abertura da 134ª edição da Festa de Nossa Senhora do Rosário, evento que reúne elementos da cultura afro-brasileira, a fé católica e o comércio popular. Durante 11 dias são esperados milhares de devotos, que terão novidades no ritual e a volta de um dos mais tradicionais grupos da região.

Uma das mudanças significativas no ritual celebrado nos últimos anos é o fim do cortejo dos ternos (grupos da congada) no domingo pela manhã entre a Igreja Matriz São Francisco e a Capela de Nossa Senhora do Rosário. A demora para a chegada dos participantes e para percorrer o trajeto atrapalhava a realização da missa campal, que começava atrasada ? por volta das 12 horas. Por causa do sol nesta época do ano, nem os membros da congada nem os fiéis ficavam para a celebração. "Agora, os ternos vão tomar café, entram na Capela de Nossa Senhora do Rosário e já ficam para a missa, que começa às 9 horas", anuncia o presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário,

Leonardo Costa Bueno. Um grupo de congueiros foi montado para cantar e tocar durante a celebração.

A programação começa na madrugada desta sexta-feira e termina dia 11. A congada uniformizada só se apresenta nos dois últimos dias. Além da alvorada das 3 horas de amanhã, há mais dois momentos em que os grupos tocam sem a vestimenta: no dia 7 para celebrar o Dia de Nossa Senhora do Rosário e dia 9 para levantar as bandeiras de Nossa Senhora e São Benedito.

A tradição dos balões para a procissão de sábado, antes de levantar as bandeiras, foi resgatada, segundo Leonardo Bueno. Poucas vezes a prática foi repetida desde a morte do empresário Jorge Primo, no início dos anos 90, pois sua família desistiu em 2002 de continuar o evento que durou 62 anos. Da casa de Primo saía a bandeira de Nossa Senhora do Rosário em direção à capela acompanhada de fiéis com os balões e dos ternos. Este ano serão cerca de 1,5 mil peças à disposição dos devotos e o mordomo do mastro é o empresário Dorivan Duarte.

Nova santa

Uma nova imagem de Nossa Senhora do Rosário, com 1,30 m de altura, chegou terça-feira a Catalão. Inspirada em uma peça menor que serve de veneração dos devotos há décadas no interior da Capela de Nossa Senhora do Rosário, a nova imagem foi confeccionada em Guaratinguetá (SP) e será colocada na recém-inaugurada gruta em frente à igreja. A imagem é de resina e a coroa é de metal e banhada a ouro.

No ano passado, 20 grupos (chamados de ternos) participaram da festa. O evento manteve a animação e o colorido, mas perdeu na batida dos tambores (caixas) sem o terno do Preto, fundado em 1961 pela família Arruda e que em 2009 se ausentou por motivo de doença entre seus membros. O terno do Prego se apresenta com os outros 11 grupos de congo, 4 catupés cacunda, 2 vilões, 2 moçambiques e 1 penacho. Cada um tem seu estilo, com a cor da roupa, dança, instrumentos e ritmo próprios. Dois grupos de Goiânia se apresentam: Vinho e Branco e 13 de maio.

Fartura no café da manhã e no almoço

A mesa para o café da manhã e o almoço dos 21 ternos de congo, da família real e dos convidados é com muita fartura. São 30 casais e voluntários que trabalham na preparação dos alimentos com a expectativa de receber aproximadamente 3 mil pessoas nos dois dias finais (10 e 11/10) da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Como manda a tradição, o festeiro é o responsável por organizar as refeições no evento. E o casal Juliano e Nara Rúbia Tavares foi escolhido no ano passado para a função, que nos primeiros anos da festa (o marco do início é 1876) era desempenhada pelos fazendeiros donos dos escravos e cujas famílias eram devotas de Nossa Senhora.

Porém, o financiamento da despesa para receber os milhares de convidados não fica exclusivamente para o festeiro, como no período dos fazendeiros. "Fizemos alguns eventos, como jantar-dançante, festa, arraial e leilão, para arrecadar dinheiro para a alimentação. Também recebemos uma boa ajuda da prefeitura de Catalão", contou Juliano Tavares, de 37 anos, que é empresário.

Segundo ele, no café da manhã deste ano tem biscoito (200 kg por dia), pão de queijo (100 kg), bolo (100 kg), broa (50 kg), leite (200 litros), café (100 litros) e suco (50 litros). Já no almoço, arroz (120 kg), feijão (80 kg), macarrão (150 kg), carne de frango (300 kg), carne bovina (300 kg), carne de porco (300 kg), alface (100 pés), tomate (50 caixas) e refrigerante (1,8 mil litros). As refeições serão servidas no Centro Folclórico da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Além de coordenar a alimentação, o casal Juliano e Nara Rúbia também é responsável pela parte festiva do evento. Na rua em frente à Capela Nossa Senhora do Rosário é montado o ranchão, uma tenda grande. Até nos anos 80, esse ranchão era feito com palha de coqueiro pelos integrantes do grupo da congada com ajuda do festeiro. A tradição acabou.

A justificativa para o fim foi a segurança (a palha poderia pegar fogo facilmente) e a dificuldade de manter a higiene no local, onde são realizados os leilões e show musicais e servidas ceias à noite durante os 11 dias. "Este ano não vamos cobrar ingressos para entrar no ranchão. As pessoas pagarão 2 reais pela cadeira no local por noite", disse Juliano.

Barraquinhas estão de volta

Na festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão em 2009 ficou faltando algo para manter a tradição secular: as famosas barraquinhas. Com a justificativa de que os casos de gripe A (H1N1) na cidade poderiam aumentar, um comitê local recomendou que as barracas não fossem montadas para a venda de produtos (brinquedo, vestuário e calçado) e de alimentação. Este ano, as barraquinhas estão de volta. Os comerciantes municipais e de outras partes do Brasil alugam da prefeitura de Catalão os 859 pontos para 12 dias.

O preço do aluguel do terreno depende do local e da metragem. O valor varia entre R\$ 250 a R\$ 2 mil. Além dos 859 pontos organizados pela prefeitura, os donos das casas em volta da Capela de Nossa Senhora do Rosário podem usar a área de sua garagem para vender produtos ou alugá-la. Por isso, o cálculo da prefeitura é de que as barraquinhas podem ultrapassar as 1,2 mil. Historicamente, as barracas eram montadas para a festa de Catalão para receber os devotos para a festa. Como não havia hotel nem a disposição dos moradores para receber os fiéis, a maioria da zona rural, a acomodação era em barracas. Com o passar dos anos, começou o comércio. "Mas eu não me lembro de nenhuma festa em Catalão sem as barraquinhas, como ocorreu no ano passado", afirma Antônio Cassimiro, dançador de congo de 93 anos.

PROGRAMAÇÃO

AMANHÃ

3h ? Alvorada festiva com a presença dos grupos de congo

19h ? Missa solene de abertura

20h30 ? Show de Celina Borges

SÁBADO

19h ? Missa na capela de Nossa Sra. do Rosário

DOMINGO

8h30 ? Missa na Matriz São Francisco de Assis

19h ? Missa na Capela Nossa Sra. do Rosário

4/10 (SEGUNDA-FEIRA)

18h ? Procissão de São Francisco de Assis ? saída da Matriz São Francisco de Assis 19h ? Missa

5/10 (TERÇA-FEIRA)

19h ? Missa

6/10 (QUARTA-FEIRA)

19h ? Santa Missa

7/10 (QUINTA-FEIRA)

19h ? Missa e coroação de Nossa Sra. do Rosário.

20h ? Apresentação de congadas

8/10 (SEXTA-FEIRA)

19h ? Missa

9/10 (SÁBADO)

Levantamento das Bandeiras Nossa Sra. do Rosário e São Benedito

18h ? Procissão

19h ? Missa na Capela Nossa Sra. do Rosário

10/10 (DOMINGO)

8h ? Apresentação de congadas

9h ? Missa

18h ? Procissão seguida de missa

11/10 (SEGUNDA-FEIRA)

9h ? Missa com os romeiros

15h ? Entrega da coroa: saindo da Capela Nossa Sra. do Rosário para a Igreja Nova

Matriz

ANEXO C – “Fé em azul e branco” (O POPULAR, 29 de setembro de 2011)

Fé em azul e branco

Festa tradicional começa na madrugada desta sexta e marca o aniversário de 50 anos do Terno do Prego

29/09/2011 - 02:00

A batida no couro da caixa é singular. O azul piscina da camisa e o branco da calça transformaram o uniforme num clássico. O estandarte carregado por virgens com a imagem bordada de Nossa Senhora do Rosário abre caminho para centenas de dançadores. O canto forte dos homens é proclamação de fé e devoção. Do lado esquerdo do peito, um brasão lendário: a espada, a folha de louro e o cálice com um coração perfurado. É proteção de todos. Estes elementos são características únicas do Terno do Prego - grupo que está completando 50 anos de existência em 2011 - na Congada de Catalão. As festividades de Nossa Senhora do Rosário, nas ruas catalanas, começam na madrugada desta sexta-feira.

O grupo (terno) foi fundado em 27 de maio 1961 pelo pedreiro Geraldo Arruda, descendente de escravos e fervoroso devoto de Nossa Senhora do Rosário. Conhecido pelo apelido de Prego, Geraldo começou ainda criança na congada em Catalão cumprindo a promessa de seus pais. Mas a sua história foi construída debaixo da sombra das mangueiras na popular Rua da Capoeira (antes Rua dos Pretos ou das Bananeiras e, atualmente, Rua José Saturnino de Castro). O terno tinha apenas 12 membros em seu primeiro ano e hoje são mais de 100 participantes. "A base do terno sempre foi a nossa família", conta Elzon Arruda, de 70 anos, o mais velho dos dez filhos do Prego e o capitão-responsável pelo batalhão. A quarta geração de Geraldo Prego (bisnetos) já participa ativamente das atividades do grupo.

Caderno

Prego morreu em 15 de novembro de 1984. Em um caderno de anotações, deixou registradas suas composições. São músicas para serem cantadas pelo grupo e que mais se assemelham a orações pedindo proteção divina. Mesmo na cadeira de rodas e sem condições de acompanhar o terno, ele exigia disciplina dos filhos para manter a tradição. Os horários dos ensaios e das visitas aos devotos, a religiosidade e o cuidado com o uniforme eram cobrados constantemente. E um dos ensinamentos do pai, Elzon faz questão de repetir: "Não dançamos para fazer bonito pros outros. É por devoção e pela fé em Nossa Senhora do Rosário."

Em 50 anos de história, a morte de filhos e as doenças em família provocaram crise e ameaçaram o fim da atividade do Terno do Prego. Até que, em 2009, Elzon e seu irmão, Edson (2º capitão), sucumbiram à enfermidade e pela primeira vez as caixas da Rua da Capoeira silenciaram durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário. A pressão da sociedade catalana pelo retorno em 2010 foi enorme. "A parada em 2009 fortaleceu mais ainda os laços com os dançadores. Era visível no rosto de cada um a satisfação de sairmos novamente no ano seguinte", recorda Elzon.

Para comemorar o cinquentenário, um site (www.ternodoprego.com.br) será lançado dia 5 de outubro para contar a história do Terno do Prego e sobre a Congada de Catalão. Uma inovação será apresentada aos dançadores: as caixas com armadura (chamado de bojo) de fibra de vidro. Este ano, serão testados cinco tambores. A tradição é o bojo ser feito de madeira ou chapa de aço.

"Estamos preservando a natureza. Para confeccionar cada caixa precisávamos matar uma árvore. O restante do processo da confecção não foi alterado", explica Egio Arruda, de 53 anos. Ele assegura que o som do instrumento, que é uma das referências do grupo na congada, ficou até melhor.

A sombra das mangueiras na casa da família Arruda também criou uma tradição no fim de semana da Festa de Nossa Senhora do Rosário: o almoço. A proposta inicial era servir a refeição na sede do terno para dançadores, familiares e colaboradores. Porém, ano a ano, o número de catalanos que participa do almoço cresceu. Hoje é um grande evento.

Por causa das festividades dos 50 anos, são esperados no dia 10 de outubro cerca de 1,5 mil pessoas. As mulheres da família do Prego preparam a refeição - arroz, feijão, macarrão, salada (tomate, alface e pepino), salpicão, carne de boi, pelota e suco de caju - com a ajuda de vizinhos e amigos. Os convidados se ajeitam como podem na área de aproximadamente 3 mil metros. Os Arrudas recebem ajuda financeira da Prefeitura de Catalão e da comunidade para pagar os custos.

Evento: 135ª Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Catalão

Período: de amanhã a 10 de outubro

Programação de abertura: Amanhã 2h - Alvorada Festiva 19h - Missa Festa tradicional começa na madrugada desta sexta e marca o aniversário de 50 anos do Terno do Prego



(Foto: Enio Tavares Fernando Cândido)



Terno do Prego durante a Entrega da Coroa no ano passado: grupo fundado em 1961 conta atualmente com mais de cem participantes (Foto: Enio Tavares Fernando)



Bandeirinhas (acima) com o estandarte de Nossa Senhora do Rosário. Capitão Elzon Arruda (de branco na foto ao lado) mantém a tradição deixada pelo pai, Geraldo Prego, na condução do terno há mais de 30 anos (Foto: Enio Tavares)



(Foto: Enio Tavares Fernando Cândido)

ANEXO D – “Inspiração em Minas” (O POPULAR, 3 de outubro de 2013a)

Inspiração em Minas

03/10/2013 - 02:00

O início da congada, na narração dos velhos integrantes dos ternos de congo em Catalão, é uma mistura de lenda e história da luta dos negros no período da escravidão no Brasil. O que se celebra na cidade goiana seria uma conquista dos africanos e seus descendentes brasileiros, que receberam a autorização dos patrões para ter um dia em especial para proclamar a sua fé, desde que não fosse longe da senzala. Eles, então, resolveram fazer tudo de acordo com os rituais de sua origem na mãe África.

Nesse momento entram na cerimônia religiosa os tambores, a dança, o canto e as roupas coloridas, comuns nas festas africanas, principalmente no Congo, na Angola e em Moçambique.

A origem da Festa de Nossa Senhora do Rosário e o início da congada em Catalão têm várias versões. A exemplo dos velhos congueiros e moradores antigos da cidade, os escritores da época também deixaram poucos registros. O que se sabe, muitas vezes, é a história oral passada de pai para filho. Mas há certa unanimidade. A congada de Catalão tem fortes influências do congado de Minas Gerais.

Em uma versão popular bem conhecida, o fazendeiro Pedro Netto Carneiro Leão, que morava em Araxá (MG), se estabeleceu na cidade, se deu bem nos negócios e prometeu fazer uma festa para a santa. Só que ele ficou doente e recomendou ao filho, Augusto Netto Carneiro, que cumprisse a tarefa de montar a congada. O desejo foi atendido.

Coronéis

Uma outra história contada sobre a origem da congada envolve três grandes fazendeiros que tinham muitos escravos. Chamados de coronéis, João de Cerqueira Netto, da Fazenda Ribeirão, João Eustáquio de Macedo e Irineu Francisco do Pereira, ambos da Fazenda Ouvidor, deram muito apoio à Festa de Nossa Senhora.

Eram sempre eles ou os parentes que se revezavam no comando do evento. Nessa época não havia ranchão, barraquinhas nem barraqueiros. Toda despesa corria por conta dos festeiros, que não buscavam donativos para cobrir os gastos.

Eles matavam vacas, porcos, frangos e enchiam latas de querosene com doces para a alimentação dos dançadores, dos familiares e de quem acompanhasse os ternos de congo.

ANEXO E – “Saúde ao novo rei” (O POPULAR, 3 de outubro de 2013b)

Saúde ao novo rei

Ajudante de encanador assume posto de comando máximo na tradicional festa de Catalão. Aos 35 anos, ele segue os passos do avô

03/10/2013 - 02:00



Terno de congo se apresenta em Catalão: festa começa na madrugada desta sexta-feira, com a participação de 20 grupos de congada (Foto: Benedito Braga)

Cleiber Francisco Inês é rei em Catalão. Mas seu reinado está bem longe de ter privilégios, mordomias ou glamour, a exemplo da família real inglesa. Aos 35 anos, o ajudante de encanador trabalha de segunda a sexta-feira, não tem carro e mora em uma casa simples. Ele é rei do congado, posto que assumiu em julho depois da morte de seu tio Eurípedes Rita.

Autoridade máxima na congada catalana, Cleiber confessa que ainda se sente desconfortável no cargo. A falta de experiência é o principal problema. Ele tenta apressar o aprendizado consultando o Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para saber mais sobre sua função e pede ajuda aos amigos mais velhos de congado. Sua escolha para o cargo foi uma surpresa, já que não esperava a indicação da tia, a rainha Eloene Rita. “Levei o maior susto quando meu nome foi aprovado (como novo rei). Naturalmente, o rei teria de ser o filho de Eurípedes

(Sidney). Eloene poderia até indicar o filho dela, mas não quis”, justificou Cleiber.

A rainha viu em Cleiber o substituto ideal de seu irmão, que exerceu o papel de rei durante 29 anos. Ela pensou em indicar o filho, Leopoldo, mas desistiu por considerá-lo novo (27 anos). O irmão, Sebastião, é muito tímido e teria dificuldade para se relacionar com os súditos. O sobrinho, Sidney, se afastou um pouco da festa nos últimos anos. “Considero Cleiber um filho. Eu ajudei a criá-lo”, destacou Eloene. “Ele também tem história na congada”, acrescentou. Não há uma regra rígida na definição do rei na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

O novo rei participa da congada desde os 2 anos de idade. Foi um caminho natural sua entrada, pois sua família ajuda a organizar a festa há décadas. Os avôs, Carolina e Eloi, formaram o reinado por vários anos. Outros parentes fazem parte dos grupos. Até os 12 anos, Cleiber dançou em um terno de congo, depois foi ser príncipe no comando do rei Eurípedes. Com a morte do tio João Cláudio, foi elevado ao posto de general. “Mas nunca pensei em ser rei. Talvez, pela responsabilidade que o cargo exige”, admitiu.

Reserva

Em poucos meses de reinado, Cleiber reconhece que ter poder pleno sobre a congada não traz tantos benefícios. A primeira norma que aprendeu é que não pode se expor vergonhosamente diante da sociedade. Por isso, precisa de uma conduta mais reservada no dia a dia. A cerveja que tomava com os amigos nos bares agora não é mais aconselhável. O recomendado é levar para casa. Segundo ele, os velhos congadeiros fazem cobrança constantemente para que seja espelho para os mais jovens.

Cleiber fez sua primeira aparição como rei para o grande público no último ensaio para a festa, dia 29 de setembro, quando todos os grupos se reuniram na porta da igreja de Nossa Senhora do Rosário para cumprimentar o general, Laldemiro da Silva. Ele chegou com mais de uma hora de atraso ao local e foi cobrado pela demora. “Eles (dançadores mais antigos) pegam no pé mesmo. Sei que é para meu bem e para que eu possa desempenhar a função satisfatoriamente”, afirmou Cleiber, que dançou, pulou, cantou e cumprimentou as pessoas que estavam na porta da capela.

O rei já tem de tomar uma decisão difícil e que pode gerar polêmica no congado de Catalão. Ele avaliará a criação de três novos grupos após a Festa do Rosário, que começa na madrugada de amanhã e vai até o dia 14. O problema é um acordo entre os capitães de que a congada não tem mais espaço para crescer em número de ternos. Existem atualmente 21 agremiações. Só que os solicitantes são seus amigos. “Não sei como vou resolver a questão. Vou ouvir pessoas influentes para depois tomar uma posição”, prometeu.



Cleiber, o novo rei da congada: “Levei o maior susto quando meu nome foi aprovado”



Eloene, a rainha da festa: há nove anos no posto

ANEXO F – “Tradicional terno fica fora da festa” (O POPULAR, 3 de outubro de 2013c)

Tradicional terno fica fora da festa

03/10/2013 - 02:00

Nos últimos 50 anos, os devotos de Nossa Senhora do Rosário de Catalão se acostumaram ao batido inconfundível das caixas do terno de Prego. Só que a festa, que começa na madrugada de amanhã e termina no dia 14, não terá o grupo que usa o tradicional uniforme azul e branco. Com a morte do segundo capitão, Edson Arruda, a família decidiu se retirar das comemorações em 2013.

Fundado por Geraldo Arruda, o Prego, em 1961, o terno sempre teve como base de sua formação família e amigos. Com a morte de Edson, em maio, os irmãos consideraram inoportuna a participação na festa. Além de segundo capitão, Edson era um dos principais historiadores da congada. Ele guardava documentos e esperava publicar um livro com o material recolhido em mais de quatro décadas.

A contagem de edições da festa em Catalão foi estabelecida com a ajuda de Edson nos anos 80. A base dele foi um documento de 1876, no qual a Igreja Católica faz doação de um terreno para a construção da capela de Nossa Senhora do Rosário. Ele tinha consciência de que a congada poderia ser bem mais antiga na cidade, mas dizia que em determinado momento precisou ter um marco de início.

Em sua 137ª edição, a festa começa na madrugada de amanhã (a alvorada está marcada para as 2 horas) com a participação de 20 ternos, divididos em catupé, congo, vilão e moçambique. São dois grupos convidados – um de Goiânia e outro de Goiandira. De acordo com a tradição, os ternos só usarão uniforme nos dois últimos dias do evento, quando também saem às ruas para visitar os devotos de Nossa Senhora do Rosário.

A novidade este ano na celebração religiosa é a volta do cortejo entre a Igreja Matriz de São Francisco e a capela do Rosário no domingo pela manhã.

ANEXO G – “Catalão celebra a congada” (O POPULAR, 13 de outubro de 2013d)

Catalão celebra a congada

13/10/2013 - 13:32



Dançadores do moçambique tomam café (Foto: Robson Macedo)

Os 20 grupos de congada saíram uniformizados neste domingo, em Catalão, para a 137ª edição da Festa de Nossa Senhora do Rosário. São dois dias de celebração, que inclui missas, terços, visitas à casa dos devotos e apresentação dos ternos nas ruas.

A primeira atividade dos grupos neste domingo foi o café da manhã com os festeiros (casal responsável por organizar a parte festiva), no Centro Folclórico, que fica ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Centro da cidade. Depois, houve a missa dos romeiros. O almoço da maioria dos ternos também foi em conjunto.

A programação da noite prevê uma procissão, a partir das 18 horas, e depois tem mais uma missa. A expectativa dos organizadores é da participação de mais de 2 mil pessoas nas celebrações.

A Festa do Rosário de Catalão começou no dia 4 de outubro. O encerramento será nesta segunda-feira, quando será apresentado o novo festeiro, Joel Fernandes.



Sanfoneiro do terno de congo Carimbó (Foto: Robson Macedo)

ANEXO H – “Soam os tambores” (O POPULAR, 1º de outubro de 2014)

Soam os tambores

Festa que começa na madrugada de sexta-feira apresenta novidades nesta edição

01/10/2014 - 02:00

A 138ª edição da festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão tem início na madrugada desta sexta-feira com novidade na parte religiosa e na apresentação da congada. A abertura do evento está programada para as 2 horas com a saída dos 21 grupos (os ternos) para a Alvorada, que também conta com a participação dos moradores. As celebrações, com missas diárias e atividades festivas no salão (ranchão), vão até o dia 13.

A principal mudança é o novo local para a apresentação de encerramento, a chamada Entrega da Coroa. Nos últimos anos, a organização utilizava o espaço ao lado da Igreja Nova Matriz, no Bairro Mãe de Deus, para a cerimônia. No dia 13, o ritual será na Av. 20 de agosto, em frente à Praça Getúlio Vargas, onde será montado o palco. “Não teremos arquibancada, como montamos anteriormente. Não há espaço na avenida. Mas vamos colocar grades para separar o público dos ternos”, adiantou Leonardo Bueno, presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Com 52 anos de história em Catalão, o terno do Prego, que no ano passado não saiu por causa da morte de seu capitão, Edson Arruda, também está de volta à festividade. O grupo, conhecido pela tradicional calça branca e camisa azul, é formado basicamente por parentes e amigos da família Arruda. A farda (uniforme) de gala será usada somente nos dois últimos dias da festa, quando todos os ternos saem às ruas. No dia 12, o café da manhã de todos os dançadores será no salão de festa São Francisco. Depois, eles vão em cortejo para a Igreja do Rosário para a missa dominical.

Coroação

No dia 7, data que se comemora a coroação de Nossa Senhora do Rosário, será celebrada uma missa sertaneja, às 19 horas, na Igreja do Rosário. “Será uma missa cantada e com acompanhamento de violeiros. Tenho certeza de que os devotos vão gostar muito da novidade”, diz Joel Fernandes, que, ao lado da mulher Joana d’Arc, é o festeiro da 138ª edição.

Pela primeira vez, o padre Emerson Costa está à frente das celebrações da Festa do Rosário. Paulista de Santa Fé do Sul, ele chegou a Catalão no dia 1º de fevereiro, mas conhece a congada e os rituais por pesquisas de campo que realizou quando ainda estudava teologia. “No momento, vamos (a igreja) dar continuidade ao trabalho que já é desenvolvido. A festa é popular, mas tem muita espiritualidade e devoção à Nossa Senhora do Rosário”, comenta Emerson, que morou em cidades vizinhas a Catalão, como Goiandira, Urutaí e Cumari.



Congada de Catalão (Foto: Benedito Braga)